



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

TAYLANE VIEIRA DOS SANTOS

HIPEREDIÇÃO DO LIVRO *CANÇÕES DE MEU CAMINHO* DE EULÁLIO MOTTA

Feira de Santana – BA

2024

TAYLANE VIEIRA DOS SANTOS

HIPEREDIÇÃO DO LIVRO *CANÇÕES DE MEU CAMINHO* DE EULÁLIO MOTTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana, para obtenção do título de doutora em Estudos Linguísticos.

Orientador: Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros

Feira de Santana – BA

2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Taylane Vieira dos
S239h Hiperedição do livro *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta /
Taylane Vieira dos Santos. – 2024.
134f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Motta, Eulálio de Miranda, 1907-1988. 2. Canções de meu
caminho (livro). 3. Filologia. 4. Humanidades digitais. 5. Hiperedição.
I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II. Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 869.0(81).09

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

TERMO DE APROVAÇÃO

TAYLANE VIEIRA DOS SANTOS

HIPEREDIÇÃO DO LIVRO *CANÇÕES DE MEU CAMINHO* DE EULÁLIO MOTTA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Orientador



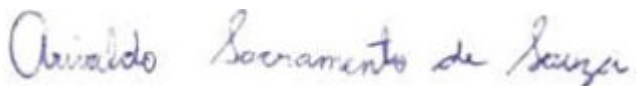
Profa. Dra. Alícia Duhá Lose

Universidade Federal da Bahia – UFBA



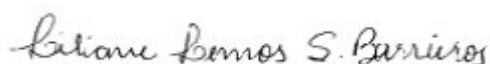
Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza

Universidade Federal da Bahia – UFBA



Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva

Universidade de Passo Fundo-UPF-RS



AGRADECIMENTO

A Deus, por toda força e saúde.

À família de Eulálio Motta, pela doação do acervo do autor e oportunizar a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Patrício Barreiros, pelos ensinamentos, incentivo e pela confiança depositada em mim.

À agência de fomento Fapesb pelos subsídios que viabilizaram a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Arivaldo Sacramento, pelas valiosas contribuições, pelo olhar crítico e atento e pela generosidade de partilhar seus conhecimentos.

À Profa. Dra. Alícia Lose, pela generosidade, gentileza e por todo conhecimento compartilhado desde o mestrado.

À Profa. Dra. Liliane Barreiros, pelas contribuições e incentivo durante os anos de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Miguel Rettenmaier, por ter aceitado participar desse processo de pesquisa desde o exame de qualificação, pelas importantes contribuições dadas a esta pesquisa.

Aos amigos de pesquisa, em especial a Juliana e Tainá, minha dupla, pelo incentivo mútuo, pelas experiências compartilhadas.

A minha família, pelo apoio, carinho, compreensão e incentivo.

Ao meu esposo David, pela parceria, apoio e compreensão.

A minha filha Safira, que chegou trazendo esperança e luz para minha vida.

A todos aqueles, que direta e indiretamente, contribuíram para a realização desse estudo.

Muito obrigada!

[...] Meu coração elegeu:
Você... primeiro lugar
E o segundo, também forte
Continua sem vagar...

Sonetos, poemas e trovas...
Momentos do meu passado...
Só me resta lhe dizer,
Sem mágoa: muito obrigado.

(Motta, EC1.33.CV1.21.005).

RESUMO

A presente tese, intitulada *Hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta* trata da edição e estudo do livro *Canções de meu caminho*, que faz parte do acervo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta, disponibilizada na internet através do domínio <https://cancoesdemeucaminho.com.br/>. A obra em análise apresenta duas edições publicadas e um projeto editorial da terceira edição. A primeira edição foi publicada em 1948, a segunda, provavelmente, em 1983 e a terceira edição viria a lume por volta de 1986. A partir da documentação do acervo de Eulálio Motta, constatou-se que o escritor atribuiu títulos e elaborou índices para projetos de livros que não foram publicados. Dentre os projetos editoriais, destaca-se o caderno *Canções de meu caminho* 3ª edição, que apresenta índice, textos reescritos acompanhados de rasuras e anotações. Além do caderno, há manuscritos, datiloscritos e impressos de poemas inéditos com indicações de que fariam parte da terceira edição. Esses indícios apontam para a intenção editorial de Eulálio Motta em publicar a terceira edição. *Canções de meu caminho* se conecta com diversas fontes documentais do acervo do escritor. A obra se relaciona com um conjunto de textos de natureza diversa que elucidam e contextualizam os poemas. Diante das características do *corpus*, das particularidades, da sua extensão e de toda sua complexidade, pensamos em um modelo editorial dinâmico e interativo que potencializa o aspecto relacional entre os diferentes tipos de textos e valoriza as camadas textuais, levando em consideração os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais. Dessa forma, o percurso escolhido foi a elaboração de uma hiperedição de 86 poemas que compõem as três edições do livro, por meio das camadas editoriais (fac-similar, transcrição linearizada, transcrição atualizada com links e confronto sinóptico). No que tange ao referencial teórico e metodológico, a pesquisa se baseou nas próprias fontes documentais preservadas no acervo e nos estudos até então desenvolvidos pelos próprios pesquisadores dos projetos de pesquisa; nos estudos da Sociologia do Texto, Filologia e Humanidades Digitais. Discute-se, aqui, o projeto editorial esboçado pelo autor e o estudo é subsidiado por reflexões interdisciplinares que perpassam os campos da Crítica Textual e Crítica Genética; Memória e Acervos de Escritores e pela Crítica Filológica.

Palavras-chave: Eulálio Motta; *Canções de meu caminho*; Filologia; Humanidades Digitais; Hiperedição.

ABSTRACT

This thesis, entitled Hyperedition of the book *Canções de meu path* by Eulálio Motta, deals with the edition and study of the book *Canções de meu path*, which is part of the collection of the Bahian writer Eulálio de Miranda Motta, made available on the internet through the domain [https:// cancoesdemeucaminho.com.br/](https://cancoesdemeucaminho.com.br/). The work under analysis presents two published editions and an editorial project for the third edition. The first edition was published in 1948, the second, probably, in 1983 and the third edition would come to light around 1986. From the documentation of Eulálio Motta's collection, it was found that the writer gave titles and created indexes for projects of books that were not published. Among the editorial projects, the notebook *Songs of my path* 3rd edition stands out, which features an index, rewritten texts accompanied by erasures, and annotations. In addition to the notebook, there are manuscripts, typescripts and printouts of unpublished poems with indications that they would be part of the third edition. These signs point to Eulálio Motta's editorial intention in publishing the third edition. *Songs of my path* connects with several documentary sources from the writer's collection. The work is related to a set of texts of different nature that elucidate and contextualize the poems. Given the characteristics of the corpus, its particularities, its extension and all its complexity, we thought of a dynamic and interactive editorial model that enhances the relational aspect between different types of texts and values textual layers, taking into account linguistic codes, bibliographic and contextual. Thus, the route chosen was the elaboration of a hyper-edition of 86 poems that make up the three editions of the book, through editorial layers (fac-similar, linearized transcription, updated transcription with links and synoptic comparison). Regarding the theoretical and methodological framework, the research was based on the documentary sources preserved in the collection and on studies previously developed by the researchers of the research projects themselves; in the studies of Sociology of Text, Philology and Digital Humanities. The editorial project outlined by the author is discussed here and the study is supported by interdisciplinary reflections that permeate the fields of Textual Criticism and Genetic Criticism; Memory and Collections of Writers and Philological Criticism.

Keywords: Eulálio Motta; *Songs of my path*; Philology; Digital Humanities; Hyperedition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa da primeira edição de <i>Canções de meu caminho</i>	28
Figura 2 -	Capa da segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	29
Figura 3 -	Recorte da folha de rosto da segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	30
Figura 4 -	Dedicatória da segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	31
Figura 5 -	Fac-símile do panfleto <i>Opiniões</i>	34
Figura 6 -	Fac-símiles do índice da segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	35
Figura 7 -	Recorte do manuscrito <i>Trovas antológicas</i>	36
Figura 8 -	Recorte do Caderno <i>Canções de meu caminho</i> terceira edição.....	36
Figura 9 -	Fac-símile do manuscrito <i>Sozinho</i> f. 11v.....	37
Figura 10 -	Fac-símile do manuscrito <i>Sozinho</i> f. 14v.....	37
Figura 11 -	Fac-símiles do índice da terceira edição de <i>Canções de meu caminho</i>	38
Figura 12 -	Capa e folha de rosto da terceira edição de <i>Canções de meu caminho</i>	39
Figura 13 -	Capa e folha de rosto do Caderno <i>Meu caderno de trovas</i>	40
Figura 14 -	Fac-símiles de <i>Outras cantigas e Casamento</i>	41
Figura 15 -	Recorte do manuscrito <i>Dia do namorado</i>	43
Figura 16 -	Recorte do datiloscrito <i>Doze trovas para ela</i>	43
Figura 17 -	Recorte do panfleto <i>Natal</i>	43
Figura 18 -	Print do site <i>Bahia humorística na escola</i>	75
Figura 19 -	Print do site <i>O Trovador</i>	76
Figura 20 -	Print do site <i>Flores e espinhos</i>	77
Figura 21 -	Print do site <i>Por uma ação católica: Cartas de Eulálio Motta</i>	78
Figura 22 -	Print do site <i>As Canções de Eulálio Motta</i>	79
Figura 23 -	Exemplo de edição fac-similar.....	97
Figura 24 -	Exemplo de transcrição linearizada.....	98
Figura 25 -	Exemplo de transcrição atualizada com links.....	99
Figura 26 -	Exemplo do confronto sinóptico.....	100

Figura 27 -	Exemplo de edição em pdf.....	102
Figura 28 -	Exemplo do processo de composição da Logomarca.....	106
Figura 29 -	<i>Design</i> da página inicial da hiperedição de <i>Canções de meu caminho</i>	107
Figura 30 -	Menu: Sobre.....	110
Figura 31 -	Menu: O Escritor.....	111
Figura 32 -	Menu: A Obra.....	112
Figura 33 -	<i>Flip book</i> da primeira edição de <i>Canções de meu caminho</i>	113
Figura 34 -	<i>Flip book</i> da segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	113
Figura 35 -	<i>Flip book</i> da terceira edição de <i>Canções de meu caminho</i>	114
Figura 36 -	Menu: A Edição.....	115
Figura 37 -	Edição: ordem alfabética.....	115
Figura 38 -	Edição: forma poética.....	116
Figura 39 -	Edição: década de escrita.....	116
Figura 40 -	Edição: monotestemunhais.....	117
Figura 41 -	Edição: politestemunhais.....	117
Figura 42 -	Edição: <i>Aquela árvore</i>	118
Figura 43 -	Sanfona: Testemunhos.....	119
Figura 44 -	Sanfona: Descrição.....	119
Figura 45 -	Sanfona: Nota do editor.....	120
Figura 46 -	Sanfona: Dossiê.....	120
Figura 47 -	Exemplo 1 de dossiê: <i>Aniversário D'ela</i>	121
Figura 48 -	Exemplo 2 de dossiê: <i>Aniversário D'ela</i>	122
Figura 49 -	Menu: Contato.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Projetos de obras inéditas de Eulálio Motta.....	22
Quadro 2 -	Poemas inéditos avulsos.....	41
Quadro 3 -	Poemas de <i>Canções de meu caminho</i>	44
Quadro 4 -	Poemas éditos de <i>Canções de meu caminho</i>	46
Quadro 5 -	Poemas inéditos de <i>Canções de meu caminho</i>	47
Quadro 6 -	Testemunhos dos poemas.....	48
Quadro 7 -	Poemas organizados em ordem cronológica.....	49
Quadro 8 -	Os poemas politestemunhais.....	51
Quadro 9 -	Os poemas monotestemunhais.....	52
Quadro 10 -	Poemas de <i>Canções de meu caminho</i> divididos por temas.....	54
Quadro 11 -	Siglas relativas aos poemas de <i>Canções de meu caminho</i>	91
Quadro 12 -	Siglas relativas às fontes testemunhais.....	93
Quadro 13 -	<i>Tags</i> HTML mais utilizadas na transcrição linearizada.....	98
Quadro 14 -	Paleta de cores do website <i>As Canções de Eulálio Motta</i>	105

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	ESTRUTURA DA TESE	15
2	A TESSITURA DAS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA	17
2.1	O ITINERÁRIO DA PRODUÇÃO DE <i>CANÇÕES DE MEU CAMINHO</i> DESDE 1920 A 1980	23
2.1.1	Segunda edição de <i>Canções de meu caminho</i>	29
2.1.2	Terceira edição de <i>Canções de meu caminho</i> : um projeto editorial	36
2.1.3	<i>O corpus</i>	43
2.1.4	As Canções do “Menino de Arraial”	53
3	OS DESAFIOS DE EDITAR TEXTOS NA ATUALIDADE	60
3.1	OS PAPÉIS DO EDITOR SOB O OLHAR CRÍTICO-HUMANISTA	65
3.2	PRÁTICAS EDITORIAIS EM MEIO DIGITAL	68
3.3	DO TEXTO AO HIPERTEXTO	83
4	A HIPEREDIÇÃO DAS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA	88
4.1	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E AS CAMADAS EDITORIAIS	90
4.1.1	As camadas editoriais: os níveis de apresentação dos textos	96
4.1.2	As ferramentas e os programas utilizados na hiperedição de <i>Canções de meu caminho</i>	102
4.2	O WEBSITE: AS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA	104
4.2.1	Barra de menus	109
4.2.1.1	Menu: Sobre	109
4.2.1.2	Menu: O Escritor	111
4.2.1.3	Menu: A Obra	112
4.2.1.4	Menu: A Edição	114
4.2.1.5	Menu: Contato	123
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	127

1 INTRODUÇÃO

O trabalho filológico desenvolvido nos acervos de escritores tem possibilitado diversos diálogos entre as diferentes áreas do saber. Textos que, por algum motivo, ficaram à margem da literatura brasileira são reposicionados e inseridos no fluxo de leituras, contribuindo para ampliar o repertório da memória literária brasileira. A obra de Eulálio Motta, por exemplo, vem ganhando visibilidade no âmbito da literatura baiana em decorrência das pesquisas que estão sendo realizadas em seu acervo. Tais estudos têm democratizado o acesso aos textos do escritor, e, ao mesmo tempo, contribuem para o debate em torno da Crítica Textual e das Humanidades Digitais, uma vez que parte das edições da obra do escritor baiano são experiências editoriais em meio digital.

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) dedicou mais de sessenta anos à escrita. Mostrou-se um poeta versátil e multifacetado; narrou suas angústias, decepções, posicionou-se criticamente frente aos problemas sociais de Mundo Novo através de seus registros. Foi farmacêutico, jornalista, político, cronista, poeta, cordelista e um grande amante da fotografia. Grande parte de sua obra encontra-se preservada em seu acervo. O escritor publicou três livros de poesias: *Ilusões que passaram...* em 1931, *Alma enferma* em 1933 e *Canções de meu caminho* em duas edições, a primeira em 1948 e a segunda em 1983.

A partir da documentação do acervo de Eulálio Motta, constatou-se que o escritor atribuiu títulos e elaborou índices para projetos de livros que não foram publicados. Dentre os projetos editoriais, destaca-se o caderno *Canções de meu caminho* 3ª edição, que apresenta índice, textos reescritos acompanhados de rasuras e anotações. Além do caderno, há manuscritos, datiloscritos e impressos de poemas inéditos com indicações de que fariam parte da terceira edição. Esses indícios apontam para a intenção editorial de Eulálio Motta em publicar essa edição.

Eulálio Motta é considerado um escritor de múltiplas faces, mas ao longo de sua fase produtiva como escritor, adotou estilos que se destacam. Na sua primeira fase de produção poética, 1927 a 1929, dedicou-se com bastante afinco à escrita de sonetos. Durante essa fase, passou a ter contato com diversos escritores que influenciaram e fomentaram a sua carreira de escritor.

A partir de 1933, após concluir o curso de Farmácia em Salvador, Eulálio Motta decidiu voltar para a Fazenda Morro Alto e passou a se dedicar com mais intensidade à literatura

e ao jornalismo. Nessa ocasião, o poeta incorporou elementos do modernismo em seus textos literários. A descrição e contemplação da natureza cederam lugar para a poesia integrada à vida social, ao cotidiano das pessoas, que reflete a memória e a cultura da comunidade de Mundo Novo. Os versos livres e as trovas ganharam mais espaço em suas produções, trazendo à tona a valorização do vocabulário regional. A produção literária guardou a ligação do escritor com a sua terra natal. Foi durante essa segunda fase que Eulálio Motta publicou o livro *Canções de meu caminho*. As três edições desse livro trazem à tona o percurso literário traçado pelo escritor que vai desde a produção de sonetos até a escrita de trovas.

O acervo de Eulálio Motta possibilitou a elaboração do projeto *Edição e estudo das obras inéditas de Eulálio Motta*, institucionalizado na Universidade Estadual de Feira de Santana pelo professor doutor Patrício Nunes Barreiros em 2008. A agenda de pesquisa do referido projeto inclui a participação de estudantes de graduação, como bolsista de iniciação científica, estudantes de mestrado e de doutorado.

Na primeira etapa do projeto, foi feita a descrição, elaboração do inventário, sistematização e digitalização do acervo, definição do arranjo arquivístico, limpeza dos documentos, pequenos restauros, definição do método de acomodação, elaboração do código catalográfico e da política de consulta. Na segunda etapa, foi feita a identificação dos projetos de livros idealizados pelo escritor, localização dos testemunhos textuais das obras inéditas, edição de cinco cadernos, a edição crítica dos sonetos publicada em formato de livro *Sonetos de Eulálio Motta* (BARREIROS, P., 2012), a edição do manuscrito inédito *Bahia Humorística* (BARREIROS, L., 2012) e a edição hipertextual dos Panfletos de Eulálio Motta (BARREIROS, 2013). Na terceira etapa, foi dada continuidade às edições dos cadernos e de outros documentos do acervo do escritor. Para a quarta etapa o projeto contava como previsto a continuidade das edições dos documentos do acervo, a edição e publicação (impressa e digital) dos livros inéditos: *Luzes do crepúsculo*, 3ª edição de *Canções de meu caminho*, *Flores e espinhos*, *Lágrimas*, *Meu caderno de trovas* e uma Coletânea dos textos publicados em jornais, *A correspondência de Eulálio Motta* e a construção do *Portal Web* para publicar as edições digitais e a estruturação do sistema de banco de dados dos documentos digitalizados. As edições digitais seguem o modelo elaborado por Barreiros (2013), com algumas adaptações e implementação de novos recursos.

O referido projeto de pesquisa está vinculado ao *Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais* (neiHD) que reúne pesquisadores de diversas áreas das humanidades interessados em aplicar as inovações tecnológicas da informática e do meio digital em suas pesquisas. O neiHD é um espaço de formação de pesquisadores que começa na Iniciação

Científica. Os estudantes têm a oportunidade de aprender a lidar com documentos de fontes primárias, transcrever e descrever textos. A partir de um diálogo interdisciplinar, o núcleo tem como objetivo promover o debate em torno das Humanidades Digitais na UEFS, através da realização de grupos de estudos, seminários, simpósios, colóquios, congressos, palestras, workshop, cursos e publicações científicas.

Seguem abaixo algumas dissertações e teses que foram desenvolvidas, a partir do estudo no acervo de Eulálio Motta:

Barreiros (2007) defendeu a primeira dissertação, intitulada *Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta*, na sequência, Barreiros, L. (2012) apresentou uma edição e um estudo lexical dos causos sertanejos, sua dissertação teve como título *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos*. Barreiros (2013) defendeu a tese intitulada *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*. Barreiros, L. (2017) também defendeu a tese intitulada *O vocabulário de Eulálio Motta* através do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Santos (2017) defendeu a dissertação intitulada *Edição crítica de Canções de meu caminho 3ª edição de Eulálio Motta*. Rocha (2018) propôs a *Edição de Trovas de Eulálio Motta*; no mesmo período, Alves (2018) apresentou a *Edição do livro inédito Flôres e Espinhos de Eulálio Motta*. No mesmo ano, Santos (2018) defendeu a dissertação intitulada *Intelectual de(a) ação: a militância integralista de Eulálio Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947)* através do Programa de Pós-graduação em História. O pesquisador analisou o perfil político de Eulálio Motta. Desidério (2019) realizou a edição dos poemas avulsos de Eulálio Motta; Cintra (2019) apresentou a edição dos poemas que fazem parte do projeto editorial *Luzes do Crepúsculo* de Eulálio Motta. Silva (2020) editou os rascunhos de cartas do caderno *Monitor*; Pinto (2020) analisou o perfil saudosista de Eulálio Motta; Santos (2020) estudou a poesia amorosa do autor. Santiago (2021) realizou a edição dos rascunhos de cartas do caderno *Farmácia São José*. Almeida (2022) defendeu a tese intitulada *Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de Língua Portuguesa: Plataforma Digital Bahia Humorística na escola* através do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A pesquisadora apresentou uma edição dos 50 causos sertanejos do escritor voltada para fins pedagógicos, a partir de uma plataforma digital pensada, especialmente, para Educação Básica. Rocha (2023) elaborou a hiperedição das trovas de Eulálio Motta. Alves (2024) realizou a hiperedição do livro inédito *Flores e espinhos* de Eulálio Motta.

Todas essas pesquisas ratificam a importância do trabalho filológico que permite o diálogo com outras áreas do saber a fim de dar a ler e situar toda a fonte documental do escritor.

Meu contato com o livro *Canções de meu caminho* ocorreu no período da Iniciação Científica em 2013. Primeiramente, foi realizada a transcrição do manuscrito da terceira edição, com o intuito de organizar o material para uma edição crítica. No mestrado, em 2017, realizei a edição crítica da terceira edição do livro. A referida edição crítica passou a reunir as três edições, totalizando 86 textos, 69 éditos e 17 inéditos. Após a edição crítica, a intenção foi ampliar o olhar sobre o *corpus* e dar continuidade à pesquisa.

Canções de meu caminho se conecta com diversas fontes documentais do acervo do escritor. A obra se relaciona com um conjunto de textos de natureza diversa que elucidam e contextualizam os poemas. Partindo desse pressuposto, a pesquisa gira em torno da questão de como elaborar uma edição digital que transcenda os limites do impresso e que aponte para uma nova metodologia no âmbito da Crítica Textual. Outros questionamentos surgem, como por exemplo, a questão da migração de textos manuscritos e impressos para o meio digital. Questões relevantes e filológicas ao considerar que os textos são artefatos históricos-sociais e produtos da ação humana. Diante das características do *corpus*, das particularidades, da sua extensão e de toda sua complexidade, as múltiplas edições (hiperedição) pensadas para serem apresentadas em meio digital é uma hipótese para se pensar em um modelo editorial dinâmico e interativo que potencialize o aspecto relacional entre os diferentes tipos de textos e valorize as camadas textuais, levando em consideração os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais. Para a elaboração da hiperedição do livro *Canções de meu caminho*, a pesquisa propôs: a) relacionar os poemas com a diversidade de documentos do acervo; b) produzir o dossiê arquivístico; c) criar um *site* por meio da plataforma *Wordpress* para apresentar a hiperedição. O site está disponível no domínio <https://cancoesdemeucaminho.com.br/>.

A inserção dos recursos tecnológicos na Crítica Textual possibilitou a ampliação do olhar do editor sobre o texto. A própria noção de texto é ressignificada. Pressupostos teóricos, metodológicos e paradigmáticos passaram a ser questionados e problematizados com o intuito de atender às novas necessidades textuais.

A informática vem potencializando as práticas editoriais, logo, a edição de *Canções de meu caminho* está ancorada pelas discussões teóricas e metodológicas da Crítica Textual, da edição de textos modernos. Através de uma perspectiva pragmática, as edições digitais permitem a democratização do acesso aos textos e a todos os documentos inter-relacionados e admite a coexistência de múltiplas mídias. Cada texto é único e múltiplo, é um artefato histórico e social, produto de um indivíduo, de uma situação, de um contexto específico. Seguindo essa

visão, a atuação do editor adquire mais significância. Há a necessidade de exercer uma postura ética, ativa, crítica, política diante da práxis filológica a fim de dar a ler uma obra, um texto, considerando seus processos de produção, transmissão e recepção.

1.1 ESTRUTURA DA TESE

A tese é composta por cinco seções, sendo a primeira uma breve introdução que situa a pesquisa e apresenta as seções posteriores. Dessa forma, a Introdução apresenta informações iniciais que contextualizam a pesquisa. É explicitada a minha motivação para desenvolvê-la, acompanhada do tema, problema, hipóteses, objetivos e a justificativa da pesquisa desenvolvida.

Na segunda seção intitulada *A tessitura das Canções de Eulálio Motta* discutimos a importância de realizar estudos a partir de fontes primárias de escritores para a ampliação dos horizontes do universo da pesquisa. Além disso, apresentamos a construção das edições publicadas de *Canções de meu caminho* e do seu projeto editorial a partir da relação rizomática que a obra tece com o acervo de Eulálio Motta.

A terceira seção intitulada *Os desafios de editar textos na atualidade* é constituída de três seções secundárias: *Os papéis do editor sob o olhar crítico-humanista*; *Práticas editoriais em meio digital* e *Do texto ao hipertexto*. Nesta seção, discutimos a perspectiva de edição adotada na hiperedição. Apresentamos os pressupostos teóricos da teoria social da edição através de uma vertente pragmática com vistas a desenvolver uma práxis filológica mais crítica, reflexiva e independente. Na primeira seção secundária, evidenciamos a importância dos papéis do editor, tendo em vista que a prática de edição é sobretudo ética e requer um posicionamento crítico por parte do editor. Na segunda seção secundária, apresentamos exemplos de edições que ampliam os pressupostos teóricos e metodológicos sob diferentes perspectivas para suprir as especificidades dos textos. Na terceira seção secundária, destacamos o desenvolvimento do texto para o hipertexto e a relação do leitor em meio a essa instabilidade textual.

Na quarta seção intitulada *A hiperedição das Canções de Eulálio Motta*, salientamos a necessidade de realizar uma edição que dê conta das particularidades do *corpus*, que lida com uma diversidade de documentos que foram marcados por modificações e intervenções textuais em seus processos de produção e circulação. Nesse sentido, entendemos o potencial do meio digital como suporte para a apresentação da edição dos textos poéticos produzidos por Eulálio Motta durante quase seis décadas através de uma hiperedição. Ao longo da seção, apresentamos

a metodologia aplicada na elaboração da edição digital, a descrição do *corpus* editado, os critérios e princípios adotados, a estrutura e o funcionamento da edição, a descrição das páginas do site e a tecnologia utilizada no desenvolvimento da edição.

Por fim, na quinta e última seção, apresentamos as considerações da pesquisa empreendida, sintetizando os principais resultados dos elementos propostos, as limitações, as contribuições científicas, acadêmicas e sociais engendradas pela pesquisa realizada e o fechamento das ideias e questões que foram apresentadas na introdução e as sugestões para pesquisas futuras.

2 A TESSITURA DAS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA

Na seção em destaque, trouxemos a discussão sobre pesquisas no acervo do escritor e as possibilidades de estudos que surgem ao estreitar os diálogos entre os Estudos Literários e a Crítica Textual. Em seguida, apresentamos os processos de produção, circulação e recepção do livro *Canções de meu caminho*, do escritor baiano Eulálio Motta.

As pesquisas e os estudos em acervos, sobretudo literários, funcionam como dispositivo para revisitar, reler e reescrever a história da literatura. O acervo de escritor transcende a ideia de lugar responsável por salvaguardar os documentos selecionados e arquivados ao longo da vida pelos escritores. Trata-se de um artefato histórico-cultural que permite a realização de múltiplas relações e possibilidades de estudos, de leituras e de interpretações. Para Bordini (2009, p. 46), os acervos de escritores proporcionam dados documentais que ultrapassam as abordagens epistemológicas atuais da literatura, descortinando um novo universo de pesquisa, mais amplo e rico em possibilidades de compreensão. Nesse mesmo sentido, Marques (2007, p. 14) afirma que o acervo se transformou em uma figura epistemológica em virtude de:

[...] tornar-se objeto de tratamento por parte de saberes especializados, como a arquivística, a biblioteconomia, a museologia, além das disciplinas próprias do campo dos estudos literários, históricos e culturais. Tratamento que acaba realçando a diversidade de materiais que constituem os arquivos literários, seu caráter híbrido – um misto de biblioteca, arquivo e museu. A esses acervos agregam-se, pois, novos valores: histórico-cultural, estético, acadêmico, expositivo, econômico.

A articulação entre os saberes da Crítica Textual, da Literatura e do acervo de escritor tem contribuído para uma maior democratização do acesso à fontes que valorizam a complexidade textual. O texto é considerado um artefato sócio-histórico e cultural, abordado em suas múltiplas dimensões (materiais, sociais, culturais e históricas) a fim de elucidar os processos de produção, circulação e recepção dos documentos.

De um modo geral, o acervo literário testemunha a prática escriturária de um escritor, mas pode se articular com outros sujeitos e práticas sociais diversas. É nesse espaço complexo que o pesquisador, interessado em conhecer a obra mais a fundo, consegue compreender de maneira mais ampla o texto literário, não só no que diz respeito à questão ficcional, mas quanto às questões culturais, históricas, filológicas, e o que mais o acervo for capaz de oferecer.

Segundo Barreiros (2012) o acervo de Eulálio Motta é uma tentativa de construir uma imagem de si, além de preservar a memória coletiva no que se refere ao quadro sócio histórico

e cultural do século XX, especialmente em Mundo Novo - BA. Esse conjunto documental é constituído de documentos literários e não literários acumulados pelo escritor, cobrindo o período de 1923 a 1988.

O acervo de Eulálio Motta é o laboratório do escritor, composto por materiais de diferentes naturezas, incluindo rascunhos e esboços de obras inacabadas, manuscritos e datiloscritos de textos éditos e inéditos, diários, cadernos de anotações diversas, correspondências, fotografias, documentos de identificação, diplomas, esboços de projetos editoriais, coleções de jornais e de panfletos, e instrumentos de trabalho como a sua máquina de escrever. Pela natureza da documentação, Barreiros (2015) afirma que esse acervo pode ser compreendido como um projeto autobiográfico, revelando-se como um caleidoscópio de onde se projetam diversas imagens do escritor. Independente da condição social e do ofício do sujeito, os documentos que compõem os acervos pessoais trazem sempre as marcas da subjetividade e “[...] uma intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Assim, os acervos de escritores são considerados como marcas de si.

A produção intelectual de Eulálio Motta demonstra que o escritor consultava constantemente o seu material arquivado. Os documentos eram utilizados como fontes para a elaboração de novos textos, para revisar os erros tipográficos e planejar uma nova publicação. Essa prática do escritor aponta para a funcionalidade do acervo e desfaz o privilégio, a falsa ideia de texto acabado.

Eulálio Motta escrevia seus poemas e preservava em cadernos e em folhas avulsas, datilografava e enviava às tipografias ou aos editores dos jornais. Naturalmente, os textos apresentavam alterações quando publicados, o que irritava bastante o escritor. Há diversas cartas dirigidas às revistas, aos editores, em que Eulálio Motta expõe suas reclamações a respeito dos erros dos tipógrafos. Uma dessas correspondências é a carta destinada ao jornalista Zadir Marques, publicada no jornal *Mundo Novo* em 4 de janeiro de 1977. Vejamos um trecho:

[...] Há muito que desisti de publicações, desiludidos de impressores e revisores que erram demais. Imagine que em S. Paulo, uma coletânea intitulada “Poesias consagradas”, foi incluído um soneto meu “Aniversário”, faltando um verso todo do primeiro quarteto. Outra coletânea, também de S. Paulo, incluiu o mesmo soneto mas não consegui obter um exemplar que foi visto aí em Feira pelo Floriano, de modo que não sei se não terá saído também mutilado e assim copiado pelos autores de “Poesias consagradas”. Até minhas publicações em folhetos me deram muitas dores de cabeça. Felizmente descobri “O Serrinhense”, onde o admirável Braulio Franco faz a coisa de modo a “ninguém botar defeito”. Quanto a este alguns exemplares saindo da oficina de “O Serrinhense”, que comprova o que afirma. Na publicação de o “Sozinho” em “Folha”, encontrei apenas dois pequenos erros que não dão

para alterar o sentido, aborrecendo o autor: - no primeiro verso faltou um já: “Imagino que já estás velhinha...” Mas a ausência deste já não altera a velhice, apenas comete pequenas quebras de ritmo de verso [...] (Motta, 1977).

Através desse fragmento ratifica-se o quanto Eulálio Motta era cuidadoso com suas publicações, dialogando com os editores. Nos textos éditos, há diversas correções feitas a próprio punho pelo escritor. *O Serrinhense* citado na carta, foi um dos jornais onde o escritor trabalhou em 1945. Três anos depois publicou a primeira edição de *Canções de meu caminho* nessa tipografia que foi dirigida pelo editor Braulio Franco, grande amigo de Eulálio Motta. Era a única tipografia da região Nordeste, depois de Feira, e atendia serviços gráficos (notas fiscais) para Coité, Valente, Santaluz, Euclides da Cunha, Tucano e outros municípios.

Bráulio Franco era filho de Joviniano Alves Franco, produtor rural e comerciante de cereais e bebidas, e de Rosa de Lima Franco, de família católica. Seguiu caminho oposto ao do pai na vida profissional e no interesse pela política. Casou-se, em 1939, com Zilda Paes Cardoso, descendente da 7ª geração da família do fundador de Serrinha, Bernardo da Silva. Além de jornalista e comerciante de livros e artigos de papel, o homem que se associou ao integralismo no município era poeta, escritor e músico (Franco, 1996 *apud* Neta, 2013, p. 1).

Tasso Franco, filho de Braulio Franco, publicou a 16ª crônica do seu livro *No Meu Tempo de Menino - o último apito do trem*, Serrinha (1945/1957) e comentou sobre seu primeiro ofício (menor aprendiz) na tipografia de seu pai, *O Serrinhense*. Vejamos um trecho em que ele relata como era realizado o trabalho dentro da tipografia:

Meu pai arrumava os papéis, ajustava no ponto do corte, prensava e liberava a alavanca da máquina e dizia: - Agora, puxe. E eu puxava e a lâmina afiada cortava os papéis. Meu pai recolhia as aparas, a alavanca voltava ao ponto zero, era travada com um cepo e começava tudo de novo. [...] “O Serrinhense” era uma pequena indústria e tinha 5 operários - Gilberto Nery, Lafayette Coutinho, Lilito Coutinho, Rafael, Zelito - filho de São Zélis - e Elisa. E era também uma escola porque por lá passaram todos os gráficos antigos da Serra - Agil, Barata e seus irmãos, Pio e outros, Agnaldo, hoje proprietários de gráficas locais. Quase todas as máquinas eram manuais. Tinha uma impressora que era acionada por um motor a diesel (fazia uma zoadada enorme) através de uma polia num eixo do motor e na roda da máquina. As composições dos textos eram manuais via componedores de aço e postas em chapas. As caixas com os tipos (todo alfabeto e os acentos) obedecia a escola norte-americana. Era nessa oficina que meu pai escrevia e publicava o jornal “O Serrinhense”, desde 1936. Findou no final da década de 1950 (Franco, 2020).

Todas as informações contidas no acervo e fora dele são de suma importância para elucidar o aspecto sócio histórico da obra *Canções de meu caminho*. “Dotado de múltiplas

perspectivas e entradas, desvela o texto da memória literária e cultural em sua complexidade de sentidos, visível quer na seleção quer na combinação, justaposição ou sobreposição de objetos heteróclitos” (Marques, 2008, p. 115). É a partir desse espaço, ocupado por materiais e documentos diversos, de natureza heterogênea, coexistentes a partir de múltiplas histórias que se atribui voz para escritores não canônicos contribuindo solidamente para uma reescrita da historiografia literária brasileira.

Com base em Marques (2018), as práticas de arquivamento dos escritores, resultam de uma rede de relações literárias e afinidades intelectuais na qual se inscrevem. Revelam um cuidado com a memória do escritor, com sua formação intelectual, capaz de possibilitar a construção de sua imagem enquanto autor significativo. Ao arquivar correspondências de amigos e críticos e artigos em jornais contendo críticas sobre seus livros, o escritor preservou uma fonte inesgotável de documentos, que ajudam a entender a produção, divulgação e recepção de suas produções.

Ao lidar com acervos, o pesquisador abandona a ilusão de fechamento do texto e enxerga-o como um *continuum*, texto em processo, pois cada documento liga-se a outro tecendo uma rede de relações. “[...] as ligações são casuais e arbitrárias, rompendo com expectativas e levando a novas buscas, em uma corrente interminável de pesquisas e apropriações” (Bordini, 2005, p. 18). *Canções de meu caminho*, por exemplo, é uma obra que foi construída em diálogo com outros projetos editoriais do escritor. Na verdade, todo o acervo de Eulálio Motta foi constituído sob uma rede de documentos interligados. Logo, permite-se constatar que:

Os documentos dos acervos de escritores não são peças desconectadas, sem relações entre si, na maioria das vezes, eles apresentam conexões e constituem redes de informações que podem irradiar em várias direções e campos de investigação. Ao isolar um documento do acervo, perdem-se os fios que constroem os seus sentidos (Barreiros, 2014, p. 245).

Nesse sentido, *Canções de meu caminho* exige ser analisada sob um circuito de relações com a documentação do acervo, *locus* potencial, evidenciando seus códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais a partir das análises dos paratextos, prototextos e sociotextos. Com base na discussão proferida por Bordini (2005, p. 20) nos prototextos, podem-se detectar:

[...] as hesitações, figuradas nas rasuras e emendas, as soluções encontradas para obter coesão e coerência, para subverter ou aceitar a tradição recebida e as injunções de gênero, este também conformado historicamente. Neles

afloram, sob desenhos ou garatujas, na marginália errática ou no texto reescrito, sob os riscos indicativos de cancelamento, impulsos inexplicáveis, bem como traços dos conselhos recebidos de seus primeiros leitores. É nessa órbita que o inconsciente autoral se manifesta nas rasuras, lapsos, corrigendas, comentários marginais sobre estados de ânimo, interrupções, anotações de valores a pagar ou a receber e tantas outras marcas sintomáticas de repressão, sublimação ou descarga de energias psíquicas.

Segundo a autora, os prototextos testemunham o processo criativo do texto literário e fundamentam as etapas da gênese do texto. Todos esses vestígios materiais da atuação literária demarcam uma subjetividade formando um mosaico complexo, que não exclui os elementos mais simples, a exemplo de um rascunho feito no verso de um boleto bancário. Marques (2008), ressalta que precisa acrescentar aos dados disponibilizados pela desmontagem e análise do texto, elementos situados numa rede mais ampla, não só a dos paratextos, intertextos e metatextos, mas também a dos contextos discursivos da produção e da recepção.

[...] não basta um exame restrito às engrenagens textuais, aos procedimentos de linguagem, cabendo ampliá-lo até as dimensões pragmáticas e históricas da produção textual literária e cultural, estendê-lo aos inumeráveis começos da literatura, com o leitor abrindo o livro, com a cena inaugural da escritura rastreada em seus pré-textos, prototextos, paratextos, ou ancorada num sociotexto (Marques, 2008, p. 18).

Ao lidar com textos literários preservados em acervos de escritores, faz-se necessário analisar os prototextos, a exemplo de rascunhos com emendas, substituições, supressões; e os paratextos, como documentos que apresentam informações sobre a produção de um texto, as correspondências, críticas publicadas em jornais e anotações, entre outros. A obra, nesse caso, deixa de ser somente uma coletânea de textos acabados, e passa a ser também conhecida por todo processo de produção, o que a torna mais vulnerável a receber infinitas interpretações.

É de suma importância que o editor explore o conjunto de materiais composto pelos documentos pré, para e pós-textuais para elucidar o sentido do texto, da obra em estudo. “[...] os documentos são postos em relação, providos de contextos discursivos, de uma arquitetura de textos capaz de os conectarem com uma origem rastreadora [...] a serviço da evidência histórica” (Marques, 2019, p. 258). Nessa pesquisa, tem-se buscado reunir os seguintes materiais: rascunhos, correspondências, fotografias, críticas e recortes de jornais a fim de conhecer melhor o autor e suas peculiaridades, as circunstâncias de produção e recepção, e o processo de gênese, auxiliando na leitura e na interpretação da obra a ser editada.

Dentre os documentos que compõem o acervo de Eulálio Motta, destacam-se os cadernos considerados como projetos de livros inéditos, com textos passados a limpo e com

indicação de que deveriam ser enviados aos editores. Com o objetivo de sistematizar os projetos de publicações de obras inéditas de Eulálio Motta, Barreiros (2009) propôs uma classificação em cinco diferentes casos. A partir de novas descobertas no acervo, Santiago e Barreiros (2019) ampliaram e atualizaram o quadro como veremos a seguir:

Quadro 1 - Projetos de obras inéditas de Eulálio Motta.

N.	CASO	N.	PROJETO
1.	Cadernos que, em sua estrutura orgânica, são projetos de obras, com textos passados a limpo, servindo somente a este propósito.	1.	Luzes do crepúsculo
		2.	Canções do meu caminho 3ª edição
		3.	Meu caderno de trovas
2.	Cadernos que, em princípio, indicam que foram concebidos como projetos de obras, sendo reutilizados posteriormente para outras finalidades.	4.	Caderno sem capa I
		5.	Lágrimas
		6.	Bahia humorística
3.	Caderno utilizado simultaneamente para a elaboração de um projeto de obra e para outras finalidades, a grande maioria relacionada ao projeto em questão.	7.	Por uma ação católica
4.	Projeto mencionado pelo autor nos cadernos, contendo índices dos textos que fariam parte da publicação.	8.	Flores e espinhos
5.	Projeto mencionado pelo autor sem indicar os textos que fariam parte da publicação.	9.	Terceiro livro
		10.	Bofetada
		11.	Coletânea com textos jornalísticos

Fonte: Santiago e Barreiros (2019) – Adaptado de Barreiros (2009).

O acesso à fonte documental do escritor permite que o pesquisador amplie seus horizontes, questione, problematize e ressignifique a concepção de texto e o seu lugar como pesquisador. O processo da gênese da obra e os documentos inter-relacionados passam a ser objetos de interesse do pesquisador. É a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa busca apresentar nessa seção o contexto de produção, divulgação e transmissão da obra literária *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta.

2.1 O ITINERÁRIO DA PRODUÇÃO DE *CANÇÕES DE MEU CAMINHO* DESDE 1920 A 1980

Canções de meu caminho é uma obra composta por três edições, duas publicadas e um projeto de livro inédito esboçado em um caderno. As três edições reúnem aspectos fundamentais para compreendermos a produção criativa do escritor, seu labor escriturário, sua versatilidade estilística e apresentam uma multiplicidade de fios interconectados com outros documentos do acervo. A produção dessa obra insere-se na segunda fase poética de Eulálio Motta. Período em que o autor estava com mais liberdade na escrita, direcionado a produzir versos livres, quadras e cordéis.

O prefácio elaborado para as duas edições contribui ricamente para começarmos a compreender a gênese da obra:

Tem vinte anos? Nasceu na Bahia? Faz versos... E acontece que eu tive vinte anos e nasci na Bahia. Os vinte anos passaram e os versos ficaram em dois livrecos que publiquei nos tempos ginasianos. Depois, outros versos vieram. Catei nos dois livrecos os que me pareceram nascidos e não “fazidos”. Fiz a mesma coisa com os que vieram depois dos vinte anos. E juntei-os neste caderno sob o título de “Canções de meu caminho...”. Muitas pessoas me têm pedido cópias, ora de uma, ora de outra produção que por acaso viram ou ouviram de algum amigo. Fazendo este caderno, meu intuito foi este: — satisfazer aos pedidos (Motta, 1948).

Os “dois livrecos” publicados pelo autor nos tempos ginasianos e citados no prefácio, fazem referência aos livros de poemas *Ilusões que passaram* e *Alma enferma*.

Eulálio Motta publicou *Ilusões que passaram* em 1931 pela *Officinas Gaphicas d'A Luva*, a obra foi dedicada aos seus irmãos Durval, Nelson, Amando e Arnaldo, como consta na folha de rosto do próprio livro. A produção literária em destaque recebeu o comentário de Liberato Miranda Barreto através de uma carta aberta publicada no jornal *Mundo Novo* de 17 de agosto de 1931 que diz o seguinte:

Eulálio:

Recebi, com indizível prazer, um exemplar do teu “Ilusões que passaram...” que gentilmente me ofereceste e t’o agradeço de coração sem assumir atitudes de crítico, nem tampouco de juiz do teu livro, devo dizerte alguma coisa sobre o Mesmo. Algo que traduza, ainda que de leve, o que senti ao ler as suas páginas impregnadas do lyrismo sadio de tu’alma. E que te posso dizer? O mesmo que sempre te dizia: que és um poeta que escreve poesia; porque, meu caro, há por aí fora muito prosador que escreve poesia sem verso e muito poeta que escreve verso sem poesia. Os teus versos, a meu ver, encerram tudo o que há de agradável no poeta — a espontaneidade. A forma

nem sempre synthetisa a beleza. É mais bello um soneto simples e expontaneo do que um poema, onde o poeta, a custo de dar-lhe rimas ricas, forma aprimorada, enclausura o pensamento, tirando-lhe, às vezes, a originalidade. Dahi o mal de muitos. Tu, Eulalio, tens o verdadeiro sentimento da poesia. Pouco importa que sejam archaico estes versos: “Eu, quero oh Deus! ouvir os passarinhos / La no sertão, à beira dos caminhos pelas noites cantando...” / Levai-me ao lar de onde ao partir chorei / Ao tanque... ao rio... que deixei / Com saudade de mim...” Pouco importa, pelo menos, a mim, que ainda leio com lagrimas nos olhos as tristezas de Casimiro e me entusiasmo quando se recita “Navio Negreiro”. Poesia, é alma, é coração. Os teus versos são a expressão pura dos teus sentimentos: tem a poesia singela e franca de tu’alma. E por isso eu os leio como se estivesse a conversar contigo. Li, de uma assentada, o teu livro e não me posso furtar ao desejo de dar-te o meu parabem. Um parabem duplo: primeiro, pela victoria do teu livro; segundo pela victoria do teu coração. Sempre foste um “louquinho” pelo amor... da mulher. E comesças assim o teu livro: “Illusão, illusão, por que fugiste...” como se fosse um Romeu chorando a sua Julietta, pois a ilusão a que te referes, quando não seja “Ella” è, pelo menos, o seu reflexo. “A Sempre-viva que Didi me deu” é uma prova do que affirmo. Mas, pouco a pouco, foste pondo á margem a cantilena amorosa dos poetas chora-migas (perdoa-me, é pilheria e intimidade) e terminaste muito bem com as epigramas chistosos a “D. Feia”. Creio-te sincero quando escreveste estes versos: “Verso amoroso, creatura, / è conversa fiada.../ mentira rimada.../ mais nada...” Não sou dos que despresam a poesia amorosa, não. O amor tem sido em todos os tempos a Castalia dos poetas. Nada, porém, de “paixonites... agudas e nem chronicasa.” Devemos ter a lyra independente. E tú, que a tiveste empenhada na casa de penhor de um coração fragil de mulher, tem’na, agora, ao que parece, livre e desimpedida de qualquer onus. Muito bem. Já é uma victoria. Pelo menos, D. Feia sabe disso. No teu soneto “Soffrimento”, dedicado à minh’alma lyrica e triste (muitissimo obrigado, mas isso de tristeza... era uma vez...) mostra-te um verdadeiro descrente; mas, adeante, tu, “olhando a vida” pelo prisma da realidade, fazes este bellissimo acto de confissão: “Nunca sejas na vida um maldizente. / Recebe a dor mui resignado e forte. E vencerás definitivamente”. Toque os ossos. Penso da mesma forma. Byronismo é uma conversa, como verso amoroso é uma tolice (mas uma tolice que a gente gosta tanto de fazer!...). Mais adeante, á pagina 15 do teu livro, apresentas-nos “O Sábio”, que eu, mesmo sem nenhuma autoridade e com muito pouco merito, considero a mais bella das joias que fulguram no emgaste das tuas “Illusões que passaram...” Perdoa, agora, meu poeta, as minhas inexpressivas palavras em torno do teu livro e que outras celebrações mais fortes lancem sobre elle as projecções da sua luz adamantina. Recebe de novo o meu parabem e um abraço muito forte do teu irmão de arte Liberato J. M. Barreto (Barreto, 1931).

Os sonetos *D. Feia* e *O Sábio* foram publicados novamente nas duas edições de *Canções de meu caminho*. Escritos no mesmo período, ambos os sonetos se complementam tematicamente. Em *Dona Feia*, o escritor tece uma crítica a uma mulher que busca se relacionar somente por interesse “Porque só um rapaz a se formar / Em medicina, rico, de preparo, / poderá seus carinhos conquistar...”; em *O Sábio*, o eu lírico ao mesmo tempo que mostra a importância da Medicina, do papel dos médicos, reflete acerca da instabilidade presente na Ciência “E o

horizonte da ciência, a cada instante, / se lhe torna cada vez mais largo, mais distante... / E a vida ... a vida cada vez mais curta!”, tendo em vista que há determinadas situações que fogem do controle científico. Além de *Dona Feia* e *O Sábio*, o poema *Volta ilusão* também foi reeditado para ser publicado nas duas edições de *Canções de meu caminho*.

O segundo livro de poemas, *Alma enferma*, foi publicado em 1933 pela imprensa *Vitória da Bahia* e, segundo nota do autor, foi publicado em benefício de um hospital que estava sendo construído em Mundo-Novo. Eulálio Motta (1933) afirmou que “Este livreco não foi feito para ser lido. Foi feito para ser vendido. Compre um exemplar”. Comentário esse que suscita a resistência por parte de algumas pessoas para o consumo de literatura. Esse livro recebeu nota no jornal *A Tarde*, assinado pelo crítico literário Carlos Chiacchio e no jornal *Diário de Notícias* assinado por Egberto de Campos.

Ainda quente dos prélos da “Imprensa Vitória”, acaba de sair a lume, em primorosa brochura, mais um livro — segundo, me parece — do sr. Eulálio Mota, sob o título de “Alma Enferma”. *É um livro de versos, meio-sério, meio-humorista. Mas, em todo-caso, interessante. Que a gente lê com agrado. Há versos, em que a verve salta espontânea e livre como água da fonte [...] é esse poeta sarcástico, satírico, todo cheio de ironia — porque o seu livro é bem assim — quem escreve a delicadeza lírica e sutil destas belas “redondilhas” [...] É como se vê, mais um poeta que aparece. Benvindo seja* (Campos, 1933, p. 4, grifos do autor).

O jornal *O Lيدador* ¹também felicitou Eulálio Motta pela produção do seu segundo livro de poemas. O texto foi publicado em 10 de novembro de 1933 através de notas presentes em outros jornais como *A Tarde*, *O Imparcial*, e do próprio *O Lيدador*:

Acabamos de receber alguns exemplares do segundo livro dado á publicidade, na capital do Estado, pelo nósoo talentoso colaborador e amigo Pharmac. Eulalio Mota, que tem sido, por esse motivo, alvo dos mais expressivos encomodos, quer por parte da imprensa, quer pelos mais autorizados intellectuaes bahianos. Editado em beneficio da construção do “Hospital Rosa-Cruz”, que se pretende levantar em Mundo Novo, o livro de Eulalio Mota tem duplos motivos de ser acolhido pelo publico leitor. Para com mais autoridade, falarmos sobre o “Alma Enfêrma”, basta que publiquemos a seguinte apreciação da “A Tarde”, edição de 26 de Outubro passado: “ALMA ENFERMA” “Numa pequena brochura, trabalho graphico da imprensa Victoria!, o sr. Eulalio Mota enfeixou várias poesias de sua lavra. O autor é um contemplativo. Olha a vida através do vidro amarello de uma resignação piedosa, tocada das maximas renunciias. A intelligencia incontestavel do poeta exsurge como emanações subteis de uma flor agreste

¹ O Jornal *O Lيدador* surge para suprir o fechamento do Jornal Mundo Novo. Sr. Nemésio mudou-se para Jacobina, levando a gráfica do Jornal *Mundo Novo* consigo e fundou *O Lيدador*, que circulou pela primeira vez no dia 7 de setembro de 1933 (Lima, 2016, p. 207).

que se estiola, humildemente, à beira da estrada. Mas o amor, esse grande mágico, vem de quando em quando, settear-lhe o coração e dizer-lhe baixinho que a Felicidade é mulher. Também no “O Imparcial”, de 29 do mesmo mez, lemos um artigo do conhecido literato Floriano Mendonça, sobre o referido livro “Alma Enferma”. Floriano, depois de referir-se de modo expressivo à personalidade do poeta, conclue. “O livrinho que elle acaba de publicar é um mimo de figura espiritual. “Alma enferma” é destinado aos enfermos de corpo, porque em beneficio de um hospital de pobres... Um enfermo de alma promove a cura de enfermos de corpo... Isso é bondade, porque a alma é muito mais difficil de curar... Alma enferma e bôa, doente e sã, aquella alma de poeta! [...] Li uma porção de vezes o “Alma enferma”. Não cansei de lêr, porque é um livro pequeno; não canso de o relêr porque é um grande livro. Eulalio Motta é entusiasta do poema moderno. A sua poesia está na idéa e não na forma. Está mais nas entrelinhas que nas proprias linhas dos seus poemas... A poesia de Eulalio Motta é a verdadeira, porque brota do seu intimo, é um reflexo da sua personalidade. Disse um poeta francez que é poesia tudo que o homem diz de si mesmo. Está neste caso o livro, o bello livro de Eulalio Motta. Elle é, realmente, a sua “Alma enferma”. “O Lidador”, envia, nestas columnas suas felicitações ao seu grande amigo Eulalio Mota (O Lidador, 1933).

Nesse mesmo período, o poeta Manuel Bandeira também comentou a publicação de *Alma enferma* no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro no dia 19 de novembro de 1933 e disse o seguinte:

[...] Todos deveriam ser como sr. Eulálio Mota, que diz num prefácio de nove linhas mais ou menos isto: “Este livro é publicado em beneficio de um hospital de Mundo Novo (Bahia); compra um exemplar; pode deixar de lê-lo; não foi feito para ser lido mas para ser comprado”. A vantagem dos críticos está em não comprar; a desvantagem, às vezes, está em não ler. O sr. Eulálio Mota tem um jeito despretensioso que convida à leitura e li-o até o poema sem título que é o penúltimo e dedicado a mim. Obrigado (Bandeira, 2009, p. 112).

Eulálio Motta reeditou os poemas: *Depois*, *Inverno*, *Meu poema de estudante pobre* e *S. João* para ser publicado nas duas edições de *Canções de meu caminho*; e os poemas *Só* e *Súplica* para publicar apenas na primeira edição de *Canções de meu caminho*.

Após Eulálio Motta concluir seu curso de Farmácia em Salvador, ele decidiu retornar para sua terra natal, dedicando-se com mais afinco aos assuntos da fazenda e dos familiares. No entanto, não deixou de produzir literatura. Durante essa segunda fase, o escritor redirecionou as cordas da lira para dedilhar com mais ênfase acerca de suas memórias, o lamento pelo amor não correspondido, as decepções, temáticas que serviram de fios para a construção de sua narrativa poética. O escritor Bráulio Alves Filho publicou um artigo no suplemento *Vida literária* do jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1949, cujo tema estava relacionado ao isolamento de Eulálio Motta no sertão baiano.

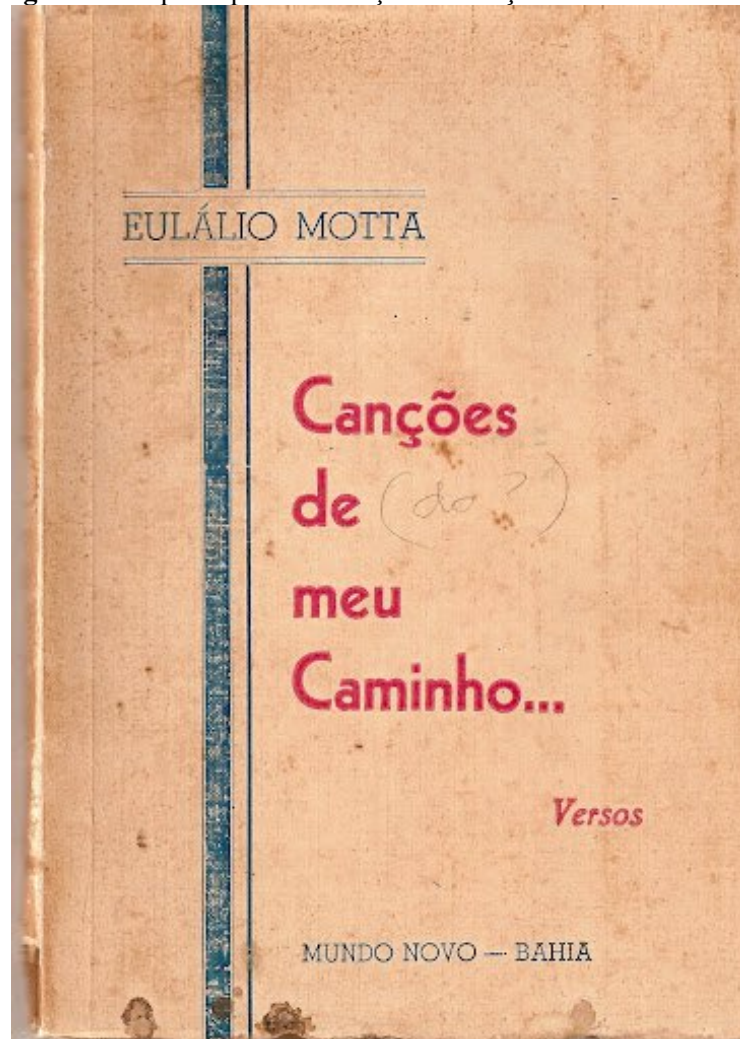
UM POETA DESCONHECIDO

Os olhos da poesia e literatura brasileiras andam embevecidos com os grandes centros, só conhecendo o que eles afluem ou neles vivem. Torna-se óbvio, portanto, procurar volvê-los a paragens longínquas, encaminhá-los para o sertão brasileiro que também é Brasil. Lá vive o ignoto trovador. Sentindo a doçura de viver mais em contacto com a natureza e usufruindo o prazer das coisas simples e quotidianas, eis que, a circunstancia faz nascer o poeta que dotado naturalmente de espírito mais elevado, tendo mais facilidade no manusear a pena que manipular com o seu laboratório farmacêutico, escreve os seus versos exteriorizando sentimentos recônditos de sua alma. [...] Necessário se torna, portanto, que a poesia brasileira procure incluir entre os nomes dos seus inúmeros associados, mas um: o farmacêutico Eulálio de Miranda Motta. Nos sertões da Bahia, berço de grandes homens do Brasil, no município de Mundo Novo, lá vive ele procurando traduzir a mágoa do caboclo através dos seus poemas [...] Ele não teve a felicidade de ser gerado num meio onde a publicidade e divulgação o cercassem imediatamente. [...] Consideramos o Sr. Eulálio Motta como se fôra um meteorito que desprendido do “cosmos”, caiu naquelas paragens distantes e ao sentir e analisar onde se encontrava, tenta soerguer-se, desagelmar-se, desvencilhar-se dos grilhões que o prende àquella terra [...] (Alves Filho, 1949, p. 8).

A analogia que Bráulio Alves fez ao comparar Eulálio Motta com um “meteorito desprendido dos cosmos” é a que melhor caracteriza o perfil do poeta. Estamos falando de um escritor não canônico, que esteve à margem do centro de circulação e divulgação de sua obra literária, mas mesmo assim conseguiu fazer com que sua poesia fosse ouvida, lida e criticada em Mundo Novo, interior da Bahia.

Eulálio Motta não se filiou diretamente a nenhuma corrente literária. “[...] é um exemplo de escritor que surge em meio aos vendavais provocados pelo modernismo na cultura baiana” (Barreiros, 2016, p. 133). Ele tinha consciência da chegada do Modernismo na Bahia, contudo não deixou de produzir seus poemas românticos. Não se rendeu às críticas modernistas, pelo contrário, produziu textos a fim de satirizar a imposição do modernismo baiano. A partir de 1933 é que Eulálio Motta decide incorporar elementos do modernismo em suas composições. Ele conseguiu fazer com que sua poesia se propagasse através de publicações em livros de antologias poéticas que circulavam no país. Para isso, enviava manuscritos a amigos e até mesmo para pessoas desconhecidas, na esperança de ver seus textos publicados. Segundo Barreiros (2015), talvez o fato de viver afastado de um grande centro, tenha prejudicado a sua projeção enquanto poeta, mas em Mundo Novo, Eulálio Motta tinha o seu público. A seguir, falaremos da obra *Canções de meu caminho*. Como se deu a sua composição e recepção.

Figura 1 - Capa da primeira edição de *Canções de meu caminho*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Canções de meu caminho é o terceiro livro de poemas publicado pelo autor. A primeira edição foi publicada em 1948 e editada pela tipografia do jornal *O Serrinhense*. É um livro composto por 42 poemas e dedicado especialmente aos “pidões” como ele próprio diz no prefácio: “[...] Muitas pessoas me têm pedido cópias, ora de uma, ora de outra produção que por acaso viram ou ouviram de algum amigo. Fazendo êste caderno, meu intuito foi êste: — satisfazer aos pidões” (Motta, 1948). Esses “pidões” fazem alusão aos amigos de infância de Eulálio Motta, aos amigos dos tempos ginasianos e aos amigos da família. Satisfazer aos pidões, era uma forma de fazer sua poesia circular entre os escritores e adquirir merecidamente sua visibilidade literária. Alguns dos “pidões”: Belmiro Braga (poeta mineiro); Eudaldo Lima (grande amigo de Eulálio Motta); Nelson Carneiro (político e jornalista); José Amorim (amigo fazendeiro); Edson Cantarelli (político); Deocleciano Meireles (político); Braulio Alves Filho (amigo de poesia e responsável pela Tipografia *O Serrinhense*); Werther Brandão (amigo do

Ginásio Ipiranga); entre outros. Dos 42 poemas que compõem a primeira edição, 15 deles foram reeditados para compor a segunda edição.

2.1.1 Segunda edição de *Canções do meu caminho*

Figura 2 - Capa da segunda edição de *Canções do meu caminho*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

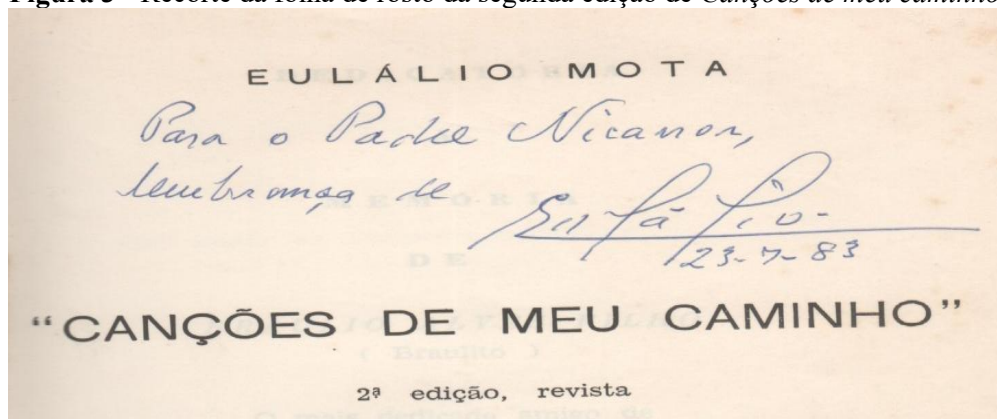
Em meio à revisão para a composição da segunda edição, o escritor adicionou na capa da primeira edição o termo “do” acompanhado de um sinal de interrogação para expressar sua dúvida referente ao título do livro. Deixaria do jeito que está ou mudaria para *Canções do meu caminho*? Ele decidiu mudar.

Segundo as normas gramaticais, havendo uma construção frásica acompanhada de um artigo definido, deve-se usar a contração “do”; não havendo a presença de um artigo definido, deve-se usar a preposição “de”. No que tange ao título do livro, seguindo a perspectiva da norma padrão da língua, a forma correta seria “Canções de meu caminho”. Não há como saber se o

escritor pensou nesse aspecto, mas o fato é que tanto na folha de rosto da segunda edição quanto na cópia do projeto da terceira edição, o título volta a ser escrito *Canções de meu caminho*.

A segunda edição revista não consta impressa o nome da Tipografia responsável pela impressão nem a data de publicação, mas de acordo com a anotação na própria obra e segundo Barreiros (2012), supõe-se que tenha sido em 1983. O poeta escreveu um autógrafo datado e direcionado ao Padre Nicanor², como consta na figura a seguir:

Figura 3 - Recorte da folha de rosto da segunda edição de *Canções de meu caminho*.



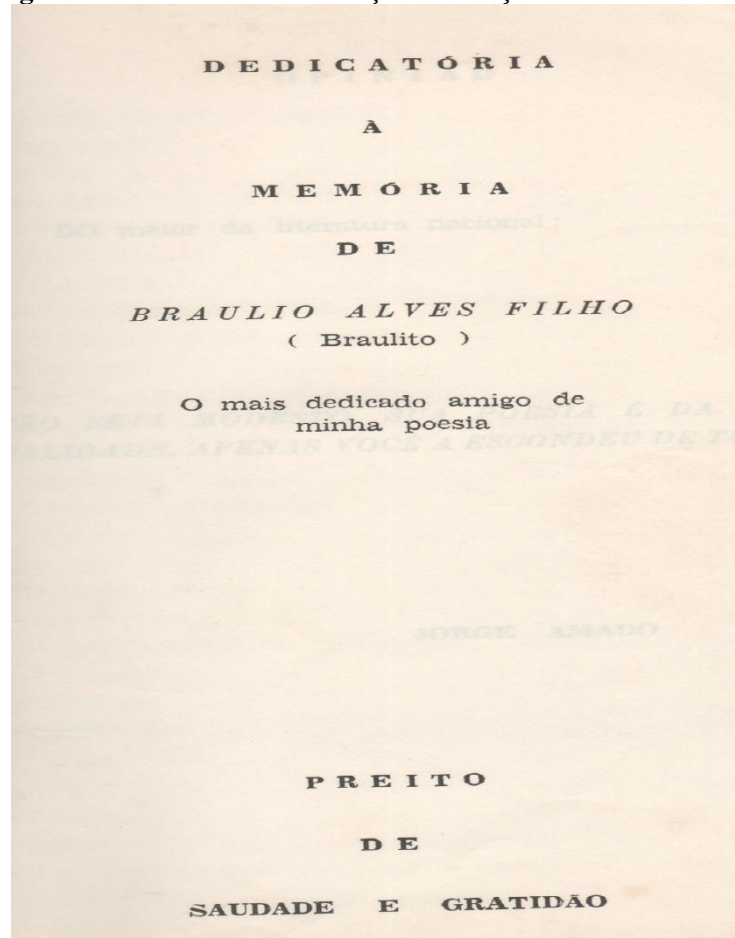
Fonte: Motta, 1983.

A partir do recorte da folha de rosto, percebe-se alguns erros tipográficos quanto ao sobrenome do autor que está grafado apenas com um ‘t’ “Motta” e o título que difere do que consta na capa. Quanto ao ano de publicação, tem-se a primeira hipótese defendida primeiramente por Barreiros (2012), mas também há uma hipótese defendida por Sheila Santos (2020). A pesquisadora chama atenção para o fechamento do capítulo *ELA* dessa segunda edição; no poema *Emoção*, o escritor escreveu “Meu último poema” e logo abaixo do poema inseriu a data “15/09/1982”, chega-se à conclusão de que a segunda edição foi publicada entre 1982 e 1983.

Essa edição revista e ampliada foi dedicada à memória de Braulio Alves Filho (Braulito) visto por Eulálio Motta como “o mais dedicado amigo de sua poesia”. Segundo Lima (2016), Braulio era dentista em Mundo Novo. Em agosto de 1950 foi escolhido pelo Diretório da UDN como candidato a prefeito. Após perder a eleição para o Sr. Arthur Jacobina Vieira, mudou-se para Feira de Santana e nunca mais retornou a Mundo Novo.

² Padre Nicanor era filho de Gavião, hoje Riachão do Jacuípe. Nasceu no dia 26 de abril de 1915. Em junho de 1947, com o falecimento do Padre José Dias (08.03.47), foi nomeado vigário da Paróquia. Tornou-se Cônego quando completou 25 anos de sacerdócio. Depois se tornou Monsenhor, devido à sua função de Vigário Geral, e também por Comenda da Santa Sé. Foi professor e diretor do Ginásio de Mundo Novo, onde com muita competência e austeridade desenvolveu uma excelente administração. Era idolatrado pelo povo mundo-novense (Lima, 2016, p. 113).

Figura 4 - Dedicatória da 2ª edição de *Canções de meu caminho*.



Fonte: Motta, 1983.

Eulálio Motta mantinha uma relação fértil com grandes escritores, a exemplo de Jorge Amado. Além de colegas, eram amigos de poesia. Em uma entrevista concedida a Dante de Lima em 1988, Eulálio Motta falou da sua relação com Jorge Amado, vejamos um trecho:

- É verdade que o senhor foi colega de Jorge Amado?
- Fui. Muito meu amigo. Insistia muito para que passasse umas férias com ele em Ilhéus. Mas, eu não aceitava porque eu era muito pobre e não dispunha de recursos. Mas, certa feita o Jorge mandou fazer um terno novinho e me deu de presente. Disse: “Agora você pode passar as férias comigo”. E fomos.
- Dizem que o senhor e Jorge Amado eram líderes estudantis. É verdade?
- É. Mas o Jorge não era de ser notado. Era muito calado, muito embora não passasse despercebido.
- E o senhor...
- Eu chamava mais à atenção porque sempre gostei da oratória.

No acervo, há trocas de correspondências entre os escritores. A seguir, tem-se um trecho de uma carta para Jorge Amado a respeito do livreto de propaganda da segunda edição de *Canções de meu caminho*. Vejamos um trecho:

[...] Jorge Amigo: [...] P. S. – O livreto não é “nova edição de canções de meu caminho.” É apenas livreto de propaganda da futura segunda edição de “Canções” que se compõe de 45 produções escolhidas: sonetos, poemas, cantigas. Segunda edição que sairá ou não, dependendo de minhas condições financeiras em janeiro de 981, quando pretendo entregar os originais, que já estão dactilografados, a alguma editora (Motta, 1980).

No trecho da carta supracitada, Eulálio Motta sinalizou sobre os datiloscritos da segunda edição, os quais permanecem preservados em seu acervo e serviram de fonte para realizar a hiperedição. Todas as edições de *Canções de meu caminho* são compostas por sonetos, poemas e trovas; fato que comprova a versatilidade estilística do poeta e a valorização desde a métrica às rimas populares.

Jorge Amado, além de trocar correspondências com Eulálio Motta, emitiu elogios aos poemas dele. O escritor transcreveu a opinião de Jorge Amado na composição da segunda edição de *Canções de meu caminho* logo após a dedicatória: “OPINIÃO Do melhor da literatura nacional: ‘NÃO SEJA MODESTO, SUA POESIA É DA MELHOR QUALIDADE, APENAS VOCÊ A ESCONDEU DE TODOS’ Jorge Amado” (Motta, 1983, p. 7). “Modesto” é um adjetivo que não foi bem recebido por Eulálio Motta. O próprio autor escreveu na coluna *Rabiscos*, no Jornal *Mundo Novo*, um texto falando sobre essa adjetivação:

[...] Não quero, pois, meter-me a definir modéstia. Apenas me arrisco a dizer que não a vejo com bons olhos. Na maioria dos casos, quando um individuo diz: “sou pequeno”, “insignificante” etc e tal, está doidinho por um não apelado, um é modéstia de sua parte ou cousas que taes. Neste caso, o modesto não passa de um doente de vaidade e hipocrisia. É por isto que tenho muito medo de ser taxado de modesto Que me chamem de tudo: compenetrado, capotino, poeta, até doutor, se queiserm, menos de modesto! (Liota³, 1932).

Ainda na segunda edição, no poema *Último momento*, há uma outra opinião de Jorge Amado: “Poema bonito e melancólico, reflete a realidade do tempo que passa” (Motta, 1983, p. 81). As cartas dirigidas um ao outro e os comentários tecidos ratificam a relação profícua de ambos os escritores.

³ Pseudônimo utilizado por Eulálio Motta para falar de assuntos sob um tom humorístico e irônico.

No caderno *Monitor*⁴, há rascunhos de cartas de Eulálio Motta dirigidas a J. G. de Araújo conhecido como o “Poeta do Povo e da Mocidade” relacionadas à obra *Canções de meu caminho*:

Caro poeta, Pax!

Há mais de dois meses sem rádio, somente ontem voltei a ouvi-lo. Vivo na roça e tinha um receptor de acumulador alimentado por um pequeno motor a gasolina. [...] Minhas felicitações pelo próximo primeiro aniversário de seu programa de irradiação de Poesia. Poesia que é doçura tão necessária nestes tempos realmente amargos. Ainda estava, pelo motivo exposto sem saber se lhe chegou a mãos o “Canções de meu caminho”. Recebi! “Amo!”. Ótimo! Se algum dia eu realizar o sonho de publicar um caderno intitulado Versos que gostei, espero contar com sua autorização para incluir o seu ótimo poema que é esse “Orgulho e renúncia.” Muito obrigado por mais pelo “Amo!” E que Deus o mantenha muito vivo, muito alegre, muito feliz, derramando belezas por muitos anos, do “Leite de Rosas” para todos nós (E.A2.9.CV1.09.001, 24.08.1960, f.24v e f.25r).

Em outra carta enviada ao mesmo destinatário, Eulálio Motta explicitou a sua admiração pelo poeta e pelos seus textos e citou novamente o livro *Canções de meu caminho*.

Caro Poeta,

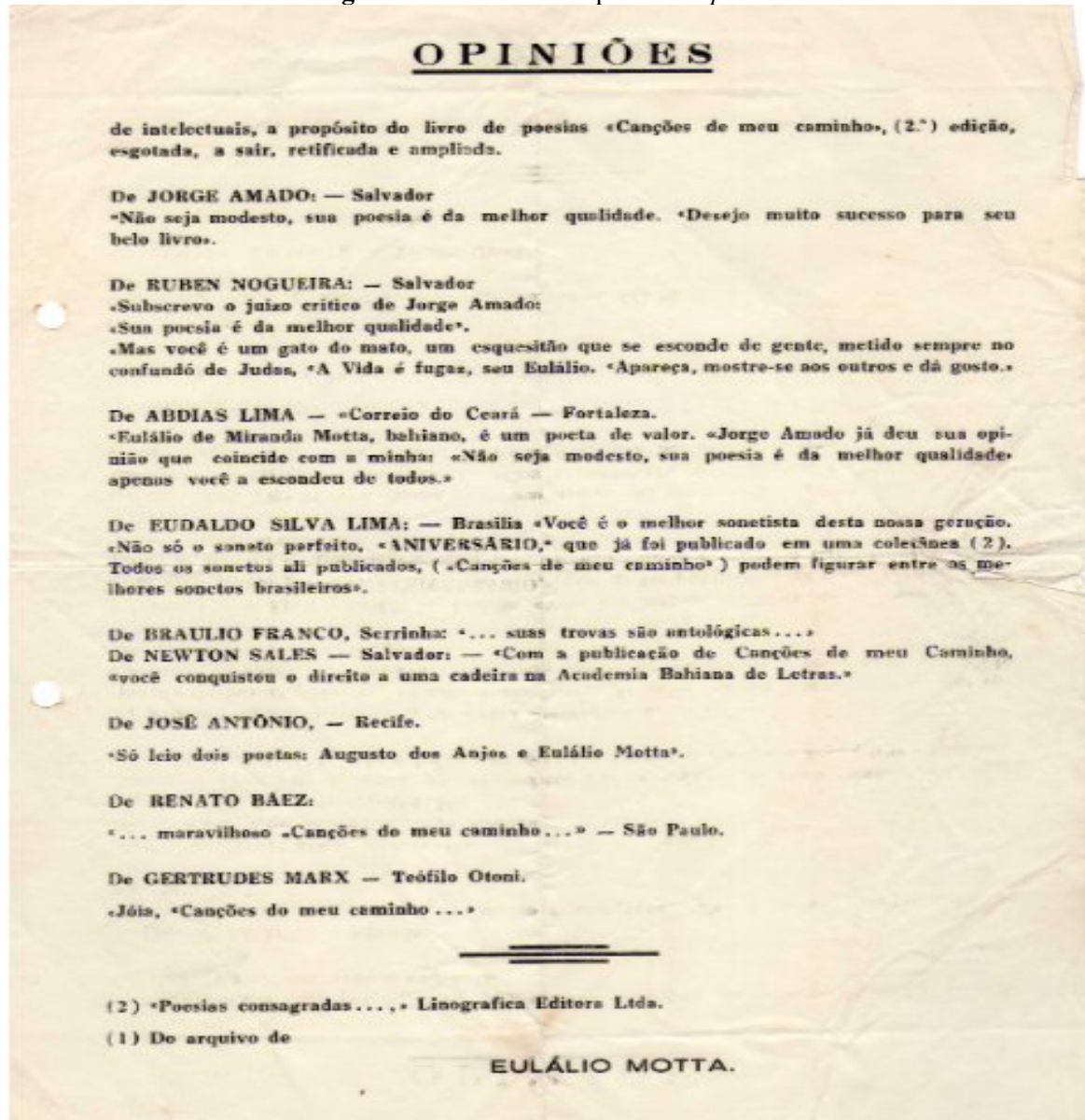
Hoje fui à cidade e, de volta, cheio na minha capanga de couro um Bazar de ritmos. Amanhã, domingo, nesta “paz de mística fazenda”, estarei enchendo as minhas horas vazias com os ritmos deste bazar. Por essas horas de ritmos que antes passo, receba, caro Poeta, o meu muito obrigado de todo coração. Não tendo paciência de deixar todinho para amanhã, já o abri e andei de flor em flor. Tive um sorriso gostoso no final da leitura do Psicologia, explico um dia desses, recordo velhos papeis, arrumando gavetas encontrei um poema antigo e inédito, que parece um inverso dessa moeda de ouro que é o seu Psicologia. Achei interessante remeter-lhe tal poema antigo e inédito para perceber quanto foi justa a minha admiração para esse seu poema que talvez não goze de muito prestígio no afeto do autor. Por essa bondade de encher de ritmos as minhas horas vazias, envio-lhe um grande abraço profundo e com gratidão do Eulálio Motta. P.A: em constantes viagens ultimamente, inclusive a Salvador onde me demorei quase um mês, não estando em dias com o lindo poema Leite de Rosas. Ainda sem saber se lhe chegou em mãos o Canções de meu caminho (E.A2.9.CV1.09.001, 03.12.1960, f.56v e f.57r).

Em um de seus panfletos, Eulálio Motta preservou diversas opiniões de vários escritores a respeito da segunda edição de *Canções de meu caminho* e da sua poesia. O registro de críticas vindas de intelectuais contribuiu para dar mais credibilidade a sua obra e intensificou

⁴ O caderno *Monitor* foi escrito por Eulálio Motta entre 1960 e 1962, encontra-se preservado em seu acervo. É composto por rascunhos de correspondências dirigidas a diversos destinatários abordando assuntos variados.

a circulação de seus textos no contexto literário da época. Vejamos a seguir o panfleto supracitado:

Figura 5 - Fac-símile do panfleto *Opiniões*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

A segunda edição, ao contrário da primeira e da terceira que veremos logo a seguir, é composta por 52 poemas e possui o índice dividido por capítulos.

Figura 6 - Fac-símiles do índice da 2ª edição de *Canções de meu caminho*.

ÍNDICE	
	Páginas
CANÇÕES DO MEU CAMINHO	3
DEDICATÓRIA	5
OPINIÃO	7
PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO	11
PRIMEIRO CAPÍTULO "ELA"	13
— Nunca mais	15
— Conjecturas	17
— Sentimentalismo	18
— Aniversário D'Ela	19
— Conversão	20
— Recordação de Monte Alegre	21
— São João	23
— Impossível	24
— Canções de Ninar	25
— No mundo dos sonhos	26
— Esquece	27
— Sozinho	29
— Penúltimo Poema	30
— Meu Último Poema	31
SEGUNDO CAPÍTULO "ELAS"	33
— Dona feia	35
— Noturno	36
— Quem será?	37
— Último sonho	38
— Desencontros	39
— Saudade	40
— Beijos	41
— Faz de conta	42

— 9 —

— Ausência	43
— Você	44
— Sonhos idos	46
— Cantigas	47
— Caixa de papelão	48
— Velho trem de ferro	50
TERCEIRO CAPÍTULO: "Outras Poesias"	
— Prece de um cético	55
— Aniversário	56
— O sábio	57
— Aquela Árvore	58
— Tamarindeiro	59
— Euforia	60
— Volta, Ilusão!	61
— Inverno	62
— Fazenda Vaca Parida	63
— Depois	65
— Meu poema de estudante pobre	66
— Batingas	67
— Jacobina	69
— Edição esgotada	70
— A chuva chegou!	71
— Pensamento de celibatário	72
— Outras cantigas	73
— Hino do Ginásio Mundo Novo (Letra e música)	77
QUARTO CAPÍTULO "LUZES DO CREPÚSCULO"	
— Instantâneo	79
— Epitáfio	80
— Último Momento	81
— Última página	82
— Gotas finais... Última trova e Última estrofe	83
— O Nome Daquela Rua	84

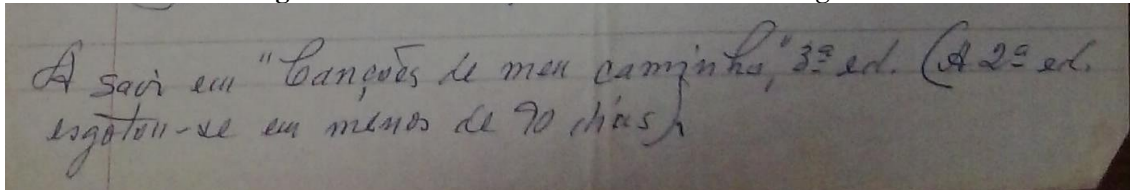
— 10 —

Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

O primeiro capítulo intitulado *ELA*, que também é título de um conjunto de trovas produzido pelo escritor, é composto por 14 poemas, divididos em sonetos, poemas de versos livres e trovas, todos os poemas foram direcionados a sua amada Edy. Figura feminina que despertou o amor de Eulálio Motta e o inspirou a compor seus versos. Passando o pronome feminino para o plural, o escritor nomeou o segundo capítulo *ELAS*, também composto por 14 poemas e direcionado a diferentes perfis femininos, a exemplo do poema *Dona Feia* em que o eu lírico aborda o caráter duvidoso de uma mulher. O terceiro capítulo denominado *Outras poesias* é composto por 18 poemas, nessa seção, o poeta faz uma seleção de textos que remetem à memória afetiva (os lugares onde passou a infância, as brincadeiras, as festas populares). Para finalizar, ele intitulou o quarto capítulo de *LUZES DO CREPÚSCULO*, que também é título de um projeto de livro inédito assim como a terceira edição de *Canções de meu caminho*, e encontra-se preservado em um caderno que segue a estrutura de livro. *Luzes do Crepúsculo* reúne poesias escritas entre os anos de 1956 e 1968 e diversos poemas em comum com a obra *Canções de meu caminho*. Essa quarta seção é composta por 6 poemas, mas nenhum desses fazem parte do caderno *Luzes do Crepúsculo*.

Essa segunda edição esgotou-se em menos de 90 dias e Eulálio Motta registrou esse fato em alguns de seus textos, a exemplo do manuscrito avulso de *Trovas antológicas* escrito em 1986, como mostra a figura:

Figura 7 - Recorte do manuscrito *Trovas antológicas*.



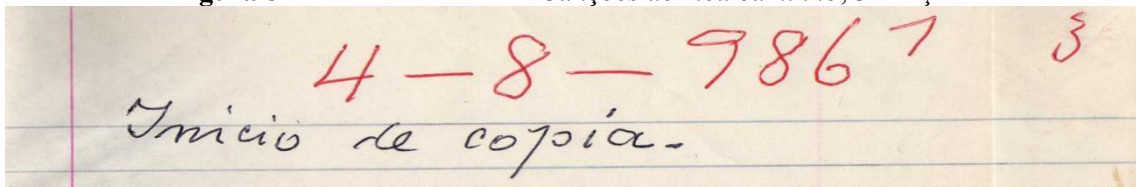
Fonte: EH1.813.CL.04.007.

Ao esgotar a segunda edição, Eulálio Motta deu início ao projeto da terceira edição, como veremos a seguir.

2.1.2 Terceira edição de *Canções de meu caminho*: um projeto editorial

Ao esgotar a segunda edição, o escritor sinalizou para a publicação da terceira edição, retificada e ampliada. Em 4 de agosto de 1986, Eulálio Motta começou a passar a limpo a terceira edição:

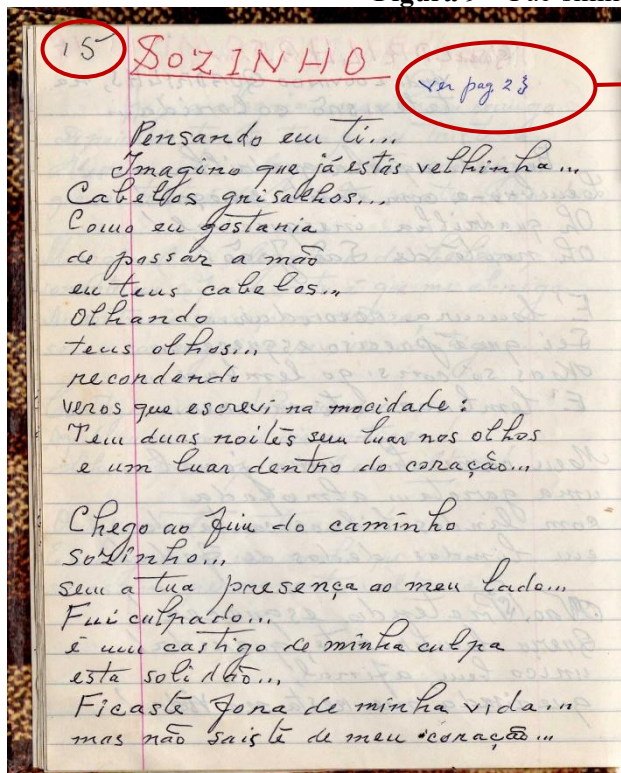
Figura 8 - Recorte do caderno *Canções de meu caminho*, 3ª edição.



Fonte: EA1.6.CV1.06.0.

A terceira edição de *Canções de meu caminho* é um projeto de livro de poemas que dá continuidade às edições anteriores. O caderno segue a estrutura de livro, composto por capa, folha de rosto, índice e diversos textos passados a limpo. Apresenta 37 poemas, 61 folhas, alguns textos com emendas e rasuras, 7 poemas que foram reescritos no próprio caderno e sinalizados pelo escritor, revelando seu processo criativo. Vejamos um exemplo:

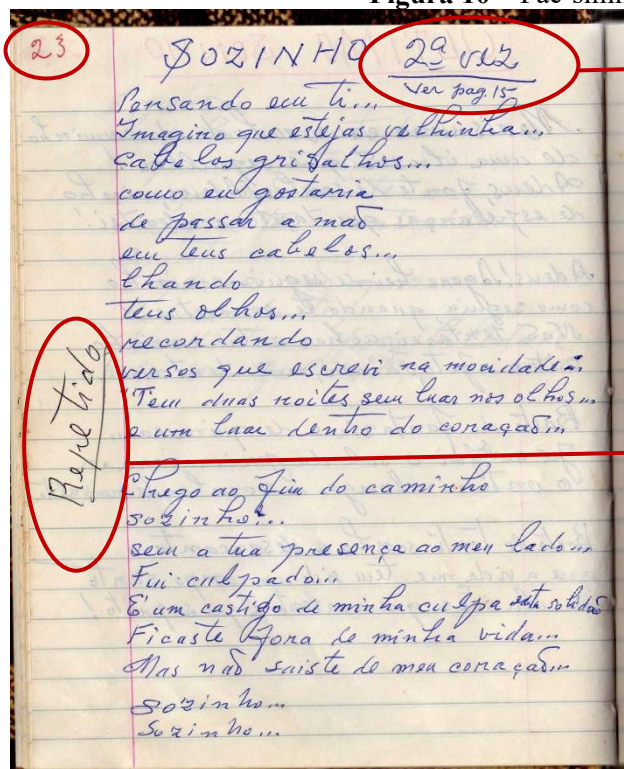
Figura 9 – Fac-símile de Sozinho f. 11v.



Ver pag. 23

Fonte: EA1.6.CV1.06.0.

Figura 10 – Fac-símile de Sozinho f. 14v.



2ª vez

Ver pag. 15

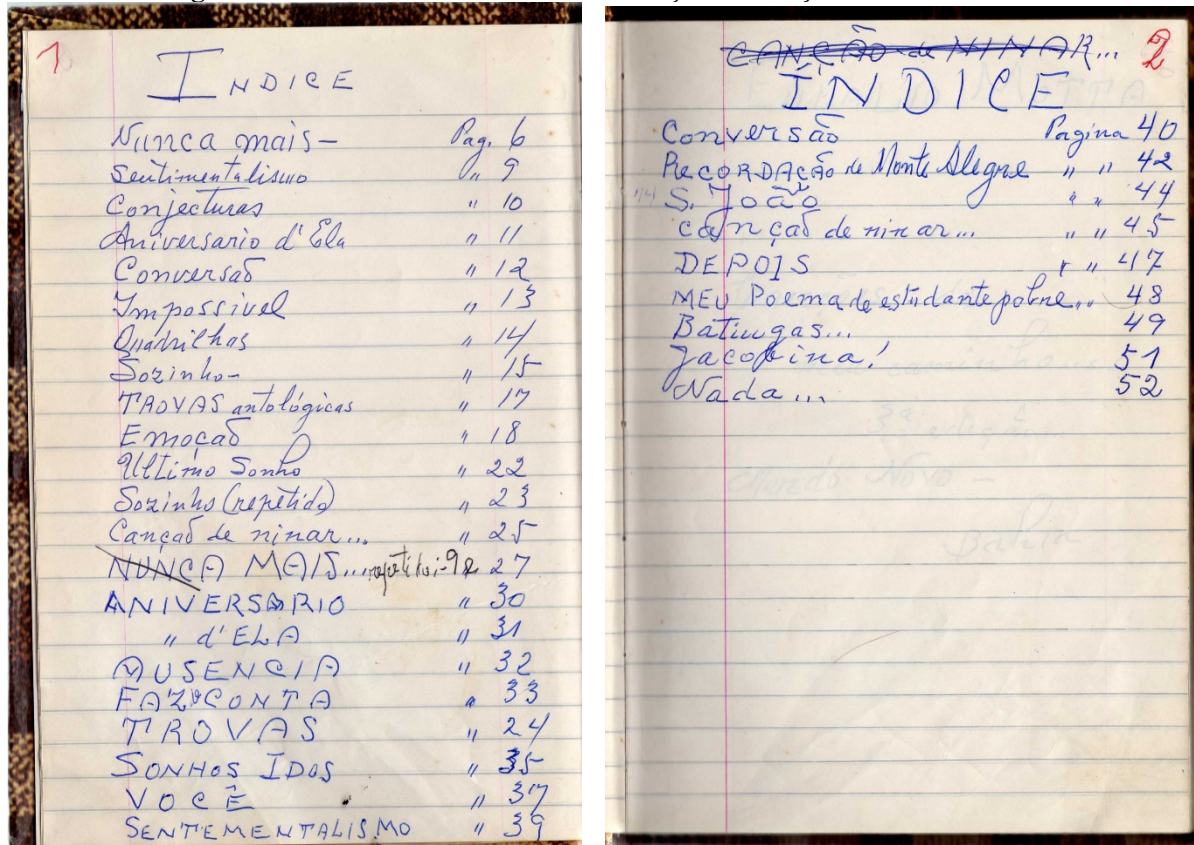
Repetido

Fonte: EA1.6.CV1.06.0.

Essas marcações realizadas pelo escritor demonstram o seu labor durante a produção dos textos e ratificam que o caderno era um de seus espaços de trabalho. Ao reescrever esses textos, o escritor sempre alterava algo (sinal de pontuação, substituição de palavra, supressão ou acréscimo de termos e expressões, disposição do poema na folha, etc.).

Os poemas: *Bom sucesso*, *Tempo de poesia*, *Trovas*, *A trova do cigarro* não estão presentes no índice do caderno, apenas no seu interior. Deduz-se que o escritor resolveu inserir depois esses outros textos e não alterou o índice. Referente às trovas, tem-se a suposição de que o autor já estava preparando os rascunhos para a produção do seu caderno de trovas, outro projeto de livro inédito preservado em seu acervo. A seguir tem-se dois fac-símiles do índice da terceira edição de CMC:

Figura 11 - Fac-símiles do índice da 3ª edição de *Canções de meu caminho*.



Índice (Fac-símil)	Página
Nunca mais -	6
Sentimentalismo	9
Conjecturas	10
Aniversário d'Ela	11
Conversa	12
Impossível	13
Quadrilhos	14
Sorinho	15
TROVAS antológicas	17
Emoção	18
Último Sonho	22
Sorinho (repetido)	23
Canção de ninar...	25
NUNCA MAIS repetido	27
ANIVERSÁRIO	30
" d'ELA	31
MUSENCA	32
FAZ-CONTA	33
TROVAS	24
SONHOS IDOS	35
VOCÊ	37
SENTIMENTALISMO	39

Índice (Fac-símil)	Página
Conversa	40
RECORDAÇÃO de Monte Alegre	42
S. João	44
Canção de ninar...	45
DEPOIS	47
MEU Poema de estudante pobre...	48
Batuigas...	49
Jacarina!	51
Nada...	52

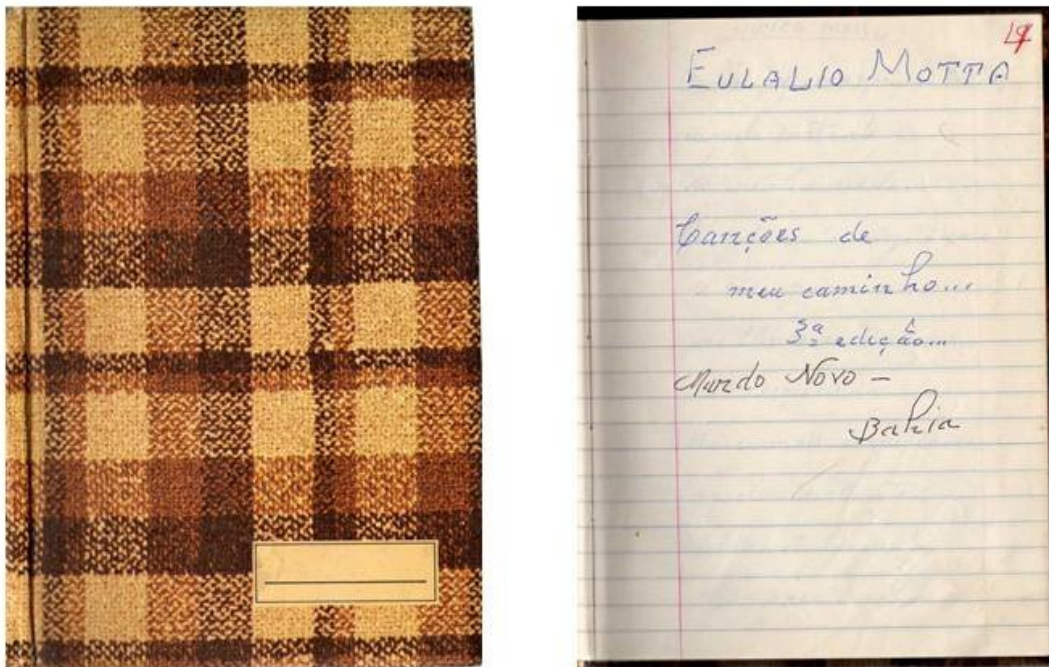
Fonte: Acervo do escritor.

*Meu Caderno de Trovas*⁵ assim como a terceira edição de *Canções de meu caminho* também é considerado como um projeto editorial devido a sua composição, indícios de publicação e organização. É um projeto editado pela pesquisadora Juliana Pereira Rocha (2023)

⁵ O Caderno *Meu Caderno de Trovas* foi objeto de estudo de Juliana Pereira Rocha que desenvolveu uma tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana em 2023.

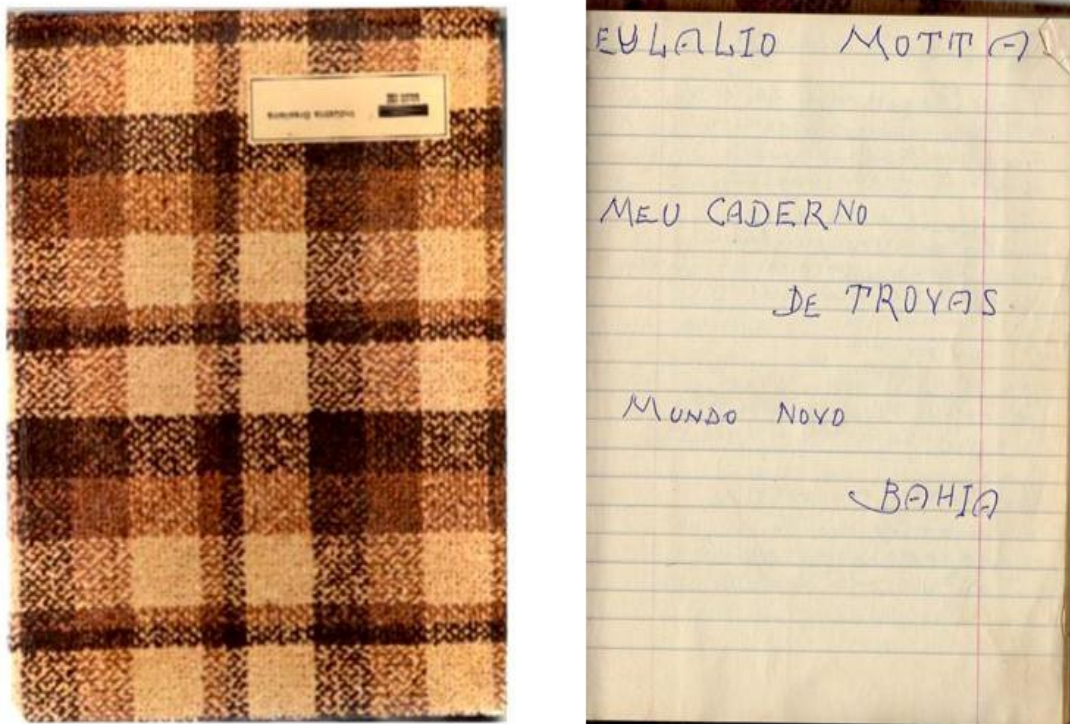
em sua pesquisa de Doutorado. Ela apresentou *Meu Caderno de Trovas* por meio de algumas camadas editoriais, a ver: edição fac-similar, edição topográfica, edição linearizada, edição atualizada com *links* e a edição em confronto sinóptico (destacada e não destacada). Informações contextuais sobre o processo de produção e circulação das trovas, bem como o movimento Trovista e Neotrovista no Brasil também integram o website e pode ser acessado de maneira hipertextual por meio de recursos hipermediáticos, a exemplo de imagens, textos e vídeos. Os dois projetos apresentam muitas semelhanças tanto em termos físicos quanto ao conteúdo. Foram escritos no mesmo período que compreende de 1986 a 1988, foram os projetos finais de Eulálio Motta. A seguir, veremos os pontos de encontro entre ambos.

Figura 12 - Capa e folha de rosto da 3ª edição de *Canções do meu caminho*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

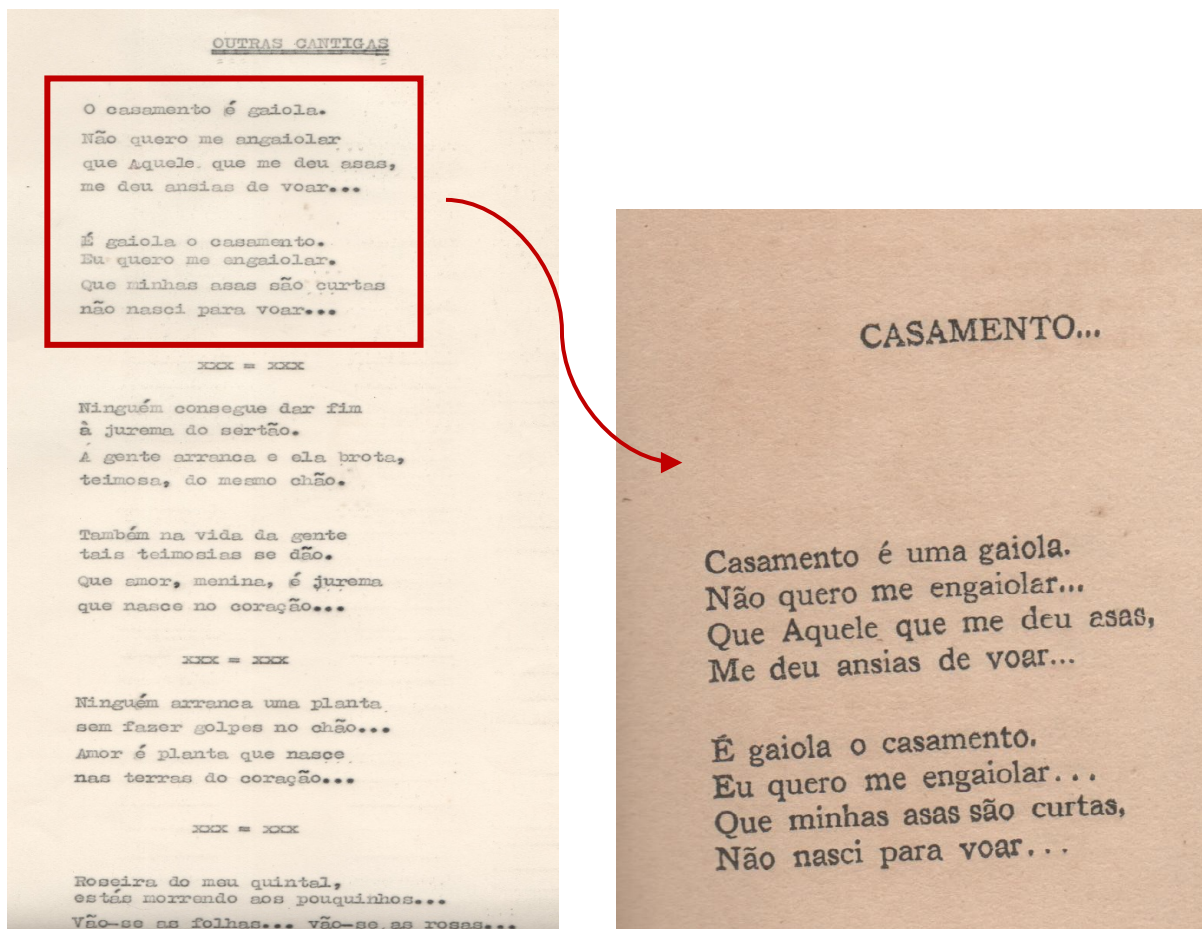
Figura 13: Capa e folha de rosto do Caderno *Meu Caderno de Trovas*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

A partir do levantamento dos textos que têm relação com a obra *Canções de meu caminho*, foram encontrados 27 conjuntos de trovas e 2 trovas que fazem parte de ambos os projetos. Rocha (2018) considera os grupos de trovas que possuem títulos generalizados, que apontam apenas para a reunião de trovas em um determinado documento, mas que, não necessariamente, estabelecem um encadeamento temático entre si, como: *Trovas*, *Quadras*, *Cantigas*, *Quadrinhas*, *Redondilhas*. Muitos casos de trovas tratam-se de estrofes dos conjuntos de trovas que são reescritas em diferentes suportes materiais e passam a compor outras produções autônomas. Temos a seguir, um exemplo do conjunto de trovas *Outras cantigas* e que em determinado momento o autor selecionou duas trovas para compor o poema *Casamento*:

Figura 14 - Fac-símiles de *Outras cantigas* e *Casamento*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Observamos poemas com o mesmo título, mas escritos de formas diferentes; conjunto de trovas que passou a compor um poema; um mesmo poema publicado em diferentes épocas e que compõe diferentes obras. Tais características ratificam a importância de realizar uma edição que dê conta dessas singularidades, dessa complexidade textual.

Há no acervo, oito poemas inéditos preservados em diferentes suportes, conforme o quadro a seguir. Os poemas estão organizados por ordem cronológica:

Quadro 2 - Poemas inéditos avulsos.

Título	Data	Suporte
1. Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você	18/07/1984	Manuscrito
2. A carta que não veio	03/01/1985	Datiloscrito
3. Saudade 2	13/05/1986	Manuscrito / Datiloscrito
4. Dia do namorado	15/06/1986	Manuscrito
5. Grupo de três	21/07/1986	Datiloscrito
6. Natal	25/12/1987	Panfletos
7. Aquela rua	s.d.	Datiloscrito
8. Doze trovas para ela	s.d.	Datiloscrito

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Uma dúzia de trovas para meus dois pronomes: Tu e Você

É um conjunto composto por doze trovas que apresentam um encandeamento entre si. O eu lírico lamenta pelo amor não correspondido, mas explica o motivo de alimentar e de insistir nessa dor “No dia que eu conseguisse / realmente te esquecer, / estava terminado / meu motivo de viver!”.

A carta que não veio

É um poema composto por versos livres que apresenta mais uma decepção do eu lírico em relação a sua amada. Narra a espera de uma carta de agradecimento que infelizmente não chegou. “Aconteceu que a ‘distinta’ não agradeceu... / Supondo, talvez, / que poeta não merece, / consideração...”.

Saudade 2⁶

É um conjunto de trovas que também apresentam um encandeamento entre si. Nesses versos, o eu lírico lamenta o fato da sua amada ter ignorado as cartas enviadas. “Cartas... dezenas de cartas... / sem respostas... é demais”.

Dia do namorado

É um poema composto por versos livres em que o eu lírico expressa sua grande ilusão. “Nunca fui namorado... / vivi apenas uma doce ilusão”.

Grupo de três

É um conjunto composto por três trovas que remetem à passagem do tempo, à efemeridade da vida. “Mas tudo passa... passou... / já não ha mais a janela... / Não existe mas na rua... / e não existe mas ela...”.

Natal

É um conjunto de trovas em que o eu lírico questiona o porquê de tanto rancor por parte da sua amada. O título do poema torna-se coerente por conta da data em que foi escrito “25/12/1987”.

Aquela rua

É um poema composto por versos livres que aborda o encantamento do eu lírico ao ver o seu amor passar todos os dias para ir ao colégio. Nesse período, Eulálio Motta trabalhava em uma farmácia. “Toda manhã inevitavelmente, / estava na porta da farmácia / apreciando a passagem da beleza. / Que encantamento!”.

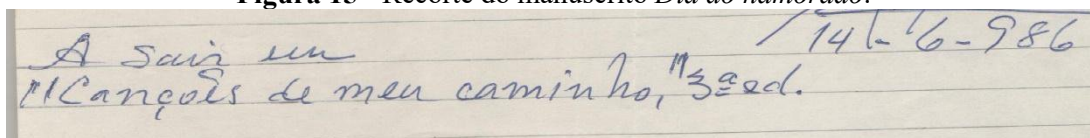
Doze trovas para ela

⁶ Para poemas que apresentam o mesmo título, diferenciamos através de números.

É um conjunto de trovas, algumas delas fazem parte de outros conjuntos de trovas intitulados *Cantigas* e *Outras cantigas*. Apresenta a mesma temática de lamento por parte do eu lírico por ter sido esquecido, por não ter tido seu amor correspondido.

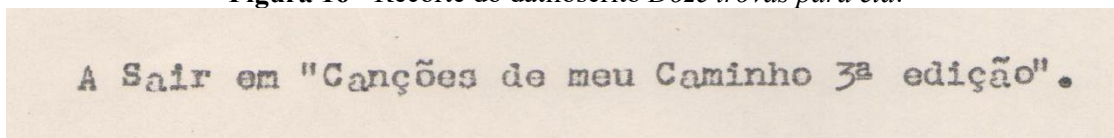
Os poemas mencionados ratificam que durante a fase final de produção do escritor, ele deu preferência a escrita de trovas e poemas de versos livres. Todos esses textos apresentam indicações do próprio escritor expressando que tais produções fariam parte da terceira edição de *Canções de meu caminho*. Vejamos alguns exemplos:

Figura 15 - Recorte do manuscrito *Dia do namorado*.



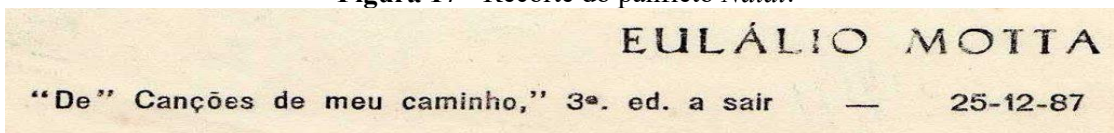
Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 16 - Recorte do datiloscrito *Doze trovas para ela*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 17 - Recorte do panfleto *Natal*.



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Ao confrontar as três edições de *Canções de meu caminho*, chegamos às seguintes conclusões: dos 42 poemas que compõem a primeira edição, 15 fazem parte da segunda edição e 7 fazem parte tanto da segunda quanto da terceira edição. Dos 54 poemas publicados na segunda edição, 12 fazem parte da terceira edição. Em decorrência dessa inter-relação entre as edições, fez-se necessário realizar um estudo que contemplasse todos os textos que fazem parte da obra *Canções de meu caminho*.

2.1.3 O corpus

O *corpus* da pesquisa é composto por 86 textos que se subdividem em textos da primeira, segunda, terceira edição de *Canções de meu caminho* e oito textos avulsos acompanhados de notas escritas a punho pelo próprio escritor para serem inseridos na terceira

edição de *Canções de meu caminho*. O quadro abaixo apresenta todos os textos que fazem parte da pesquisa, organizados em ordem alfabética.

Quadro 3 - Poemas de *Canções de meu caminho*

TÍTULO DO TEXTO
1. A CARTA QUE NÃO VEIO
2. AQUELA RUA
3. ANIVERSÁRIO
4. ANIVERSÁRIO D'ELA
5. AQUELA ÁRVORE
6. AUSÊNCIA
7. A CHUVA CHEGOU
8. A TROVA DO CIGARRO
9. BALADA DO CANTO
10. BATINGAS
11. BEIJOS
12. BOM SUCESSO 1
13. BOM SUCESSO 2
14. BUCÓLICA
15. CAIXA DE PAPELÃO
16. CANÇÃO DE NINAR
17. CANTIGAS
18. CASAMENTO
19. CONJECTURAS
20. CONVERSÃO
21. DEPOIS
22. DESENCONTRO
23. DIA DO NAMORADO
24. DONA FEIA
25. DOZE TROVAS PARA ELA
26. EDIÇÃO ESGOTADA
27. EMOÇÃO
28. EPITÁFIO
29. ESQUECE
30. EUFORIA
31. FATALISMO
32. FAZENDA VACA PARIDA
33. FAZ DE CONTA
34. FELICIDADE
35. GOTAS FINAIS
36. GRUPO DE TRÊS
37. HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
38. IMPOSSÍVEL
39. INSTANTÂNIO
40. INVERNO
41. JACOBINA
42. MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
43. NADA
44. NATAL
45. NOTURNO
46. NO MUNDO DOS SONHOS

47. NUNCA MAIS
48. O SÁBIO
49. ORAÇÃO
50. OUTRAS CANTIGAS
51. O NOME DAQUELA RUA
52. PAISAGEM
53. PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO
54. PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS
55. PERDIÇÃO
56. PRECE DE UM CÉTICO
57. QUEM SERÁ?
58. RETRATO
59. RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE
60. ROMANCE
61. SAUDADE (1)
62. SAUDADE (2)
63. SAUDADE DIFERENTE
64. S. JOÃO
65. SENTIMENTALISMO
66. SÓ
67. SOFRIMENTO
68. SONHOS IDOS
69. SOU
70. SOZINHO
71. SÚPLICA
72. TAMARINDEIRO
73. TEIMOSA
74. TEMPO DE BALANÇO
75. TROVAS
76. TROVAS
77. TROVAS
78. TROVAS ANTOLÓGICAS
79. ÚLTIMO SONHO
80. ÚLTIMO MOMENTO
81. ÚLTIMA PÁGINA
82. UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
83. VELHO TREM DE FERRO
84. VIVOS
85. VOCÊ
86. VOLTA, ILUSÃO!

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dentre os 86 poemas encontrados durante o levantamento de todo o material, 69 são éditos e 17 são inéditos. Os textos foram organizados seguindo o critério cronológico (Cf. Quadro 7). Os textos éditos foram publicados na primeira e segunda edição de *Canções de meu caminho* e em livros de antologias.

Quadro 4 - Poemas éditos de *Canções de meu caminho*.

ÉDITOS
1. AQUELA ÁRVORE
2. O SÁBIO
3. DONA FEIA
4. VOLTA, ILUSÃO
5. DEPOIS
6. INVERNO
7. MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
8. SAUDADE (1)
9. ANIVERSÁRIO
10. SOU
11. AUSÊNCIA
12. BALADA DO CANTO
13. BATINGAS
14. BEIJOS
15. BUCÓLICA
16. CANTIGAS
17. CASAMENTO
18. CONVERSÃO
19. DESENCONTRO
20. EDIÇÃO ESGOTADA
21. EUFORIA
22. FATALISMO
23. FAZENDA VACA PARIDA
24. FELICIDADE
25. JACOBINA
26. NOTURNO
27. ORAÇÃO
28. PAISAGEM
29. PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO
30. PERDIÇÃO
31. PRECE DE UM CÉTICO
32. QUEM SERÁ?
33. RETRATO
34. ROMANCE
35. SENTIMENTALISMO
36. SAUDADE DIFERENTE
37. SÓ
38. SOFRIMENTO
39. SÚPLICA
40. TEIMOSA
41. ÚLTIMO SONHO
42. VIVOS
43. ANIVERSÁRIO D'ELA
44. NUNCA MAIS
45. VOCÊ
46. TAMARINDEIRO
47. FAZ DE CONTA
48. HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
49. CAIXA DE PAPELÃO
50. SOZINHO
51. IMPOSSÍVEL

52. ÚLTIMO MOMENTO
53. CANÇÃO DE NINAR
54. S. JOÃO
55. CONJECTURAS
56. RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE
57. VELHO TREM DE FERRO
58. EMOÇÃO
59. A CHUVA CHEGOU
60. EPITÁFIO
61. ESQUECE
62. GOTAS FINAIS
63. INSTANTÂNIO
64. NO MUNDO DOS SONHOS
65. OUTRAS CANTIGAS
66. O NOME DAQUELA RUA
67. PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS
68. SONHOS IDOS
69. ÚLTIMA PÁGINA

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os textos inéditos foram preservados no caderno da terceira edição de *Canções de meu caminho*, em outros cadernos conservados em manuscritos e avulsos presentes no acervo.

Quadro 5 - Poemas inéditos de *Canções de meu caminho*.

INÉDITOS	
1.	UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
2.	A CARTA QUE NÃO VEIO
3.	AQUELA RUA
4.	TROVAS ANTOLÓGICAS
5.	SAUDADE (2)
6.	DIA DO NAMORADO
7.	GRUPO DE TRÊS
8.	TEMPO DE BALANÇO
9.	NATAL
10.	TROVAS
11.	TROVAS
12.	A TROVA DO CIGARRO
13.	TROVAS
14.	NADA
15.	BOM SUCESSO 1
16.	BOM SUCESSO 2
17.	DOZE TROVAS PARA ELA

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A maior parte dos textos são de natureza politestemunhal, sejam manuscritos, datiloscritos ou impressos. Portanto, nessa edição há dois tipos de textos: os monotestemunhais e os politestemunhais.

Quadro 6 - Testemunhos dos poemas.

TEXTO	TESTEMUNHOS			
	MANUSCRITO	DATILOSCRITO	IMPRESSO	TOTAL
A CARTA QUE NÃO VEIO		1		1
AQUELA RUA		1		1
ANIVERSÁRIO	3	2	5	10
ANIVERSÁRIO D'ELA	4	2	3	9
AQUELA ÁRVORE	1	2	2	5
AUSÊNCIA	1	2	2	5
A CHUVA CHEGOU		2	1	3
A TROVA DO CIGARRO	1			1
BALADA DO CANTO	1		1	2
BATINGAS	1	2	2	5
BEIJOS	1	2	2	5
BOM SUCESSO 1		4		4
BOM SUCESSO 2	1			1
BUCÓLICA			1	1
CAIXA DE PAPELÃO	1	2	1	4
CANÇÃO DE NINAR	3	2	1	6
CANTIGAS		2	3	5
CASAMENTO	1		1	2
CONJECTURAS	1	2	2	5
CONVERSÃO	2	2	4	8
DEPOIS	2	3	5	10
DESENCONTRO		2	2	4
DIA DO NAMORADO	2			2
DONA FEIA	1	2	3	6
DOZE TROVAS PARA ELA		5		5
EDIÇÃO ESGOTADA		2	2	4
EMOÇÃO	1	2	1	4
EPITÁFIO		3	1	4
ESQUECE		2	1	3
EUFORIA		2	2	4
FATALISMO	1		1	2
FAZENDA VACA PARIDA		3	2	5
FAZ DE CONTA	4	2	1	7
FELICIDADE			1	1
GOTAS FINAIS		2	1	3
GRUPO DE TRÊS		1		1
HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO	1	2	1	4
IMPOSSÍVEL	3	2	2	7
INSTANTÂNEO		2	1	3
INVERNO		2	3	5
JACOBINA	3	2	3	8
MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE	1	4	4	9
NADA	1			1
NATAL			1	1
NOTURNO	1	2	3	6
NO MUNDO DOS SONHOS		2	1	3
NUNCA MAIS	3	2	3	8
O SÁBIO	1	2	3	6
ORAÇÃO			1	1
OUTRAS CANTIGAS		2	1	3
O NOME DAQUELA RUA		2	1	3
PAISAGEM			1	1
PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO	1	2	2	5
PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS	1	2	1	4
PERDIÇÃO			1	1

PRECE DE UM CÉTICO		2	2	4
QUEM SERA?		2	2	4
RETRATO			1	1
RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE	1	2	3	6
ROMANCE			1	1
SAUDADE (1)	2	2	2	6
SAUDADE (2)	2	1		3
SAUDADE DIFERENTE			1	1
S. JOÃO	1	2	2	5
SENTIMENTALISMO	2	2	3	7
SÓ			1	1
SOFRIMENTO			1	1
SONHOS IDOS	1	2	1	4
SOU	1		1	2
SOZINHO	4	2	2	8
SÚPLICA			1	1
TAMARINDEIRO	2	2	2	6
TEIMOSA			1	1
TEMPO DE BALANÇO	1			1
TROVAS	1			1
TROVAS	1			1
TROVAS	1			1
TROVAS ANTOLÓGICAS	5		1	6
ÚLTIMO SONHO	1	2	5	8
ÚLTIMO MOMENTO	1	2	2	5
ÚLTIMA PÁGINA		2	1	3
UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ	1			1
VELHO TREM DE FERRO		2	2	4
VIVOS			1	1
VOCÊ	2	3	1	6
VOLTA, ILUSÃO!	1	2	4	7

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Eulálio Motta, em seus manuscritos e datiloscritos, geralmente datava seus textos. Dos 86 textos editados apenas 5 não foram datados pelo autor. Os textos não datados foram: *Trovas*, *Nada*, *Bom sucesso* (1), *Bom sucesso* (2) e *Doze trovas para ela*. Desses cinco poemas apenas *Doze trovas para ela* não consta na terceira edição de *Canções de meu caminho*, no entanto, está sinalizada para a sua inserção nessa edição. Estamos falando, portanto, de textos inéditos, escritos supostamente entre os anos de 1986 a 1988, por isso, apesar de não estarem datados pode-se inferir que foram textos escritos nos últimos anos de vida do autor. Podemos perceber a ordenação cronológica geral dos textos através do quadro a seguir:

Quadro 7 – Poemas organizados em ordem cronológica.

DATA	TÍTULO DO TEXTO
1928	AQUELA ÁRVORE
1928	O SÁBIO
26-1-1929	DONA FEIA
maio de 1929	VOLTA, ILUSÃO
1933	DEPOIS

1933	INVERNO
1933	MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
1944	SAUDADE (1)
15-4-1945	ANIVERSÁRIO
Julho, 1947	SOU
1948	AUSÊNCIA
1948	BALADA DO CANTO
1948	BATINGAS
1948	BEIJOS
1948	BUCÓLICA
1948	CANTIGAS
1948	CASAMENTO
1948	CONVERSÃO
1948	DESENCONTRO
1948	EDIÇÃO ESGOTADA
1948	EUFORIA
1948	FATALISMO
1948	FAZENDA VACA PARIDA
1948	FELICIDADE
1948	JACOBINA
1948	NOTURNO
1948	ORAÇÃO
1948	PAISAGEM
1948	PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO
1948	PERDIÇÃO
1948	PRECE DE UM CÉTICO
1948	QUEM SERÁ?
1948	RETRATO
1948	ROMANCE
1948	SENTIMENTALISMO
1948	SAUDADE DIFERENTE
1948	SÓ
1948	SOFRIMENTO
1948	SÚPLICA
1948	TEIMOSA
1948	ÚLTIMO SONHO
1948	VIVOS
1956	ANIVERSÁRIO D'ELA
1958	NUNCA MAIS
15-6-1962	VOCÊ
2-3-1963	TAMARINDEIRO
1964	FAZ DE CONTA
18-5-1965	HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
1966	CAIXA DE PAPELÃO
30-11-1976	SOZINHO
22-5-1977	IMPOSSÍVEL
25-1-1979	ÚLTIMO MOMENTO
Setembro, 18, 1979	CANÇÃO DE NINAR
1981	S. JOÃO
1982	CONJECTURAS
1982	RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE
1982	VELHO TREM DE FERRO
15/09/1982	EMOÇÃO
1983	A CHUVA CHEGOU
1983	EPITÁFIO
1983	ESQUECE
1983	GOTAS FINAIS
1983	INSTANTÂNIO

1983	NO MUNDO DOS SONHOS
1983	OUTRAS CANTIGAS
1983	O NOME DAQUELA RUA
1983	PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS
1983	SONHOS IDOS
1983	ÚLTIMA PÁGINA
18-7-1984	UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
03 de janeiro de 1985	A CARTA QUE NÃO VEIO
14 de janeiro de 1985	AQUELA RUA
29-4-1986	TROVAS ANTOLÓGICAS
13-5-1986	SAUDADE (2)
14-6-1986	DIA DO NAMORADO
21-7-1986	GRUPO DE TRÊS
2-1-1987	TEMPO DE BALANÇO
25-12-1987	NATAL
Junho, 1988	TROVAS
Junho, 1988	TROVAS
20-8-1988	A TROVA DO CIGARRO
s.d.	TROVAS
s.d.	NADA
s.d.	BOM SUCESSO 1
s.d.	BOM SUCESSO 2
s.d.	DOZE TROVAS PARA ELA

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dos 86 textos que compõem a pesquisa, 60 são politestemunhais, poemas que apresentam mais de um registro de escrita; e 26 são de natureza monotestemunhal, poemas que apresentam um único registro de escrita. Vejamos a seguir os quadros dos poemas politestemunhais e monotestemunhais, sua ordenação obedece à sequência cronológica dos mesmos.

Quadro 8 - Os poemas politestemunhais.

POLITESTEMUNHAIS
1. AQUELA ÁRVORE
2. O SÁBIO
3. DONA FEIA
4. VOLTA, ILUSÃO!
5. DEPOIS
6. INVERNO
7. MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
8. SAUDADE (1)
9. ANIVERSÁRIO
10. SOU
11. AUSÊNCIA
12. BATINGAS
13. BEIJOS
14. BUCÓLICA
15. CANTIGAS
16. CONVERSÃO
17. DESENCONTRO
18. EDIÇÃO ESGOTADA
19. EUFORIA

20. FATALISMO
21. FAZENDA VACA PARIDA
22. JACOBINA
23. NOTURNO
24. PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO
25. PRECE DE UM CÉTICO
26. QUEM SERÁ?
27. SENTIMENTALISMO
28. ÚLTIMO SONHO
29. ANIVERSÁRIO D'ELA
30. NUNCA MAIS
31. VOCÊ
32. TAMARINDEIRO
33. FAZ DE CONTA
34. HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
35. CAIXA DE PAPELÃO
36. SOZINHO
37. IMPOSSÍVEL
38. ÚLTIMO MOMENTO
39. CANÇÃO DE NINAR
40. S. JOÃO
41. CONJECTURAS
42. RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE
43. VELHO TREM DE FERRO
44. EMOÇÃO
45. A CHUVA CHEGOU
46. EPITÁFIO
47. ESQUECE
48. GOTAS FINAIS
49. INSTANTÂNEO
50. NO MUNDO DOS SONHOS
51. OUTRAS CANTIGAS
52. O NOME DAQUELA RUA
53. PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS
54. SONHOS IDOS
55. ÚLTIMA PÁGINA
56. TROVAS ANTOLÓGICAS
57. SAUDADE (2)
58. DIA DO NAMORADO
59. BOM SUCESSO 1
60. DOZE TROVAS PARA ELA

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 9 - Os poemas monotestemunhais.

MONOTESTEMUNHAIS	
1. BALADA DO CANTO	
2. CASAMENTO	
3. FELICIDADE	
4. ORAÇÃO	
5. PAISAGEM	
6. PERDIÇÃO	
7. RETRATO	
8. ROMANCE	
9. SAUDADE DIFERENTE	
10. SÓ	
11. SOFRIMENTO	
12. SÚPLICA	

13. TEIMOSA
14. VIVOS
15. UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
16. A CARTA QUE NÃO VEIO
17. AQUELA RUA
18. GRUPO DE TRÊS
19. TEMPO DE BALANÇO
20. NATAL
21. TROVAS
22. TROVAS
23. A TROVA DO CIGARRO
24. TROVAS
25. NADA
26. BOM SUCESSO 2

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

2.1.4 As Canções do “Menino de Arraial”

O acervo de escritor por ser um lugar que tem a intenção de preservar a memória, a história do escritor, traz consequentemente as marcas de subjetividade, as marcas de si em suas produções não literárias e literárias. É perceptível que Eulálio Motta almejou que sua vida fosse contada e transmitida por meio do seu acervo, pelo volume de documentos que guardou e que construiu. A obra *Canções de meu caminho* é composta por temas que dizem muito sobre a vida do próprio escritor. São textos que apresentam aspectos autobiográficos, mas vale ressaltar que eles não estão subordinados à prova de veracidade. Por conta disso, o termo ‘autobiográfico’ não dá conta da complexidade de sentido presente nas canções do eu lírico.

O autor Philippe Lejeune (2013) contribuiu ricamente para os estudos autobiográficos ao apresentar a noção de “pacto autobiográfico”. Trata-se de um contrato de leitura que consiste nos princípios de veracidade e de identidade entre Autor, Narrador e Personagem. O leitor interpreta o texto autobiográfico como a “verdade do indivíduo”. Buscar essa verdade do indivíduo em textos literários é limitar as inúmeras interpretações frente ao texto, é centralizar uma única visão para com o texto, é ferir a autonomia textual. Diante disso, a forma pós-moderna da autobiografia é denominada ‘autoficção’. Termo criado por Serge Doubrovsky no final dos anos de 1970. Na autoficção, se estabelece com o leitor o pacto oximórico (JACCOMARD, 1993), que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade do pacto autobiográfico, sem aderir integralmente ao princípio da invenção (pacto romanescos / ficcional). Há uma mescla dos dois, resultando no contrato de uma leitura marcada pela ambiguidade. Doubrovsky, 2013, s.p. diz:

É por isso que a palavra “autoficção” me pareceu interessante: ela permite distinguir a sensibilidade moderna da sensibilidade clássica. Isso não é de forma alguma uma rejeição da sensibilidade clássica: simplesmente sentimos o sujeito contemporâneo de maneira diferente. Você tem que encontrar uma escrita que corresponda a essa nova percepção de si mesmo (ibidem, tradução nossa).

Com base nesses estudos, podemos afirmar que *Canções de meu caminho* é uma obra de autoficção. Tratam-se de poemas que mesclam a realidade, as memórias do autor com a imaginação, criatividade e o desejo do eu lírico. O quadro a seguir apresenta todos os poemas que compõem a obra *Canções de meu caminho* separados por temas e organizados em ordem alfabética.

Quadro 10 - Poemas de *Canções de meu caminho* divididos por temas.

1. A CARTA QUE NÃO VEIO 2. A TROVA DO CIGARRO 3. ANIVERSÁRIO D’ELA 4. AQUELA RUA 5. AUSÊNCIA 6. BALADA DO CANTO 7. BEIJOS 8. BOM SUCESSO 1 9. CAIXA DE PAPELÃO 10. CANÇÃO DE NINAR 11. CANTIGAS 12. CASAMENTO 13. CONJECTURAS 14. DESENCONTRO 15. DIA DO NAMORADO 16. DONA FEIA 17. DOZE TROVAS PARA ELA 18. EMOÇÃO 19. ESQUECE 1 20. ESQUECE 2 21. EUFORIA (sentimento de felicidade) 22. FATALISMO 23. FAZ DE CONTA 24. FELICIDADE 25. GOTAS FINAIS 26. GRUPO DE TRÊS 27. IMPOSSÍVEL 28. NADA 29. NATAL 30. NO MUNDO DOS SONHOS 31. O NOME DAQUELA RUA 32. OUTRAS CANTIGAS 33. PENÚLTIMO POEMA... QUADRILHAS 34. QUEM SERÁ? 35. ROMANCE 36. S. JOÃO 37. SAUDADE 1 38. SAUDADE 2 39. SENTIMENTALISMO 40. SÓ 41. SONHOS IDOS 42. SOZINHO	SENTIMENTOS
---	--------------------

43. TEIMOSA 44. TROVAS 1 45. TROVAS 2 46. TROVAS 3 47. TROVAS ANTOLÓGICAS 48. ÚLTIMO SONHO 49. UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ 50. VOLTA ILUSÃO	
1. AQUELA ÁRVORE 2. BATINGAS 3. BOM SUCESSO 2 4. FAZENDA VACA PARIDA 5. HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO 6. INSTANTÂNEO 7. JACOBINA 8. PAISAGEM 9. RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE 10. RETRATO 11. TAMARINDEIRO 12. VELHO TREM DE FERRO	LUGARES DE MEMÓRIAS
1. A CHUVA CHEGOU 2. BUCÓLICA 3. MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE 4. NOTURNO	COTIDIANO
1. CONVERSÃO 2. ORAÇÃO 3. PRECE DE UM CÉTICO	RELIGIÃO
1. ANIVERSÁRIO 2. DEPOIS 3. EDIÇÃO ESGOTADA 4. EPITÁFIO 5. INVERNO 6. NUNCA MAIS 7. O SÁBIO 8. PENSAMENTOS DE CELIBATÁRIO 9. PERDIÇÃO 10. SAUDADE DIFERENTE (exalta Portugal) 11. SOU 12. SÚPLICA 13. TEMPO DE BALANÇO 14. ÚLTIMA PÁGINA 15. ÚLTIMO MOMENTO 16. VIVOS 17. VOCÊ	REFLEXÃO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao analisar o quadro, é nítido a predominância de composições poéticas voltadas para a expressão de sentimentos do eu lírico. Dos 86 textos, 50 poemas apresentam a temática de sentimentos, em sua maioria, são sentimentos relacionados ao amor não correspondido. O lamento, a ilusão, conseqüentemente a desilusão, o arrependimento, a solidão, o desespero

diante da ação inevitável do tempo serviram de inspirações na tessitura desses poemas. Mas dentre os 50 textos, há uma exceção, o poema *Euforia* retrata a beleza da natureza de forma leve e sinestésica; o eu lírico é tomado por tamanha euforia que exalta a beleza do som das águas, dos pássaros, dos ventos e diz “Até meu coração, acostumado / a viver esta vida soluçando, / me parece, também, que está cantando!”.

Não tem como falar de *Canções de meu caminho* sem falar da mulher que inspirou a maior parte das composições poéticas de Eulálio Motta. Em uma entrevista feita por Dante de Lima para homenagear o escritor Eulálio Motta, ele narra como foi a sua história amorosa com Edy. Vejamos alguns trechos da entrevista acompanhados de poemas que mantêm uma relação com tais trechos. As falas em negritos são do entrevistador.

- E a sua vida amorosa, Dr. Eulálio, é verdade o que contam ou é folclore?

- É verdade.

- Como foi essa história?

- Eu fui me empregar em Monte Alegre. O Dr. Benedito Pereira abriu uma farmácia lá e me chamou para se empregar. Cheguei lá e no dia seguinte eu vi Edy. A beleza mais bela que eu já vi até hoje! Era filha de Monte Alegre. Filha do prefeito Nilo Rios. Aí fiquei procurando amor com ela, mas ela não me topou, não sei por quê. Um dia até me deu um “estouro”, mas, sem razão. Porque ela de fato não me aceitou (Lima, 2007, p. 226 - Grifo nosso).

O poema *O nome daquela rua* retrata esse início do flerte do eu lírico para com a jovem: “Não lembro o nome daquela rua / do Monte Alegre, onde eu morava... / Não sei mesmo se tinha nome / aquela rua. Farmácia / onde eu trabalhava... / naquela esquina... / até ficava / toda manhã, / esperando a passagem da menina / a caminho da escola... / Menina-moça, de 13 anos, / a menina mais linda deste mundo!”

[...] Ela tinha uma almofada; botava na janela e ficava batendo na almofada. E eu passando de lá prá cá, de lá prá cá. Quando eu olhava ela virava o rosto. Todo dia! E eu todo dia passava. Até que um dia eu recebi uma carta de papai marcando o dia de mandar me buscar para ir para o colégio. Eu digo: bom, Edy não me quis até agora e não é agora que ela vai me querer. Portanto, eu vou desistir. Não passo mais na janela... Não jogo mais futebol na praça! (Lima, 2007, p. 226).

A terceira estrofe do poema *Penúltimo poema... Quadrilhas* remete a esse período descrito no trecho da entrevista: “[...] Meu caminho... Uma janela... / Uma garota... Almofada / com lindos bilros cantando, / em lindos dedos de fada!”. Os dois conversaram e decidiram dar uma chance um ao outro “[...] E daí em diante virou um céu para mim. Acabou gostando muito mais de mim do que eu dela” (Lima, 2007, p. 228).

[...] No dia que eu vinha embora o mundo veio abaixo. Eu já namorava com ela há dias e toda noite ia sentar-me à porta com ela. [...] Quando chegou a vez de ir embora, eu perguntei a ela: Edy, você sabe, eu recebi carta de papai que vai mandar me buscar dia tal. [...] Ela agarrou a mim e quase não solta mais. Chorando, soluçando em meu ombro. Aquela beleza toda chorando em meu ombro! Eu saí e nunca mais!

- E o senhor acabou, por quê?

- Eu não acabei. Apenas não tive condições de continuar. Eu ia prá um emprego de trinta mil réis por mês prá estudar, e ela pensava que eu era filho de papai rico, porque ia estudar. Ela achava que quem estudava era filho de gente rica. E eu tinha medo que ela descobrisse que eu não era rico. Aí não escrevi mais prá ela. Acabou (Grifo nosso).

Os poemas *Nunca mais* e *Romance* retratam esse momento de despedida entre os dois “Dezoito anos, apenas, a minha idade / naquele instante de minha vida... / Quando me dirigi à casa de seus pais / pra lhe levar o adeus de despedida! / Nunca mais esqueceria aquele instante: / — Voltarei breve! / Não precisa chorar! / E me abraçou chorando / sem poder falar! [...]”; no poema *Romance*: “[...] Quando partí / ela ficou chorando... E, depois, / certamente ela foi ao pé de um altar / pedir ao bom Jesus / um mundo de venturas pra nós dois...”. Após alguns anos, Edy se casou com outro rapaz “[...] Um dia... (disseram-me), / ela foi ao pé de um altar... / e ajoelhou-se, com alguém, / pra se casar...”.

- O senhor escreveu alguma poesia para ela?

- Escrevi muitas. Quase todas. Um dia eu estava com meses que não escrevia nada. Na roça, sem contato com Edy, nem notícias dela. Sem ela ter notícias minhas. Quando foi um dia pela manhã, eu fui tirar a folhinha. Quando a tirei, embaixo estava a data do aniversário dela. Eu tomei um choque: 29 de abril. Daí eu voltei, segurei na pena e saiu de um jato. Saiu de improviso:

Ela faz anos hoje. Antigamente,
Era dia de festas este dia.
Para o meu coração adolescente
Era sol, era luz, era alegria!

Houve, um dia, um adeus. Eu voltaria,
Seria breve a ausência. Permanente,
Somente nosso amor é que o seria!...
E os anos se passaram... lentamente...
Breve ausência tornou-se eternidade!
E nada resistiu – nem a saudade!
Aos janeiros malvados e fatais!

Hoje resta a “FOLHINHA” que, todo ano,
Me faz vir à lembrança o ledão engano...
Velhas recordações... e nada mais! (p. 228-229 - Grifo nosso).

Eulálio Motta intitulou esse poema de *Aniversário dela*. O primeiro registro do poema foi datado em 1956 no caderno *Luzes do Crepúsculo*. Essa composição foi publicada na segunda edição de *Canções de meu caminho* e em Livros de Antologias, tempo depois o escritor retornou a esse poema para inseri-lo na terceira edição de CMC.

- **Qual é o estado civil dela?**

- É viúva.

- **Onde mora?**

- Em Salvador. Na Euclides da Cunha, nº 81, 1º andar. Mas não responde nada. Fiz tudo prá conseguir uma linha dela. Hoje ela é uma velha de setenta e tantos anos e não tem mais interesse. Não tem mais ilusões. Não tem mais fome sexual. Acabou, acabou! Mas eu queria que ela dissesse por que ela alimenta ódio contra mim. Já insisti com ela que diga. Mas, não responde (p. 229 - Grifo nosso).

O escritor narra essa angústia de escrever inúmeras cartas para a sua amada e não receber resposta de nenhuma. Em *A carta que não veio* o eu lírico lamenta:

Diante do	[...] e a carta agradecendo, não chegou...	exposto, justifica-
se a importância de	Aconteceu	editar uma obra
vasta, rica, que	que a “distinta” não agradeceu...	traça o percurso
literário do escritor	Suponho, talvez,	através das
diferentes vozes	que poeta não merece,	poéticas. Os eu
líricos expressaram	consideração...	seus devaneios, o
sentimento forte de	Foi preciso voltar à poesia	solidão, o
sofrimento que só	para cantar mais uma	acabava com a
correspondência	decepção...	amorosa, mas
expressaram	e buscar conformação	também a euforia,
a beleza da	recitando estes versos bonitos	natureza, o
	de Belmiro Braga:	
	“Risália não tem culpa, a culpa é minha	
	“de amar perdidamente uma rainha,	
	“eu, pobre trovador de pés no chão...”	
	Excerto do poema <i>A carta que não veio</i> (Motta, 1985).	

enaltecimento das brincadeiras de infância, dos festejos populares, a preocupação com a seca, com a falta da luz elétrica na cidade, entre outros assuntos. Temáticas variadas por meio de diferentes formas poéticas. O escritor valorizou a métrica, a rima para a produção dos sonetos, mas também exaltou os versos livres, a espontaneidade, a composição de quadras populares, de cordéis, trazendo o falar regional para os versos com a intenção de demarcar sua identidade cultural.

Em meio às Canções, vi um menino entusiasmado pelo amor, que seguiu viagem em busca do sonho de se tornar escritor. Se iludiu, se feriu, se arrependeu, sofreu... o “poeta de água doce” compôs sua própria trilha, entoou canções que embalaram sua vida. Sonetos, versos livres e quadras, rima rara a popular, foram testemunhos do seu cantar.

3 OS DESAFIOS DE EDITAR TEXTOS NA ATUALIDADE

[...] Talvez o que melhor possamos fazer é reconhecer os emaranhados de um tal mundo textual e os problemas quase insuperáveis para descrevê-lo adequadamente e ainda assim viajar por ele com imaginação e responsabilidade (Mckenzie, 2018 [1986], p. 15).

Apresentamos, nesta seção, uma discussão acerca das diferentes perspectivas de estudos realizadas na área de edição de textos. Em seguida, mostramos a perspectiva de edição adotada para a realização da hiperedição de *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta. No decorrer da seção, destacamos a importância dos papéis do editor; exemplos de edições que ampliam os pressupostos teóricos e metodológicos da Crítica Textual e destacamos a ampliação e importância do papel do leitor de hipertextos digitais.

As práticas sociais e culturais de produção, difusão e de leitura dos textos vêm sendo potencializadas com o advento da cultura digital. E isso tem exigido mudanças no desenvolvimento das práticas editoriais. Muito além de restituir o texto e fixá-lo conforme a última vontade do autor, a Crítica Textual vem ampliando e ressignificando as edições de textos modernos. Possibilidades de pesquisas são postas em prática e com isso surge a necessidade de ampliar o olhar sobre o objeto considerando o processo de produção, de difusão a partir do estudo dos códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais.

Desde o seu surgimento, a Filologia, ciência do texto, é vista como polissêmica e plural, aspectos que dão margem para as diferentes possibilidades de pesquisas e para os infinitos diálogos com outros campos de estudo. Segundo Erich Auerbach (1972, p. 11),

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo Filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas.

Em virtude da natureza interdisciplinar, inerente aos estudos filológicos, os sujeitos-editores transitam por diferentes áreas do saber, conectando-as ao ambiente digital a fim de explorar o texto sob os diferentes aspectos, considerando os processos de produção, transmissão e recepção. O editor movimenta e reposiciona o texto, seleciona os documentos para a construção do dossiê, traça suas escolhas e interpretações. Dentre os inúmeros papéis assumidos pelo filólogo durante o processo de edição, ele assume um papel de grande relevância que humaniza a práxis filológica, o papel de agente político. Para Rosa Borges (2020, p. 789),

[...] a Filologia é definida por sua prática disciplinar interativa, e, desse modo, diretamente afetada pelas áreas com as quais se relaciona, colocamos em

conexão saberes necessários à edição e ao estudo crítico-filológico a ser realizado conforme tema de interesse do filólogo-editor.

Os textos modernos são múltiplos, plurais, diversificados. As teorias do *copy-text* e a intencionalista, utilizadas na Crítica Textual tradicional, não dão conta de toda a complexidade apresentada nesses documentos. Visto que a,

[...] teoria do *copy-text* e derivadas, o exercício crítico se orientava [...] para a possibilidade de fixar o texto numa forma capaz de representar ou reconstituir a intenção autoral final, [e, na] teoria social da edição, [o editor] reconhece a variação, a múltipla intencionalidade e a instabilidade como propriedades intrínsecas da materialidade textual (Lourenço, 2009, p. 219).

O filólogo-editor dos textos modernos redireciona o seu olhar sobre o texto ao considerar o conceito de texto defendido por McKenzie (1986) em *Sociologia dos Textos*. O foco deixa de ser a busca incessante da intenção autoral final, defendida por Bowers (1964) e Tanselle (1976), e passa a enfatizar os papéis de todos os envolvidos com a publicação e circulação do texto (editora, impressora, livreiro, diagramador, os críticos). Consequentemente, a autoridade textual também é deslocada, deixa de ser pautada exclusivamente na figura do autor, e passa a ser concebida para todos os agentes culturais e sociais que fazem parte do processo de produção de uma obra.

É a consciência desse processo, que compreende as fases da correção editorial, da revisão de provas, da publicação, da reedição em vida do autor e póstuma, que permite à teoria literária romper com uma hermenêutica de tradição romântica e com a concepção de sujeito unitário (Lourenço, 2009, p. 221).

O trabalho editorial é desenvolvido a partir de uma colaboração coletiva. Há múltiplas autoridades na confecção de uma obra e elas precisam ser analisadas e valorizadas a fim de exercer uma leitura ética e poder compreender todos os contextos e dimensões que envolvem o objeto de estudo.

Ao lidar com textos modernos, o sujeito-editor precisa ter consciência crítica de que não há uma intenção única e definitiva, pelo contrário, as obras inéditas e editas apresentam intencionalidades múltiplas e parciais. Lourenço (2009, p. 211) aborda que,

[...] o crítico deve atuar consciente do carácter composicional do processo criativo, considerando o pré-texto, o estágio seguinte em que este se torna rascunho, os estádios pré-editorial, que decorre da fixação do manuscrito à correção das provas, e editorial propriamente dito, que abarca da primeira edição à última em vida do autor e a póstuma.

Essa visão está atrelada à noção de texto discutida por McKenzie (1986) e ampliada por Jerome McGann (1991) que discutiremos ao longo da seção.

Sally Bushell (2005) rejeita a noção de linearidade da intenção autoral e considera que o processo criativo de uma obra atravessa etapas. A intenção é entendida como um processo e toda revisão ou correção constitui uma mudança de intenção.

Philip Gaskell (1972) chama atenção para o fato de que diferentes agentes atuam durante o processo de publicação do texto, o que caracteriza uma autoridade múltipla; e Hans Zeller (1975), também considera que a intenção final é uma questão relativa e não deve ser aplicada em qualquer circunstância. Para ele, uma nova versão implica em uma nova intenção. O autor enfatiza que “[...] os textos devem ser considerados como um todo, em suas relações entre si, com seus criadores e com as condições de sua gênese e influência” (Zeller, 1975, p. 243). Ele divide a história de uma obra a partir de três aspectos: 1 – a história do texto, que vai do surgimento até as alterações feitas pelo autor; 2 - a história de sua influência e recepção, que começa assim que a obra, ou partes dela, se tornam conhecidas por outras pessoas; 3 - a história da transmissão, ou seja, o processo que se segue à história textual, onde, mesmo sob o olhar do autor, a obra passa a ser afetada por aquelas alterações textuais intencionais e não intencionais que acompanham sua dispersão. Zeller (1975) chama atenção para a relação de interdependência que ocorre entre os fatores da história textual, a influência e a recepção da obra, afirmando que:

Não é possível (ou apenas raramente, em casos excepcionais), quando uma obra é revisada, dar um relato detalhado de até que ponto a recepção da primeira versão, uma mudança na sociedade, uma mudança no próprio autor e na sua relação com seu ambiente, um incentivo ou propósito diferente na publicação, podem estar envolvidos na revisão, e isso é ainda mais verdadeiro porque desde o início, antes mesmo de pensar em escrever, o autor foi exposto a esse jogo de forças de todos os lados (Zeller, 1975, p. 244).

O autor ainda compara a história textual com um cilindro tridimensional em pé, sendo que as diferentes versões são como planos horizontais perpendiculares ao eixo do cilindro. Essa analogia traduz as múltiplas dimensões presentes nos textos e as relações que são tecidas ao longo dos processos de construção e de circulação. Os diferentes documentos, sejam eles em formato de rascunhos, manuscritos, datiloscritos ou impressos, têm o mesmo valor. “Cada um representa um sistema semiótico válido em um determinado momento [...]. Para o editor, não existe uma ‘melhor versão’” (Zeller, 1975, p. 245). A discussão posta até aqui ratifica toda a vulnerabilidade, subjetividade e instabilidade que fazem parte do processo de produção textual.

Além disso, reforça o quanto que a intenção autoral é relativa, arbitrária e não funciona como critério para decisões editoriais.

As práticas editoriais vêm realizando as edições de textos modernos, orientadas pela teoria social da edição, vertente pragmática, e pelos pressupostos da crítica filológica, a qual é considerada “[...] como um feixe de práticas de leitura, edição e interpretação” (Borges et al., 2012).

Os “editores sociais” estão particularmente interessados na produção material do texto (o que McGann chama de “códigos bibliográficos”). “O propósito da teoria social da edição é o de considerar os textos de uma obra nas redes de relações que estabelecem entre si.” (Lourenço, 2009, p. 437).

Uma obra, um livro, um texto são produzidos de forma colaborativa, logo “[...] a preocupação com a intenção autoral mostra-se, portanto, artificial, uma vez que o processo de publicação, qualquer que seja ele, não separa a materialidade do texto da textualidade do livro” (Soares, 2017, p. 62).

Em 1985, as inquietações de Donald Mckenzie acerca das limitações da bibliografia, serviram de fundamento para a constituição da Sociologia dos Textos. O autor partiu da necessidade de estender as concepções textuais, desmistificando a associação habitual da visão tradicional entre texto e livro, ao considerar que nem todo texto se apresenta sob esta forma. Além disso, postulou a importância da relação entre o significado do texto e a sua materialidade, visão que critica a afirmação proferida por Walter Greg: “o que importa ao bibliógrafo são pedaços de papel ou pergaminho cobertos com certos signos ou impressos” (Mckenzie, 2018 [1986], p. 1).

A Sociologia dos Textos busca ir além das marcas arbitrárias, sendo considerada por Mckenzie como “[...] a disciplina que estuda textos enquanto formas registradas e os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e recepção” (Mckenzie, 2018 [1986], p. 25). Para o autor, a história do livro que exclui o estudo das motivações sociais, econômicas e políticas, as razões pelas quais os textos foram escritos e lidos desta ou daquela maneira, as justificativas de terem sido reescritos, redesenhados ou deixados morrer se tornaria em uma frágil e degressiva lista de livros e jamais poderia ser considerada como uma história legível. Os textos são naturalmente formados por códigos linguísticos e bibliográficos; ao mudar os códigos bibliográficos, os sentidos dos textos são alterados. Isso mostra o quanto esses códigos são interligados na construção semântica do texto. Os processos de significação bibliográfica compõem as redes de sentido que estruturam as formas textuais; logo, os textos não podem ser

lidos de forma isolada. Textos são produtos de criações construídas socialmente, resultantes da experiência humana. “[...] o que constitui um texto não é a presença de elementos linguísticos, mas o ato de construção” (Mckenzie, 2018 [1986], p. 64). O código bibliográfico abarca, portanto, a linguagem textual e a subjetividade de tais objetos.

O teórico Jerome McGann (1991), ampliou e aperfeiçoou os pressupostos de Mckenzie trazendo-os para a era digital. O autor preocupou-se em contextualizar as obras no tempo e no espaço em que se inserem. Para isso, construiu um modelo que combina texto e materialidade tipográfica. Para McGann (1991), textos são experiências empíricas e fenômenos sociais. A partir dessa visão, o autor abarca componentes físicos e históricos em meio a uma leitura radial. A leitura que irradia para outros textos, expandindo-a para explorar outros recursos midiáticos. As informações acerca da produção, circulação e recepção do texto, elucidam o objeto e declaram algo sobre sua própria condição de existência.

A partir desses pressupostos teóricos, amplia-se a concepção de texto, que é considerado aberto, instável, dependente do seu suporte, suscetível a reescritas e a releituras perpétuas. Precisa ser analisado não somente sob o ângulo dos códigos linguísticos, mas também bibliográficos e contextuais. Essa extensão está pautada na origem da própria palavra “texto” que segundo Mckenzie (2018 [1986], p. 26) “[...] deriva do latim *texere*, ‘tecer’, e refere-se, não a um material específico, mas sim a seu estado de ‘tecido’, a trama ou textura dos materiais”.

[...] Defino “texto” de modo que inclua dados verbais, visuais, orais e numéricos, em forma de mapas, impressos e música, de arquivos de registros de som, de filmes, vídeos e qualquer informação conservada em computador, tudo, na verdade, da epigrafia às últimas formas de discografia (Mckenzie, 2018 [1986], p. 26).

Em consonância com Mckenzie (1986), Barthes (1988) também defende a ideia de texto aberto. Para o autor, o texto se constitui num “espaço de muitas dimensões, no qual estão casados e contestados vários tipos de escrituras, não sendo nenhum deles original. O texto é um tecido de citações que resulta de milhares de fontes de cultura” (Barthes, 1988, p. 68-69). Essa ressignificação da teoria textual abre novos caminhos para que os editores repensem suas práticas editoriais, de modo que os objetos materiais possam ser dados a ler de forma mais democrática, ética, que evidencie e valorize os aspectos linguísticos, literários e sócio históricos, elementos inerentes em qualquer texto por ser um produto da ação humana, um artefato sócio histórico e cultural.

A Crítica Textual contemporânea proporciona um válido e necessário espaço para problematizar as concepções usuais de texto, evidenciar as relações transdisciplinares entre as diferentes áreas de estudo, além de assumir a devida importância do papel político e social do crítico filólogo que a cada edição contribui para a desmistificação de narrativas homogeneizantes e excludentes. Partindo do pressuposto de que “[...] somos seres históricos e transformamos sempre aquilo com que interagimos” (Sacramento; Santos, 2017, p. 150) é que se faz necessário discutir acerca dos papéis que o editor / humanista / filólogo / crítico desenvolve em meio à prática editorial e as leituras crítico-filológicas realizadas na contemporaneidade.

3.1 OS PAPÉIS DO EDITOR SOB O OLHAR CRÍTICO-HUMANISTA

O filólogo assume diferentes papéis em meio à atividade editorial. Construções subjetivas vão sendo tecidas a partir das escolhas, do desejo, da interpretação por parte do editor referente ao objeto editado. Gumbrecht (2007), ao discutir acerca dos poderes da filologia, afirma que o que move a prática filológica é o desejo por parte do filólogo para com o objeto. A escrita de comentários, por exemplo, é movida pelo desejo de preencher as margens vazias ao redor do texto; a historização almeja transformar objetos do passado em objetos sagrados; a edição de textos se dá pela vontade de corporizar o texto e o seu respectivo autor.

Editar um texto é fazer escolhas em diferentes níveis; o editor com base em seus critérios, tem a liberdade de decidir quais variantes analisar, de destacar determinadas passagens textuais, de escolher se o texto será conjecturado ou não, entre outras decisões. “La edición de texto es producción de significado por excelencia, pues la preservación y documentación de lo que queda como no elegido constituyen funciones claves de la práctica filológica” (Gumbrecht, 2007, p. 40-41)⁷. As escolhas, decisões e interpretações dependem de cada editor, visto que a relação editor-texto é extremamente subjetiva. Gumbrecht (2007, p. 43) enfatiza que:

[...] el trabajo filológico produce inevitablemente un papel de editor, y que tal papel de editor presupone y en parte da forma a la producción de un hipotético papel de autor; en otras palabras, que el papel de editor siempre lleva encapsulado un papel de autor. Al mismo tiempo, no hace falta aclarar que el papel de editor contiene a su vez múltiples papeles de lector⁸.

⁷ “A edição de texto é produção de significado por excelência, pois a preservação e documentação do que fica como não escolhido constituem funções chaves da prática filológica” (Gumbrecht, 2007, p. 40-41).

⁸ O trabalho filológico produz inevitavelmente um papel de editor, e que tal papel de editor pressupõe e em parte da forma à produção de um hipotético papel de autor; em outras palavras, que o papel de editor sempre leva encapsulado um papel de autor. Ao mesmo tempo, não faz falta esclarecer que o papel de editor contém ao mesmo

O autor sustenta que o trabalho filológico coloca em cena os diferentes papéis exercidos pelo editor. Ao mesmo tempo que é autor pelo fato de selecionar, escolher, é também leitor por assumir uma atitude crítica diante do objeto. Na edição platônica, em que há uma preocupação em trazer a “intenção do autor”, o editor ocupa as margens, cedendo lugar somente para o autor do texto; já partindo de uma perspectiva pragmática, há lugar também para o editor; sua leitura crítica se faz presente, ao mesmo tempo que se constitui nas escolhas e nas interpretações que faz. A ideia aqui não é apontar como se deve editar, mas sim mostrar possibilidades de edição.

Said (2007) aborda a Filologia como espaço de problematização, de leitura crítica, de gestos interpretativos. Por meio do humanismo democrático, o autor busca restaurar, revigorar e tornar relevante a filologia. Trata-se de uma disciplina que é considerada antiquada por muitos, mas que apresenta um enorme potencial intelectual. Para Said (2007), a Filologia é um modo de articulação e intervenção na esfera pública textual, que configura uma tomada de postura, implicando o crítico-filólogo em seus gestos de interpretação (Sacramento; Santos, 2017, p. 132). Said defende a ideia de que “[...] o humanismo teria a possibilidade e a capacidade de ser um processo democrático que produzisse uma mente crítica e cada vez mais livre” (Said, 2007, p. 33). Com isso, a imagem de editor (intelectual) defendido pelo autor é a de crítico que exerce um papel político e social ao editar, interpretar, dar a ler um texto. Conforme Said (2007, p. 89),

Uma verdadeira leitura filológica é ativa; implica adentrar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que possamos ter diante de nós. Nessa visão da linguagem, as palavras não são marcadores ou significantes passivos que representam despretensiosamente uma realidade mais elevada, mas antes uma parte formativa integrante da própria realidade.

Para realizar uma leitura filológica é necessário antes de qualquer coisa, assumir uma responsabilidade para tomar decisões, tecer interpretações e fazer escolhas. É preciso exercer uma leitura cuidadosa, atenta, responsável e ética. Como diz o crítico Jakobson “A Filologia é a arte de ler devagar”.

Diante dessa proposta de leitura, o editor deve assumir uma posição crítica a fim de construir uma ética de leitura; despertar reflexões acerca da sua prática; problematizar métodos

tradicionais que cristalizam histórias unívocas a fim de desconstruir concepções hegemônicas e mostrar outras possibilidades de leituras, outras vozes, outras subjetividades. Cabe ao filólogo, por conseguinte,

A investigação das condições de produção, circulação e transmissão nas quais os textos foram tecidos, propondo outras leituras que enfrentem, ao menos, o veredicto do anacronismo. Nesse processo, também são oportunas denúncias de quaisquer tentativas de obliteração das possibilidades de ler; porém não interessa mais, na perspectiva que assumimos, a vigília exegética que levaria à interpretação correta, mas sim a leitura crítica da diversidade como produto histórico de diversas atuações e sociabilidades dos sujeitos que se ocuparam da interação com o texto (Sacramento; Santos, 2017, p. 149).

O ato de leitura é um processo aberto, minucioso, complexo que apresenta infinitas relações e que geram outras leituras, outros feixes de relações. “É especialmente apropriado que o humanista contemporâneo cultive essa percepção de mundos múltiplos e tradições complexas que interagem umas com as outras [...]” (Said, 2007, p. 110). Diante dessa perspectiva humanista democrática, a Crítica Textual em diálogo com outras áreas do conhecimento, tem a intenção de dar voz ao que está silenciado, dar visibilidade aos marginalizados e contribuir para o acesso ao conhecimento por meio de uma prática democrática e questionadora.

A aproximação entre a Crítica Textual e as tecnologias digitais, no Brasil, tem adquirido um espaço significativo e vem ampliando as discussões teórico-metodológicas no âmbito do fazer filológico. A amplitude filológica gerada por meio do auxílio das Humanidades Digitais tem construído conhecimento e edições que apresentam o texto em suas múltiplas dimensões. O termo Humanidades Digitais data oficialmente do ano de 2013 através da realização do *I Seminário Internacional em Humanidades Digitais no Brasil*, ocorrido na cidade de São Paulo. Segundo o *Manifesto* (Thatcamp, 2013)⁹, as Humanidades Digitais referem-se ao conjunto das Ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras. Não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. Trata-se de um campo transdisciplinar assim como os estudos filológicos e juntos vêm fertilizando o terreno da práxis filológica, potencializando as edições e proporcionando aos pesquisadores a busca por novos caminhos, novas abordagens para com o texto. “Nesse paradigma, as noções de texto e de hipertexto digitais são reconfiguradas, assim como a de

⁹ Documento que expressa o estado da arte e as perspectivas atuais do campo das Humanidades Digitais (Holanda; Ximenes, 2022, p. 128).

materialidade, e tem implicações nas práticas desenvolvidas pelos principais mediadores sociais, o autor, o editor e o leitor” (Souza; Borges, 2020, p. 355-356).

A mudança de suporte, do papel para o computador, implicou impactos significativos para a Crítica Textual. Novos desafios foram apresentados aos filólogos, mas paralelamente a isso a superação dos limites do texto impresso vem protagonizando esse processo de mudança paradigmática. Fatores contribuintes como a grande possibilidade de armazenamento, a facilidade na disponibilização de materiais e a flexibilidade são responsáveis pelo avanço das edições digitais nos estudos filológicos. Por meio do ambiente digital, as múltiplas edições valorizam todos os aspectos das camadas dos textos e são disponibilizadas de forma dinâmica e interativa. As edições digitais potencializam e democratizam o acesso aos textos através de sua ampla difusão, proporcionam uma leitura relacional, natural dos hipertextos e preservam de forma fidedigna os documentos originais.

3.2 PRÁTICAS EDITORIAIS EM MEIO DIGITAL

O diálogo entre a Crítica Textual e a Informática tem mobilizado filólogos a ampliarem suas práticas editoriais. As edições digitais possibilitam superar as limitações do impresso e apresentam um impacto fundamental na teoria e na metodologia da edição crítica em geral. Ao potencializar as edições de textos modernos por meio de recursos digitais, as compreensões de texto, autor e leitor são enriquecidas, ampliadas, postas em relação e em discussão. O texto passa a ser visto e analisado em todas as suas dimensões e contextos e consequentemente a obra editada ganha uma maior visibilidade, tornando-se mais acessível democraticamente a um público amplo. Segundo Sahle (2016), uma edição digitalizada não é considerada uma edição digital. A edição digital não pode ser impressa sem perda significativa de conteúdo e funcionalidade. Para o autor,

[...] one of the key features of a digital edition is the representation of a potentially large number of documents in a potentially unlimited number of different views, such as facsimile, diplomatic transcription and read-only versions. Academic digital editions are academic editions that are guided by a digital paradigm in their theory, method and practice. (Sahle, 2016, s/p)¹⁰.

¹⁰ Tradução nossa: [...] uma das principais características de uma edição digital é a representação de um número potencialmente grande de documentos em um número potencialmente ilimitado de visões diferentes, como fac-símile, transcrição diplomática e versões de leitura. As edições digitais acadêmicas são edições acadêmicas que são guiadas por um paradigma digital em sua teoria, método e prática (Sahle, 2016, s/p.).

Uma entre tantas edições que serviram de referência para o desenvolvimento das práticas editoriais foi a *Edición variorum electrónica del Quijote* (EVE-DQ), a construção de um ‘arquivo hipertextual’ de Quixote, produzida em 2005 por Eduardo Urbina. A edição cria um acesso amplo e democrático a uma riquíssima coleção de textos, imagens e documentos. Além de apresentar novos métodos e novas possibilidades de conhecimento, atualiza a edição de textos e incorpora um ‘livro’ em uma biblioteca digital. O arquivo hipertextual da edição de Quixote é formado por três categorias de edições:

1. Edición facsímil digital (1605-1637) de los 32 ejemplares de las 9 ediciones del Quijote seleccionadas, cedidas principalmente por la Biblioteca Nacional, para su digitalización e incorporación a la base de datos gráfica del proyecto.
2. Edición diplomática/documental en dos partes: a) edición diplomática electrónica de los textos base de las *princeps* de 1605 y 1615 transcritos paleográficamente a partir de dos ejemplares de la Biblioteca Nacional, a su vez cotejados electrónicamente con múltiples ejemplares de otras bibliotecas. [...] b) edición de un texto documental basado en el cotejo de los textos base de las dos *princeps* con el resto de las ediciones posteriores, publicadas entre 1605 a 1637.
3. Edición variorum electrónica del Quijote elaborada a partir de los textos y cotejos de las anteriores ediciones, con clasificación y anotación de variantes, incorporación de enmiendas, anotaciones textuales, enlaces hipertextuales a las ediciones facsímiles y documentales, e interfaz interactivo para la composición de ediciones virtuales (Urbina; et al. 2005, p. 225)¹¹.

O caráter inovador da EVE-DQ está relacionado aos programas e módulos editoriais de cotejo que formam parte do sistema de análises e classificação das variantes textuais. Segundo Urbina et al. (2005) a EVE-DQ não é considerada uma edição, no sentido tradicional da palavra; trata-se de um programa, uma ferramenta, uma base de dados ou como McGann e outros críticos preferem denominar, um arquivo¹² hipertextual ou hiperedição. Apresenta-se de forma aberta, dinâmica, flexível, inclusiva e disponibiliza o acesso às fontes textuais, documentais e aos textos resultantes.

¹¹ Tradução nossa: 1. Edição fac-símil digital (1605-1637) dos 32 exemplares das 9 edições do Quixote selecionadas, cedidas principalmente pela Biblioteca Nacional, para sua digitalização e incorporação à base de dados gráfica do projeto. 2. Edição diplomática/documental em duas partes: a) edição diplomática eletrônica dos textos base das *princeps* de 1605 e 1615 transcritos paleograficamente a partir dos exemplares da Biblioteca Nacional, ao mesmo tempo cotejados eletronicamente com múltiplos exemplares de outras bibliotecas; b) edição de um texto documental baseado no cotejo dos textos base das dos *princeps* com o resto das edições posteriores, publicadas entre 1605 a 1637. 3. Edição *variorum* eletrônica do Quixote elaborada a partir dos textos e cotejos das edições anteriores, com classificação e anotação de variantes, incorporação de emendas, anotações textuais, links hipertextuais às edições fac-símiles e documentais, e interface interativa para a composição de edições virtuais (Urbina; et al. 2005, p. 225).

¹² Tradução nossa: Arquivo enquanto se trata de uma biblioteca ou coleção de fac-símiles digitais e de textos eletrônicos cotejados e anotados, armazenados e organizados em bases de dados relacionais, e acessíveis através de interfaces de edição e de composição (Urbina et al., 2005, p. 227).

McGann (1995, s.p.) destaca que para um projeto de edição funcionar em um modo ‘hiper’, deve usar a informatização como um meio de garantir a liberdade dos limites analíticos do texto impresso. O autor ainda enfatiza que,

Ao contrário das edições tradicionais, as “hiper” edições não precisam organizar seus textos em relação a um documento central, ou alguma reconstrução ideal gerada a partir de diferentes documentos. Uma edição é “hiper” exatamente porque sua estrutura é tal que busca preservar a autoridade de todas as unidades que compõem suas matrizes documentais. Nesse aspecto, uma hiperedição se assemelha àquele círculo fabuloso cujo centro está em toda parte e cuja circunferência está em lugar nenhum (McGann, 1995, s.p.).

Trata-se, portanto, de uma edição não hierárquica, descentralizada, que ressalta as instabilidades e complexidades inerentes aos documentos modernos. Jerome McGann (1975), comenta sobre o impacto gerado pela mudança do papel para o texto eletrônico e compara com a mudança que houve do manuscrito para o texto impresso. Ambas mudanças são importantes, um suporte não busca extinguir o outro. A edição em meio digital não visa acabar com o impresso, mas sim mostrar que há também outras formas de fazer edição ao usufruir das ferramentas tecnológicas que temos ao nosso alcance. Segundo o autor,

A edição computadorizada pode armazenar quantidades muito maiores de materiais documentais e pode ser construída para organizar, acessar e analisar esses materiais não apenas mais rápida e facilmente, mas em profundidades que nenhuma edição em papel poderia esperar alcançar (McGann, 1975, s.p.).

Na esteira dessa visão de McGann (1975), Barreiros (2014) também discute o conceito de Hiperedição. Ele ressalta que o termo hiperedição é o mais adequado para definir a atual tendência das edições digitais empreendidas pelos filólogos e as recentes aplicações das tecnologias digitais nos trabalhos de Crítica Textual. Para o autor, esse tipo de edição é uma hipermídia composta por diferentes modalidades de edição (fac-similada, diplomática, sinóptica, genética, etc.) e que se inter-relacionam de modo integrado e dinâmico a partir de prototextos (rascunhos) e paratextos (textos, imagens, vídeos, sons e animações), organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. “[...] Trata-se, portanto, de uma edição híbrida que apresenta novas potencialidades de leitura e análise dos textos” (Barreiros, 2014, p. 49).

José Lucía Megías (2007) denomina a edição digital de “edición crítica hipertextual” e destaca a expressão “icunable del hipertexto” para se referir aos limites da primeira fase da difusão de diferentes modalidades editoriais em ambiente digital. Lucía Megías (2007) critica essas limitações em virtude de perceber que a maior parte dessas edições apenas se utilizam de

um novo meio de transmissão, mas as características formais do impresso são mantidas. Com isso, o autor aponta para a necessidade de começar a produzir modelos de edição que explorem as novas possibilidades oferecidas pela informática. Como exemplo, ele cita a edição crítica hipertextual de duas sequências do *Zibaldone Larenziano (Pluteo XXIX): Hieronimus, De non ducenda uxore* (c. 52v) e a *Elegia di Costanza* (cc. 60r-60v), realizada por Raul Mordenti. Essa edição recebe destaque por apresentar o que Lucía Megías chama de “arquitectura hipertextual”, a maneira relacional dos materiais: fac-símile do testemunho, transcrição paleográfica, edição crítica do texto, intertexto (textos que serviram de fonte), intratextos (outros textos do autor), bibliografia, tratamentos informáticos da informação textual.

Seguindo a perspectiva de Lucía Megías (2007), para propor uma verdadeira edição crítica hipertextual é necessário avançar em outros campos de estudos. Ele divide em três pontos: a atualização (a questão da interatividade dos usuários com a edição); a personalização (o editor precisa ter experiência com *Web Usage Mining* ou da sua aplicação *Adaptive Hypertext*); e por último, a área de trabalho (compreender a edição como uma “hipótese de trabalho”, pois na visão do autor:

[...] se deberían poner al alcance del usuario los recursos necesarios para que la edición crítica hipertextual dejara de ser un simple depósito – más o menos interrelacionado de información para convertirse en un práctico lugar de trabajo, de investigación, en las que pudiera no sólo opinar sobre lo que está leyendo sino también “crear” sus propias conclusiones científicas a partir de los datos aportados (Lucía Megías, 2007, p. 19)¹³.

Nota-se, claramente, a importância do trabalho colaborativo que precisa existir para o desenvolvimento da práxis filológica. A relação entre autor, editor e leitor potencializa e enriquece o processo de produção, transmissão e recepção do texto. Além disso, o ambiente digital possibilita uma participação mais ativa do leitor / receptor / usuário, que segundo Lucía Megías (2007) é a peça fundamental do processo de comunicação.

Em solo baiano, há diversas dissertações e teses que democratizam o acesso ao texto através da edição digital. A seguir, destacam-se alguns trabalhos desenvolvidos na pós-graduação da Universidade Federal da Bahia e na Universidade Estadual de Feira de Santana.

A tese de Alícia Duhá Lose é considerada a precursora no que tange aos estudos acerca de edição digital e tem como título *Arthur de Salles: esboços e rascunhos* (2004). Esse estudo

¹³ Tradução nossa: [...] deveriam colocar ao alcance do usuário os recursos necessários para que a edição crítica hipertextual deixe de ser um simples depósito – mais ou menos inter-relacionado de informação para se converter em um lugar prático de trabalho, de investigação, que possa não somente opinar sobre o que está lendo mas também “criar” suas próprias conclusões científicas a partir dos dados pesquisados (Lucía Megías, 2007, p. 19).

deu um passo significativo para o desenvolvimento da Filologia digital ao utilizar o *software Front Page*. Sua edição incorporou mídias de imagem e som. É referência para diversas pesquisas na área, principalmente, para os estudos realizados no Grupo de Pesquisa do *Mosteiro de São Bento*, que sob sua coordenação e orientação, tem preparado edições digitais dos Livros do Tombo, de sermões e de crônicas do referido mosteiro.

Em 2011, Isabela Almeida propôs uma edição interpretativa em meio digital de *Auto da Barca do Rio das Lágrimas* de Irati, de Jurema Penna, utilizando-se do recurso hiperlink para a disposição do aparato. Em 2012, Marília Nunes defendeu a dissertação *Edição digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para salvação*. No mesmo ano, Debora de Souza apresentou em sua dissertação a edição dos textos teatrais censurados *Aprender a nada-r* e *Anatomia das feras*, de Nivalda Costa em suporte papel e eletrônico, traçando o diálogo entre a Crítica textual e a Crítica genética. Ainda em 2012, Williane Corôa realizou em sua dissertação uma edição interpretativa em meio digital e estudo da linguagem proibida em *Malandragem Made in Bahia*, de Antonio Cerqueira, para isso utilizou os programas *NVU* e *WORD*.

Em 2013, como resultado da dissertação, Fabiana Prudente apresentou a edição sinóptica (em suporte papel e eletrônico) e fac-similar, em meio digital, buscando evidenciar as diferentes versões de *Apareceu a Margarida* em confronto e cada testemunho tomado em sua especificidade. No mesmo ano, Lívia Magalhães propôs em sua dissertação a edição digital do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Ainda em 2013, Patrício Barreiros ampliou as discussões acerca de Humanidades Digitais e Filologia em sua tese *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*. Ao realizar uma hiperedição de 57 panfletos publicados por Eulálio Motta na cidade de Mundo Novo-BA, Barreiros (2013) apresentou uma metodologia que demonstra que é possível inovar no campo da Crítica Textual e que resultou na hiperedição publicada no domínio www.eulaliomotta.uefs.br.

Em 2014, Arivaldo de Souza apresentou outro modo de expor versões textuais em confronto na sua tese *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades* (2014). O trabalho de Souza (2014) já se identificava como arquivo hipertextual, apresentando-se em formato *web* e incorporando mídias de imagem e som à edição identificada como sinóptico-crítica, além da edição fac-similada. No mesmo ano, Isabela Almeida compôs o arquivo hipertextual de sua tese, a partir de dois textos da dramaturgia de Jurema Penna: *Iemanjá – rainha de Aiocá*, *O bonequeiro Vitalino ou Nada é impossível aos olhos de Deus e das crianças*. Acrescentou-se ao arquivo hipertextual a edição crítica dos textos *Negro amor de rendas brancas* e *Bahia livre exportação*, editados na

dissertação de mestrado desta pesquisadora, em suporte papel. Realizou-se, para cada texto, três tipos de edição: fac-similar, sinóptica e crítica, dispostas em um arquivo hipertextual, apresentado em volume digital. Ainda em 2014, Ludmila Antunes de Jesus defendeu a tese intitulada *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*. Realizou as edições interpretativa em suporte papel, e interpretativa, diplomática e fac-similar em suporte digital (Arquivo hipertextual).

Em 2017, Mabel Mota apresentou em sua tese o arquivo hipertextual e as edições fac-similar, interpretativa (com hiperlinks) e sinóptica da obra *A Escolha* ou *O Desembestado* de Ariovaldo Matos. Trata-se de uma edição de navegação aberta com amplo uso dos recursos *html*.

Em 2018, Livia Magalhães construiu o site www.papeisquenarram.com.br para compartilhar a edição digital dos documentos do acervo do *Mosteiro de São Bento* da Bahia, em sua tese. Apresentou a descrição e a edição do livro de crônicas, coleção de livros do Tombo, diretório monástico, livro de aforamentos e cartas de profissão monástica. No mesmo ano, Fabiana Prudente defendeu sua tese que tem como título *Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde: acervo e edição de Os desinibidos*. Propôs a realização de uma hiperedição que integra a edição fac-similar, a edição sinóptico-crítica hipermídia e o acervo digital do dramaturgo, disponibilizada na Internet através do domínio www.acervorobertoathayde.com.

Em 2019, Débora de Souza elaborou para sua tese um arquivo hipertextual do dossiê da *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço* (SECPE), parte censurada da dramaturgia de Nivalda Costa. A edição encontra-se disponível a partir do website <http://acervonivaldacosta.com> e integra a edição fac-similar de todos os testemunhos dos textos, edição interpretativa hipermídia de *Glub! Estória de um espanto*, edição crítica hipermídia de *Aprender a nada-r* e edição sinóptico-crítica hipermídia de *Vegetal vigiado*. No mesmo ano, a pesquisadora Carla Ceci Rocha Fagundes defendeu a tese *Deolindo Checcucci e o teatro infantil baiano no contexto da ditadura militar: arquivo, edição e estudo crítico-filológico*. Elaborou uma edição fac-similar digital e interpretativa em suporte papel e digital (Arquivo hipertextual: dossiê e edições).

Em 2024, a pesquisadora Pollianna dos Santos Ferreira Silva defendeu a tese *Hiperedição dos poemas éditos de Alcina Dantas: dos jornais para a web*. A edição encontra-se disponível no site <https://www.alcinadantas.com> e apresenta edições fac-similar digital, interpretativa e crítica dos poemas, em formato hipermídia e de impressão.

A maior parte das pesquisas elencadas aqui são resultados de experiências editoriais da *Equipe de Textos Teatrais Censurados* (ETTC) da Universidade Federal da Bahia, coordenada pela professora Rosa Borges. A equipe vem colaborando com reflexões teórico-metodológicas a partir do diálogo com diversas áreas do saber e por comprometer-se em assumir um compromisso ético, crítico e político da práxis filológica.

Paralelo a essas pesquisas, na Universidade Estadual de Feira de Santana, no Programa de Pós-Graduação de Estudos linguísticos, também estão sendo desenvolvidas (hiper)edições direcionadas ao acervo do escritor Eulálio de Miranda Motta, cujo objetivo é proporcionar um amplo acesso à fonte documental do referido autor, além de contribuir para as inovações no âmbito da Crítica Textual. Essa experiência editorial coloca em prática uma filologia do acervo do escritor. Esse movimento surge a partir da hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta que Barreiros (2015) desenvolveu como produto da sua tese.

Em 2022, a pesquisadora Elisabeth Mota N. de Almeida defendeu a tese intitulada *Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de Língua Portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola*. Para isso, construiu uma plataforma digital disponível no domínio <https://www.bahiahumoristicaescola.com/> ou no domínio alternativo <https://bahiahumoristica.wixsite.com/naescola2>, voltada para o público do Ensino Médio, na Educação Básica. Foram utilizados 50 causos sertanejos presentes no caderno *Bahia Humorística* (BARREIROS, 2012; 2016), bem como os documentos prototextuais e paratextuais relacionados aos textos. A construção dessa tese está relacionada à quinta etapa do projeto *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* cujo objetivo é elaborar edições digitais voltadas para os alunos da Educação Básica.

Figura 18 - Print do site *Bahia humorística na escola*.



Fonte: <https://www.bahiahumoristicaescola.com/>

Em 2023, a pesquisadora Juliana Pereira Rocha defendeu a tese de doutorado intitulada *Hiperedição das trovas de Eulálio Motta*. O objetivo foi apresentar a edição e estudo das trovas do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta, com a devida atenção para os agentes envolvidos nos processos de produção, divulgação e circulação das trovas no Brasil, por meio do website: *O Trovador – edição das trovas de Eulálio Motta*, acessada no domínio: eulaliomottatrovador.com.br, voltado para a hiperedição de todas as trovas do trovador, presentes nos 337 textos identificados até o momento. Por meio do website *O Trovador*, as trovas foram apresentadas sob diferentes camadas editoriais, como a edição fac-similar, a edição topográfica, a edição linearizada, a edição atualizada com *links* e a edição em confronto sinóptico (destacada e não destacada). Outras informações contextuais sobre o processo de produção e circulação das trovas, bem como o movimento Trovista e Neotrovista no Brasil também integram o website e pode ser acessado de maneira hipertextual por meio de recursos hipermediáticos, a exemplo de imagens, textos e vídeos.

Figura 19 - Print do site *O Trovador*.



Fonte: <https://eulaliomottatrovador.com.br/>

Em 2024, a pesquisadora Tainá Matos Lima Alves Boaventura defendeu a tese de doutorado intitulada *Hiperedição do livro inédito Flores e espinhos, de Eulálio Motta*. Trata da edição e estudo do livro inédito *Flôres e espinhos*, que faz parte do acervo do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta, disponibilizada na internet através do domínio <https://floreseespinhos.com.br/>. Para a hiperedição, disponibilizou a edição fac-similar, a transcrição linearizada, a transcrição atualizada com links, o confronto sinóptico para os textos politestemunhais, e a edição em pdf para download.

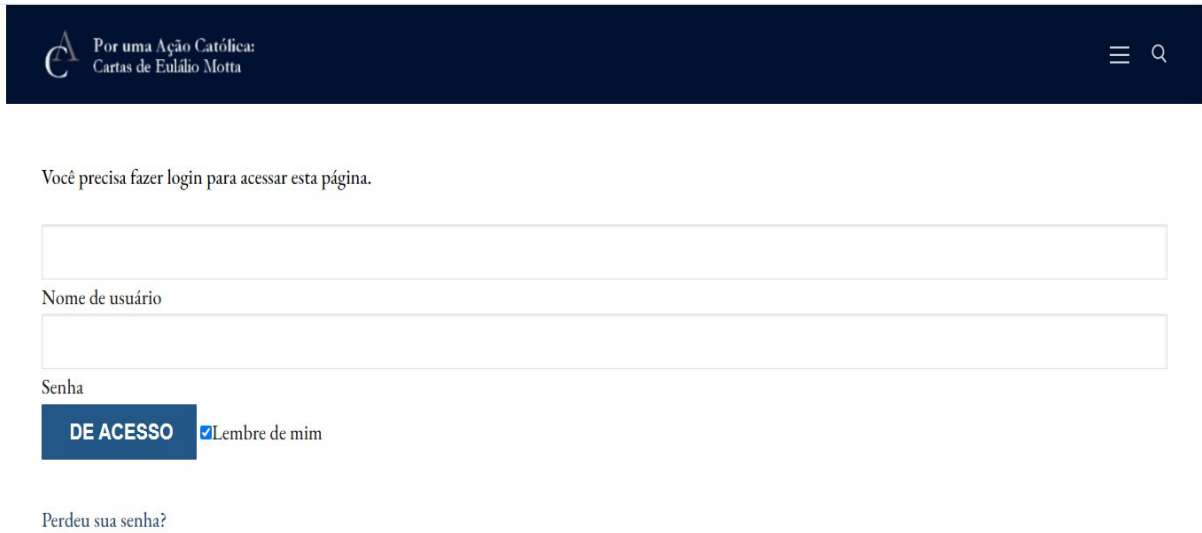
Figura 20 - Print do site *Flores e espinhos*.



Fonte: <https://floreseespinhos.com.br/>

Há hiperedições em andamento, a exemplo da tese da pesquisadora Stephanie da Cruz Santiago que está desenvolvendo uma hiperedição das cartas de Eulálio Motta voltadas para a temática religiosa. O site intitulado *Por uma ação católica: Cartas de Eulálio Motta*, disponível no endereço <https://acbmotta.com/> trata da hiperedição dos rascunhos de cartas, de temática religiosa, escritos para Eudaldo Lima, que foi amigo de infância de Eulálio Motta e pastor presbiteriano. Nessa plataforma, serão apresentados quatro tipos de edição: a genética linearizada, a genética topográfica, a topografia do documento como no original, a semidiplomática com aparato crítico e a interpretativa. Essa edição tem como pano de fundo a Ação Católica desempenhada por Motta na década de 1940, em Mundo Novo.

Figura 21 - Print do site *Por uma ação católica: Cartas de Eulálio Motta*.



The image shows a login interface on a dark blue background. At the top left is a logo with a stylized 'C' and the text 'Por uma Ação Católica: Cartas de Eulálio Motta'. At the top right are icons for a menu and search. The main content area is white and contains the text 'Você precisa fazer login para acessar esta página.' followed by two input fields. The first field is labeled 'Nome de usuário' and the second is labeled 'Senha'. Below the password field is a blue button labeled 'DE ACESSO' and a checkbox labeled 'Lembre de mim'. At the bottom left is a link 'Perdeu sua senha?'.

Fonte: <https://acbmotta.com/>

Em meio a essas pesquisas, encontra-se o referente estudo que tem como título *A hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta* e apresenta uma edição e estudo dos 86 poemas que compõem as três edições da obra *Canções de meu caminho*. O objetivo foi apresentar os poemas a partir das camadas editoriais (fac-similar, transcrição linearizada, transcrição atualizada com links, o confronto sinóptico para comparar as variantes entre os testemunhos e a edição em pdf). A edição encontra-se disponível por meio do site: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/>.

Figura 22 - Print do site *As Canções de Eulálio Motta*.



Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/>

Além dessas pesquisas, bolsistas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, orientados pelo professor Patrício Nunes Barreiros estão organizando edições para fins didáticos e que serão também disponibilizadas em plataformas digitais. A proposta é,

[...] que a escola utilize a leitura no ambiente digital como meio de ampliar as possibilidades leitoras para além daquelas já ofertadas em sala de aula, buscando, com isso, explorar os múltiplos recursos oferecidos pela hiperleitura, aliada a outras modalidades de leitura e de escrita convencionais, a partir de um olhar humanístico e filológico. Desse modo, estaríamos dando ao estudante a oportunidade de expandir seu repertório leitor e aprender a lidar de maneira crítica com o oceano hipermidiático nos quais ‘navegamos’ cotidianamente, encarando-o não apenas como fonte de informação, mas como meio de comunicação, de socialização e de construção do conhecimento (Almeida; Barreiros, 2020, p. 231).

Em 2023, Carla Cristina Santos Neri deu início ao desenvolvimento da plataforma *Canções de meu caminho na escola*. Através do ambiente digital, serão disponibilizados os fac-símiles da terceira edição de *Canções de meu caminho*, acompanhados das transcrições e aparato crítico que foram realizados por Santos (2017) durante o mestrado. “*Canções de meu caminho na escola* é o produto de um projeto que visa apresentar os poemas do escritor Eulálio

Motta por meio de uma leitura filológica para as turmas de Literatura e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica” (Neri; Barreiros, 2023, p. 2).

Diante de tantas pesquisas enriquecedoras que evidenciam escritores e dramaturgos não tão conhecidos, mas que são fundamentais para os estudos literários e teatrais, ratifica-se a importância e a necessidade dos filólogos-editores usufruírem das potencialidades oferecidas pelas ferramentas digitais como forma de otimizar e enriquecer a atividade filológica. O próprio olhar do filólogo, esse sujeito-editor, é ampliado, torna-se mais humano, crítico, político, consciente ao protagonizar o seu papel nos estudos da Crítica Textual. Além disso, essas pesquisas demonstram que tanto a Equipe de pesquisadores da UFBA, liderada por Rosa Borges, quanto nosso Grupo do NeiHD, liderado por Barreiros, estão colocando em prática uma filologia pragmática, crítica e inovadora, no sentido de explorar o texto como artefato cultural complexo, dialogando com a Sociologia dos Textos e com as Humanidades Digitais.

Além desses estudos, outros projetos vêm sendo desenvolvidos em torno da edição que têm como foco o estudo histórico da língua. A maior parte das pesquisas estão relacionadas à formação de corpora eletrônicos, com o auxílio de recursos de linguística computacional (concordâncias, anotação morfossintática, busca lematizada, etc.). Paixão de Sousa (2013) destaca alguns projetos brasileiros e portugueses que buscam explorar as ferramentas tecnológicas em suas práticas editoriais:

No âmbito da língua portuguesa, um dos primeiros projetos (senão o primeiro, em nossa ciência) a lançar mão da anotação XML para edições com finalidade acadêmica foi o *Corpus Tycho Brahe* (Universidade Estadual de Campinas), a partir de 2004, com o sistema proposto em Paixão de Sousa e Trippel (2004), consolidado em Paixão de Sousa (2006). Esse sistema é atualmente usado por diferentes projetos brasileiros e portugueses – a saber, o *Grupo de Pesquisas Humanidades Digitais* (Universidade de São Paulo), o *Laboratório de História do Português Brasileiro* (Universidade Federal do Rio de Janeiro), o *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, CEDOHS* (Universidade Estadual de Feira de Santana), o *Projeto Memória Conquistense* (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), e o P.S. – *Projeto para o Arquivo Digital de Escrita Quotidiana* em Portugal e Espanha na Época Moderna (Universidade de Lisboa) (Paixão de Sousa, 2013, p. 122).

Uma ferramenta auxiliar que facilitou o sistema de edição, em 2007, é conhecido como *eDictor* desenvolvido por Paixão de Sousa e Kepler (2007); Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2010). Trata-se de um editor de texto que permite a geração automática de edições diplomáticas, semidiplomáticas e modernizadas (em html), e de versões com anotação morfossintática (em texto simples e xml). Para Barreiros (2015, p. 211),

O eDictor é um avanço no âmbito da pesquisa filológica e a sua inserção no meio digital [...] esse sistema corresponde à vanguarda dos estudos filológicos, principalmente no âmbito da edição de textos antigos e da anotação para estudo linguístico.

O programa gera um banco de dados que armazena todas as informações do texto original e todas as intervenções feitas pelo editor. Para Paixão de Sousa (2013) a edição eletrônica amplia os horizontes técnicos do trabalho filológico, por libertar as técnicas de representação editoriais das limitações materiais colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso. A autora ressalta que,

Já não há razão alguma para os “tipos de edição” serem tomados como objetos isolados entre si: podem, muito melhor, ser compreendidos como camadas editoriais possíveis sobre um mesmo texto – um mesmo texto lógico, aberto a múltiplas possibilidades de representação final. Ou seja, no contexto de uma edição digital, o trabalho de edição e o produto da edição desvinculam-se, uma vez que um mesmo texto pode conter anotações referentes a diversas etapas do trabalho de edição, reproduzíveis em diferentes camadas como produto final (Paixão de Sousa, 2013, p. 120).

A expressão “camadas editoriais” defendida pela autora está relacionada ao conceito de “texto digital” discutido pela mesma. Seguindo sua concepção, o “texto digital” se diferencia de outros textos por ser “[...] um processamento artificial da linguagem em sua cadeia de difusão. [...] É a tecnologia envolvida na construção de correspondências entre símbolos e informação linguística” (Paixão de Sousa, 2013, p. 165). Partindo do pressuposto da natureza do texto eletrônico, Paixão de Sousa (2013) ainda destaca o aspecto de descorporificação desse tipo de texto, no sentido de ser um caractere em uma tela que não podemos pegar com as próprias mãos. E é justamente essa característica ‘fisicamente inexistente’ que atribui uma representação ilimitada ao texto, podendo ser apresentado de infinitas formas. De acordo com a autora:

[...] é essa possibilidade infinita, e fundamentalmente anti-linear, aberta pela codificação eletrônica do texto, que funda a ideia do hipertexto, imaginada já na década de 1960, pelo filósofo norte-americano Theodor H. Nelson (1965). A lógica da difusão digital tem como característica central a desvinculação entre o texto lógico e seu suporte material. Ela descorporifica o texto. Ela permite que “um texto” apareça como infinitos textos, de infinitas formas, em infinitos outros espaços, em infinitos tempos (Paixão de Sousa, 2013, p. 129).

Descorporificar o texto é descentralizá-lo, é gerar possibilidades de pluralização das formas, é acessar as camadas textuais e os seus meios de existência. Essa lógica da difusão digital que lida com texto descorporificado levou as autoras Monte e Paixão de Sousa (2017)

a ressignificarem o termo “edição filológica digital” para uma “edição filológica virtual” com o propósito de descrever o trabalho de edição iniciado com as Atas da Câmara de São Paulo, discutido no artigo *Por uma Filologia virtual: o caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596)*. Para as autoras,

Usamos o termo edição filológica virtual para nos referir ao objeto criado a partir de um trabalho que inclui a produção da réplica imagética digital do documento físico, a edição filológica digital, e as múltiplas possibilidades de representação final ou publicação digital. Todos esses processos são construídos com ferramentas e tecnologias computacionais, e são, portanto, ‘digitais’; o conjunto dos processos forma o objeto que chamamos de virtual – pois que simula, representa, re-cria artificialmente os documentos originais. Produzir uma edição filológica virtual é empreender uma efetiva tradução material dos documentos, nos termos de Paixão de Sousa (2012): é digitalizá-los no sentido lato do termo, codificando-se as informações relevantes contidas no documento físico sob forma de símbolos computáveis (Monte; Paixão de Sousa, 2017, p. 245).

Compreende-se que a edição virtual abarca a edição filológica digital, dentro dessa perspectiva, e vai além. O editor redireciona seu olhar para a construção de um ‘objeto virtual’ – conjunto da documentação em formato digital, composto por três componentes básicos: a representação digital do texto original sob forma de imagem; a ‘textualização’ ou passagem da informação visual para informação efetivamente codificada como texto (incluindo-se a ‘transcrição’ do texto e a anotação de informações adicionais sobre o texto); e a apresentação do texto como objeto novamente legível como informação visual (processo de desmaterialização e rematerialização do texto) (Monte; Paixão de Sousa, 2017).

As pesquisas apresentadas, de modo geral, assumem diferentes perspectivas de estudo. A intenção é mostrar os diferentes caminhos que o pesquisador pode traçar a partir de seus objetivos e do *corpus* da pesquisa. Apesar das diferenças, os estudos apresentam em comum o uso das tecnologias digitais como um facilitador para a confecção de *corpora*, armazenamento de dados e contribuem para o avanço na área dos estudos filológicos, o que mostra o quanto que a Filologia tem a oferecer ao ser explorada em suas múltiplas dimensões.

Com o advento da tecnologia digital, novas possibilidades de edição, novos métodos para a transcrição, edição e ampliação das teorias vêm sendo aprimorados para suprir as especificidades dos textos. Os diálogos multidisciplinares são verdadeiros fertilizantes para se pensar em práticas editoriais mais críticas, reflexivas e democráticas. A leitura crítica do texto exige do editor que leve em consideração o perfil dos leitores do século XXI.

3.3 DO TEXTO AO HIPERTEXTO

O processo de leitura, de modo geral, tanto a leitura impressa quanto a leitura digital, não é um processo mecânico, mas sim um ato construtivista que acontece por meio de uma relação dialógica entre leitor-texto. O leitor é essencialmente, imaginativo e criativo e com a presença cada vez mais intensa dos ambientes eletrônicos, ele se transfigura para navegador e com isso a interação com os mais diversos textos é intensificada e potencializada. O ato de ler transmutou-se num dinâmico processo que envolve diversos tipos de linguagens (sons, imagens, vídeos, textos verbais); a era digital pluralizou os suportes materiais da leitura.

As edições apresentadas em suportes eletrônicos ampliam o processo de leitura e aproximam ainda mais a relação leitor-texto. A mudança não está pautada somente na substituição do impresso para o digital, vai muito além. Como diz Chartier (2007, p. 84), “Este não pode e não deve ser a simples substituição de um suporte pelo outro. Se as formas exercem efeito sobre o sentido”. A leitura do hipertexto não é linear, assim como a leitura do impresso, no entanto, o hipertexto digital proporciona uma dinamicidade maior comparado ao texto impresso, pelo fato de apresentar diversos níveis de textos, a exemplo de imagens, som, vídeo, links que direcionam os leitores a outros textos com mais facilidade. O hipertexto digital apresenta a dimensão escolhida pelo leitor; ele convoca o leitor a criar sua própria rota, de forma dinâmica e interativa em meio às várias telas. Com isso, o leitor passa a exercer um papel mais ativo, crítico, criativo, chegando a assumir, em alguns, casos, o papel de leitor-autor.

Em 1945, Vannevar Bush publicou, na revista americana *Atlantic Monthly*, o artigo *As we may think*¹⁴, onde descreve uma máquina, chamada *Memex*, capaz de propiciar leitura e escrita não lineares e armazenar uma biblioteca multimídia de documentos. Segundo Bush, a mente humana não funciona de forma linear, e sim por associação. Bush descreveu o *Memex* como um dispositivo mecanizado em que uma pessoa guardaria todos os seus livros, fotos, jornais, revistas e correspondências e poderia consultá-los de forma rápida e flexível, como se fosse uma extensão de sua memória. O *Memex* seria uma mesa com telas translúcidas, teclado, botões, alavancas e mecanismos de armazenamento, gravação e projeção baseados no uso de microfilmes. O processo de ligação entre dois itens seria feito por indexação associativa, em que um item poderia selecionar imediata e automaticamente um outro item para ser lido. Bush acrescenta ainda que, ao ligar vários itens, “é exatamente como se os itens físicos tivessem sido

¹⁴ *Como podemos pensar* (Tradução nossa).

reunidos para formar um livro. É mais que isso, já que qualquer item pode ser ligado a inúmeras trilhas”. O *Memex*, portanto, permitiria o acesso rápido e não-linear a diversas unidades individuais de informação multimídia relacionadas por meio de ligações. Para Shneiderman e Kearsley, essa ideia de Bush trata do elemento mais importante do hipertexto: os links entre documentos. As ideias levantadas por Bush serviram de inspiração e aguçaram a curiosidade de outros teóricos.

Em 1963, Douglas Engelbart escreveu o artigo *A conceptual framework*¹⁵, no qual afirma que o computador poderia “aumentar” o pensamento humano. Em 1965, Engelbart inventou o mouse e Theodore Nelson criou o termo “hipertexto” no seu projeto Xanadu, cuja proposta era implementar uma rede de publicações eletrônica, instantânea e universal – um verdadeiro sistema hipertexto, um universo documental. Com base na entrevista concedida a *Cyberspace Report* e organizada por Whitehead (1996), Nelson era muito envolvido com a escrita, leitura, literatura e cinema e buscava maneiras de estruturar seus pensamentos que não obedeciam uma linearidade. O hipertexto surge a partir da dificuldade de apresentar pensamentos não sequenciados com a intenção de retratar a complexidade das narrativas. Segundo o autor, o ser humano não pensa em sequências lineares e sim em espirais e em notas de rodapé. Devido a esse pensamento, defende a natureza hipertextual, por ser mais flexível e permitir infinitas possibilidades de leituras. Seguindo essa perspectiva, Ramal (2002) reconhece que as tecnologias digitais têm implicações nos processos cognitivos, tese que reaproxima o indivíduo pela estrutura multimodal de leitura aos seus esquemas mentais,

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura (Ramal, 2002, p. 82).

O conceito de hipertexto foi popularizado em seu livro *Literary Machines* (Nelson, 1982) onde ele descobriu que o computador tinha a capacidade de criar e de administrar redes textuais para todos os tipos de textos. Todas as informações poderiam ser selecionadas e acessadas por meio de links. Nelson (2007) afirma que “hipertexto não é tecnologia, mas potencialmente a generalização completa de documentos e de literatura”.

George Landow (1994), um dos principais teóricos do hipertexto, dos efeitos da tecnologia digital na linguagem e na mídia eletrônica na literatura, define hipertexto como

¹⁵ *Uma estrutura conceitual* (Tradução nossa).

“uma tecnologia da informação que consiste em blocos de textos – ou lexias – e nas conexões eletrônicas que os ligam” (Landow, 1994, p. 1). Para Ilana Snyder (1996, p. 18), o hipertexto é “uma rede de conexões entre palavras, ideias e fontes que não tem um núcleo central nem fim”. Cabe ressaltar que a natureza hipertextual do pensamento já constava nas formas tradicionais de enunciação (as anotações marginais, as notas de rodapé, apêndices e índice). A proposta de Nelson (1982) e posteriormente de outros teóricos foi ir além, usufruindo das potencialidades oferecidas pelo avanço tecnológico.

Com base na discussão proposta por Sophie Marcotte (2007), o hipertexto pode ser difundido tanto em CD-ROM (circuito fechado) quanto em rede (circuito aberto). Como afirma Landow (1994), essa tecnologia da informação existe sob duas formas: o *read-only hypertext*, que permite o leitor escolher seu próprio percurso de leitura, mas não o autoriza a acrescentar conexões ou alterar textos; ou o *hypertext* propriamente dito, em que o leitor além de escolher o percurso que desejar, tem a liberdade de acrescentar texto e/ou criar novas conexões. De acordo com Marcotte (2007, p. 56),

Há duas maneiras de “construir” um hipertexto. Ele pode ser desenvolvido a partir de documentos que já existam na forma impressa: trata-se então de transformar o texto, ou antes, de reorganizá-lo, determinar quais unidades fazem sentido e onde inserir os links. Pode-se também desenvolver o hipertexto em vários atos, ou seja, criar um ambiente hipertextual ao escrever o texto, “pensar” o texto, desde o início do processo de escrita, como uma rede, e programar as conexões à medida que progrida o trabalho de criação.

A hiperedição de *Canções de meu caminho* está apresentada em rede e objetiva transformar poemas impressos em poemas hipertextuais a partir da inserção de links (relações com outros textos) com o propósito de iluminar e potencializar a construção da narrativa poética.

A evolução do texto digital acarreta mudanças significativas na relação entre autor, leitor e no próprio conceito de texto; suas concepções são pulverizadas e questionadas. Em meio a esse cenário, o leitor é emancipado e convocado a ocupar uma posição ativa, crítica e de contribuinte ao colaborar para a construção do sentido do texto através de suas escolhas e seleções de leituras. Marcotte (2007, p. 57) diz que,

[...] Cada percurso de leitura dá lugar a um novo texto e resulta, por consequência, em novas interpretações. Assim, o hipertexto é construído, ao mesmo tempo, de acordo com a lógica do autor e do leitor. Cada unidade textual pode ser incluída em vários itinerários de leitura e o seu significado dependerá do caminho percorrido para se chegar até ela.

É fato que a teoria hipertextual, influenciada pelas teorias literárias estruturalista e pós-estruturalista, modificou consideravelmente a maneira de ler um texto literário. Para os estruturalistas, o pensamento é construído através de um sistema de trocas, como uma “rede”, onde não há um centro e sim vários conjuntos que se inter-relacionam. “Não há um ‘caminho certo’ de leitura para esse material; nunca duas pessoas o lerão da mesma maneira [...]” (Smith, 1999, p. 155).

É inerente ao ser humano a capacidade interpretativa. Partindo desse pressuposto, todo texto “pressupõe a cooperação do leitor como condição de atualização” (Eco, 1988, p. 45), a cada leitura atualiza-se o texto. Para um hipertexto, surge um hiperleitor “capaz de mover-se com interesse e proveito, por um labirinto de caminhos que se bifurcam” (Rico, 2005, p. 310). Esse leitor capaz de transitar no ciberespaço que Lucia Santaella (2004) denomina de leitor imersivo. Um leitor que é produto dos processos de navegação; é o leitor que busca, encontra, associa, compara fragmentos, compõe, interpreta textos multimodais (composto por elementos sonoros, visuais e textuais). Segundo a autora,

É um leitor imersivo porque navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis. [...] esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc. (Santaella, 2004, p. 31).

Esse tipo de leitor é o leitor das hiperedições, interage em meio às várias telas, está habituado a receber e ler novas informações, de variados formatos e linguagens. O trajeto de sua navegação é não sequencial, multilinear e traçado por ele mesmo. É fruto da multiplicidade de imagens sígnicas, transita pelas redes, pelo ciberespaço, e pelo o que Santaella (2004) chama de ‘nós e conexões’, ‘arquiteturas líquidas’. Em meio a esses espaços surge um outro tipo de leitor que é uma extensão do leitor imersivo - o leitor ubíquo - é aquele que está o tempo inteiro transitando em informação enquanto ele se move; o que Santaella (2016) chama de hipermobilidade - se dá porque somos móveis, porque nosso corpo é móvel, ele se locomove no mundo, e ao mesmo tempo estamos nos movimentando na informação que vem pela rede (Santaella, 2016). O leitor ubíquo nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo (Santaella, 2010, p. 34). Segundo a autora,

Do leitor movente, o leitor ubíquo herdou a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se ascendem e se apagam, enfim esse leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se ao nomadismo próprio da aceleração e burburinho do mundo. [...] é também um leitor imersivo. [...] O que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado (Santaella, 2010, p. 35).

A intervenção ativa do leitor enriquece as edições, amplia o nível de leitura e possibilita diferentes interpretações. A leitura ganha mais engajamento, o leitor é convocado a dialogar entre ele mesmo e suas escolhas. Não há mais uma única via de acesso ao conhecimento, há múltiplas entradas, cabe aos leitores explorar suas rotas de construção de sentido.

4 A HIPEREDIÇÃO DAS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA

Em virtude da obra *Canções de meu caminho* se relacionar com grande parte dos documentos pertencentes ao acervo e fora dele, faz-se necessário elaborar um modelo de edição que viabilize essa teia de comunicação entre os diferentes textos; valorize os diferentes registros de um mesmo poema escrito em diferentes períodos e em diferentes suportes de escrita e que evidencie o processo criativo do escritor em meio a composição das edições da obra em análise. Na tentativa de dar a ler a obra *Canções de meu caminho*, o percurso escolhido foi a elaboração de uma hiperedição por meio das camadas editoriais (fac-similar, transcrição linearizada, transcrição atualizada com links, confronto sinóptico e edição em pdf).

A pesquisa em acervos amplia e liberta o olhar do pesquisador. Esse lugar de memória deve ser visto e lido como um sistema aberto, vulnerável, instável, heterogêneo, características essas, que distanciam de uma perspectiva “monossistêmica”, mas que remete com toda certeza para um “polissistema”, termo sugerido por Even Zohar (1978) para nomear os sistemas semióticos. Essa abordagem surgiu devido ao incômodo do autor em perceber que cada vez mais pesquisas vêm sendo realizadas no âmbito literário com enfoque estático, reducionista, ahistórico, sob uma visão homogênea. Para o autor, ao realizar pesquisa, principalmente na área da literatura, de natureza essencialmente histórica, “impede-se a transformação dos objetos históricos em seres de acontecimentos ahistórico, sem coesão entre si” (Zohar, 1978, p. 3). Do mesmo jeito que os estudos literários precisam de uma abordagem histórica, as práticas de edição de textos também. Ao lidar com artefatos históricos-sociais e culturais, a Filologia encontra suporte nessa visão polissistêmica para realizar edições mais plurais, acessíveis e complexas. A hipótese do Polissistema surge inicialmente para dar conta das correlações existentes entre a Literatura, com a língua, a sociedade, a economia, a política, a ideologia, entre outras esferas, mas se estende também aos estudos filológicos e linguísticos. Essa correlação complexa precisa aparecer em qualquer estudo semiótico. Zohar define polissistema como “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes” (Zohar, 1978, p. 2). Diante disso, a edição em desenvolvimento e qualquer outra pesquisa que faça parte do sistema semiótico precisa dar a devida visibilidade ao contexto histórico, social e cultural dos objetos de estudo.

Além da perspectiva de polissistema defendida por Zohar (1978), outra abordagem que contribui para a referente pesquisa é a denominação de rizoma postulado por Deleuze; Guattari, (1995). A hiperedição de *Canções de meu caminho* está ancorada no modelo de rizoma

defendido por Deleuze e Guattari (1995). Sistema radícula que não apresenta um eixo central; em oposição ao modelo pivotante (arborescente), lida com a multiplicidade em detrimento da unidade e rompe com propostas hierarquizantes e simplificadoras, buscando explorar a complexidade dos objetos. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 16). O princípio rizomático faz parte da natureza dos dossiês. Na visão dos autores:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37).

Os autores enumeram seis princípios aproximativos do rizoma: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania. Características que remetem a própria natureza do acervo de escritores. O rizoma assim como o acervo é aberto, é múltiplo, é conectável em todas as suas dimensões e suscetível a mudanças, a interpretações.

[...] diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1) (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31).

Cada edição de um mesmo texto é única. Cada editor traça seu percurso e realiza suas escolhas a fim de dar a ler seu objeto. A obra *Canções de meu caminho* conecta-se com uma infinidade de documentos. Desse modo, as “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15). Debruçar-se no acervo sob essa perspectiva rizomática é ampliar o olhar sobre os documentos, é suprimir a barreira tipológica

entre os diversos tipos de linguagens, é romper com a visão de que um sobrepõe o outro, é mapear o diálogo entre os textos a partir de suas complexidades. Nesse caso, os rascunhos, os datiloscritos, os impressos, os recursos hipermidiático, as cartas, as citações em jornais, todos se relacionam em pé de igualdade.

Os textos que compõem o livro *Canções de meu caminho* apresentam um caráter nômade, no sentido de um mesmo poema ter sido publicado em contextos diferentes e para diferentes projetos editoriais. O autor publicava um mesmo poema em diferentes veículos e épocas, a fim de fazer circular suas produções literárias. Há textos que foram publicados nas décadas de 30, 40 e 80. Apesar de remeterem a um mesmo poema, são textos únicos, diferentes, publicados em contextos diferentes e para diferentes tipos de leitores. O poema *Depois*, por exemplo, foi publicado pela primeira vez no livro de poesias do próprio autor – *Alma enferma* (1933); posteriormente foi publicado na primeira edição de CMC (1948); logo após foi publicado no livro de Antologia (1981); teve sua publicação também na segunda edição de CMC (1983) e por fim o autor mostrou interesse em publicar o poema na terceira edição de CMC. Cada publicação, cada registro de escrita precisam ser analisados de forma minuciosa por parte do editor, levando em conta todos os contextos e dimensões dos textos.

4.1 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E AS CAMADAS EDITORIAIS

Com o avanço das discussões que envolvem a complexidade existente nas práticas de edição de textos, busca-se uma ressignificação epistemológica por meio da utilização de novos métodos potencializados pelos recursos digitais. A Crítica Textual passou a incorporar novos recursos disponíveis no ambiente digital com o intuito não somente de solucionar possíveis problemas da práxis filológica, mas principalmente explorar o ambiente hipermidiático que permite o funcionamento mais dinâmico e interativo de novas mídias, proporcionando uma interação mais significativa entre o texto e os usuários.

Os caminhos metodológicos vão sendo tecidos conforme as singularidades do objeto de estudo, as escolhas e os objetivos traçados pelo pesquisador. Para a hiperedição, foram considerados todos os poemas que fazem parte de *Canções de meu caminho*, ao todo foram coletados 86 textos até o momento atual, além de outros documentos do acervo que possuem uma relação direta com o processo de produção e circulação dos poemas que fazem parte de *Canções de meu caminho*.

Para a construção da hiperedição, adotou-se os critérios utilizados por Barreiros, P. (2013; 2015; 2018). Para o estabelecimento e a edição dos poemas, foram necessárias as seguintes etapas:

- 1) revisão das transcrições, descrições e edições dos poemas realizadas em etapas anteriores;
- 2) retomada da pesquisa documental no acervo para atualizar dados sobre o *corpus* e buscar outros documentos elucidativos;
- 3) preparação do *corpus* por meio da organização de edições e transcrições filológicas dos poemas em modalidades distintas, que integram as camadas editoriais da hiperedição;
- 4) busca por formação prática, através da realização de cursos, nas áreas de linguagem de programação (HTML, PHP, Java etc.), design gráfico, criação de sites e sobre a plataforma *WordPress*;
- 5) organização do dossiê dos poemas;
- 6) desenvolvimento do *layout* do site.

Na descrição física, para a identificação dos testemunhos dos poemas, optou-se por seguir os critérios estabelecidos por Barreiros (2009) para identificação do código do texto no acervo e por Santos (2017) para a identificação do código na edição:

Para a identificação dos testemunhos na descrição, estabeleceu-se o seguinte código:

- a) quando o título do poema se compõe de apenas uma palavra utilizou-se, em maiúsculo, a primeira letra das duas primeiras sílabas. Exemplo: *Inverno* torna-se IV;
- b) quando se compõe de mais de uma palavra, utilizaram-se as iniciais das duas primeiras palavras em maiúsculo. Exemplo: *Volta ilusão* torna-se VI;
- c) quando há mais de um testemunho em livro ou em manuscrito, acrescentou-se um número arábico em ordem crescente para facilitar a identificação.
- d) para os textos com mais de um testemunho, após as letras que identificam o título do poema, acrescentam-se as letras L para livro, M para manuscrito, D para datiloscrito, J para jornal, R para recorte, que, quando não identificado, é seguido por um *ñ*. Exemplo: VIL (Santos, 2017, p. 92-93).

A seguir, os quadros referentes às siglas:

Quadro 11 - Siglas relativas aos poemas de *Canções de meu caminho*.

SIGLAS	POEMAS
AA	AQUELA ÁRVORE
OS	O SÁBIO
DFL3	DONA FEIA
VI	VOLTA, ILUSÃO
DP	DEPOIS
IV	INVERNO
MP	MEU POEMA DE ESTUDANTE POBRE
SD1	SAUDADE 1

AN	ANIVERSÁRIO
S	SOU
AS	AUSÊNCIA
BC	BALADA DO CANTO
BT	BATINGAS
BJ	BEIJOS
BC	BUCÓLICA
CT	CANTIGAS
CS	CASAMENTO
CV	CONVERSÃO
DS	DESENCONTRO
EE	EDIÇÃO ESGOTADA
EF	EUFORIA
FT	FATALISMO
FV	FAZENDA VACA PARIDA
FL	FELICIDADE
JC	JACOBINA
NT	NOTURNO
OR	ORAÇÃO
PS	PAISAGEM
PC	PENSAMENTO DE CELIBATÁRIO
PD	PERDIÇÃO
PC	PRECE DE UM CÉTICO
QS	QUEM SERÁ?
RT	RETRATO
RM	ROMANCE
ST	SENTIMENTALISMO
SD	SAUDADE DIFERENTE
S	SÓ
SF	SOFRIMENTO
SP	SÚPLICA
TM	TEIMOSA
US	ÚLTIMO SONHO
VV	VIVOS
AD	ANIVERSÁRIO D'ELA
NM	NUNCA MAIS
VC	VOCÊ
TM	TAMARINDEIRO
FC	FAZ DE CONTA
HG	HINO DO GINÁSIO MUNDO NOVO
CP	CAIXA DE PAPELÃO
SZ	SOZINHO
IP	IMPOSSÍVEL
UM	ÚLTIMO MOMENTO
CN	CANÇÃO DE NINAR
SJ	SÃO JOÃO
CJ	CONJECTURAS
RM	RECORDAÇÃO DE MONTE ALEGRE
VT	VELHO TREM DE FERRO
EM	EMOÇÃO
CC	A CHUVA CHEGOU!
EP	EPITÁFIO
EQ	ESQUECE!

GUU	GOTAS FINAIS / ÚLTIMA TROVA / ÚLTIMA ESTROFE
IT	INSTANTÂPIO
NM	NO MUNDO DOS SONHOS
OC	OUTRAS CANTIGAS
ND	O NOME DAQUELA RUA
QD	QUADRILHAS
SI	SONHOS IDOS
UP	ÚLTIMA PÁGINA
DT1	UMA DÚZIA DE TROVAS PARA MEUS DOIS PRONOMES: TU E VOCÊ
CQ	A CARTA QUE NÃO VEIO
AR	AQUELA RUA
TA	TROVAS ANTOLÓGICAS
SD2	SAUDADE 2
DN	DIA DO NAMORADO
GT	GRUPO DE TRÊS
TB	TEMPO DE BALANÇO
NT	NATAL
TV1	TROVAS 1
TV2	TROVAS 2
TC	A TROVA DO CIGARRO
TV3	TROVAS 3
ND	NADA
BS1	BOM SUCESSO 1
BS2	BOM SUCESSO 2
DT2	UMA DÚZIA DE TROVAS PARA ELA

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 12 - Siglas relativas às fontes testemunhais.

CL	CADERNO LÁGRIMAS
LCMC1	LIVRO CANÇÕES DE MEU CAMINHO 1ª EDIÇÃO
LCMC2	LIVRO CANÇÕES DE MEU CAMINHO 2ª EDIÇÃO
DCMC2(1)	DATILOSCRITO CANÇÕES DE MEU CAMINHO 2ª EDIÇÃO (1)
DCMC2(2)	DATILOSCRITO CANÇÕES DE MEU CAMINHO 2ª EDIÇÃO (2)
CCMC3	CADERNO CANÇÕES DE MEU CAMINHO 3ª EDIÇÃO
LIP	LIVRO ILUSÕES QUE PASSARAM
LAE	LIVRO ALMA ENFERMA
IJOL	IMPRESSO NO JORNAL O LIDADOR
LAPBM	LIVRO ANTOLOGIA DOS POETAS DO BRASIL E DE MINAS
MA	MANUSCRITO AVULSO
DA	DATILOSCRITO AVULSO
CFSJ	CADERNO FARMÁCIA SÃO JOSÉ
CMCT	CADERNO MEU CADERNO DE TROVAS
IAPO	IMPRESSO EM ALGUMAS POESIAS DE ONTEM
CSC1	CADERNO SEM CAPA 1
LPC	LIVRO POESIAS CONSAGRADAS
LA1982	LIVRO ANUÁRIO DE 1982: POETAS DO BRASIL
IJV	IMPRESSO JORNAL VANGUARDA
CLC	CADERNO LUZES DO CREPÚSCULO
CJN	CADERNO DE UM JOÃO NINGUÉM
IP	IMPRESSO PANFLETO

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

7) produção de cópias digitalizadas de fac-símiles a fim de evitar a manipulação direta dos documentos originais, o que diminuiria a vida útil do suporte físico e aumentaria os riscos de danificar a materialidade dos textos. O processo de digitalização dos textos e de todos os documentos do acervo foi realizado por Patrício Barreiros, que também fez cópias impressas em tamanhos maiores para facilitar a pesquisa dos membros da equipe e evitar, na medida do possível, o contato direto com os textos originais. Em casos pontuais, capturas de imagens mais recentes foram feitas por mim a fim de buscar imagens mais precisas de alguns documentos do acervo.

8) descrição física/ transcrição dos testemunhos – após a digitalização e cópia, foram realizadas a descrição física dos textos e transcrição semidiplomática dos testemunhos. A descrição, junto a outras informações contextuais foram organizadas em fichas descritivas. A escolha da transcrição semidiplomática, como primeira transcrição se deu pela tentativa de preservar ao máximo as singularidades do *corpus*. A partir dessa transcrição inicial é que foram realizadas outras transcrições como a atualizada com *links* e o confronto sinóptico dos poemas politestemunhais.

Para a transcrição linearizada manteve-se os critérios e princípios adotados na pesquisa de Santos (2017), no entanto alguns símbolos foram substituídos por *tags* de codificação HTML, a saber:

- I) Os textos são transcritos em fonte *Times New Roman* padrão *Word*; de tamanho 11, justificado à margem esquerda;
- II) As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
- III) Transcreve-se o título como se encontra no original, em caixa alta e centralizado;
- IV) A rubrica do autor indica-se entre colchetes;
- V) São mantidas as interpolações, os lapsos do autor, a ortografia, a acentuação e registram-se todas as correções, emendas, rasuras e acréscimos, com a utilização dos símbolos:
 - † segmento ilegível;
 - * parte do texto localizada à margem inferior indicada pelo autor através de seta, linha ou números remissivos;
 - *(f. ou p.) parte do texto localizada em outro fôlio ou página indicada pelo autor a partir de números e letras remissivos ou anotações. Nesses casos, o número do fôlio ou da página aparece entre parênteses.

Ao adequar a transcrição linearizada para a hipertextualização, alguns símbolos foram substituídos por *tags* de codificação HTML, a saber:

<p> </p> Parágrafo

 Quebra de linha

 Quebra de linha com um espaçamento duplo

<n> </n> Negrito

<s> </s> Segmento riscado ou cancelado

<u> </u> Sublinhado

 Acréscimo superior

 Acréscimo inferior

Para a transcrição atualizada com links foi utilizada a tag Palavra linkada .

Os procedimentos utilizados na preparação do *corpus* para a hipertextualização dos poemas de CMC tem como base os princípios postulados por Peter Shillingsburg (1993) no que tange à questão da: usabilidade que tem a intenção de tornar as hipertextualizações facilmente acessíveis – veiculação na Internet; transportabilidade (constitui uma linguagem universal ao tornar os conteúdos da *Web* independentes de navegadores, sistemas operacionais e *softwares*); design (multimídia, interatividade, participação do usuário, liberdade para o usuário escolher o que será arquivado em sua máquina, constituição de *links*, intertextualidade e contextualização). Segundo Barreiros (2015, p. 214), o *design* constitui a alma das edições digitais, pois não adianta fazer um excelente trabalho filológico se o *design* não favorece a dinamicidade que é peculiar ao meio digital. A questão da segurança, ordem e integridade, relacionados ao sistema de proteção do arquivo original; a expansibilidade que remete ao *feedback* dos usuários; a capacidade de impressão (fica a critério do editor de definir os arquivos imprimíveis) e por fim, o oitavo princípio que está relacionado ao sistema de navegação com interface amigável (os conteúdos das hipertextualizações precisam ser acessados e manipulados com facilidade pelos usuários).

Além dos princípios elencados, Barreiros (2018) planteou algumas recomendações para a elaboração da hipertextualização, a ver:

- a) apresentar informações sobre os procedimentos editoriais aplicados nas transcrições, no estabelecimento dos textos ou outras questões técnicas que sejam pertinentes;
- b) inserir ferramentas de busca que possam facilitar o acesso às informações;
- c) criar diferentes níveis de acesso, por meio da constituição de menus que permitam aos leitores estenderem suas leituras de acordo com interesses específicos;
- d) preservar, na medida do possível, os códigos linguísticos, bibliográficos, contextuais inerentes ao texto;

- e) cuidar para não cometer excessos, quanto à utilização de hiperlinks no interior dos textos;
- f) disponibilizar o texto editado numa versão em txt para favorecer sua utilização em ferramentas computacionais para estudos linguísticos;
- g) desenvolver um plano de captura, tratamento e armazenamento das imagens, vídeo e som utilizados na edição. O equilíbrio entre a qualidade e o tamanho dos arquivos é fundamental para uma boa edição. Arquivos muito pesados dificultam o acesso à página e arquivos de baixa resolução prejudicam a qualidade do trabalho (Barreiros, 2015, p. 292).

Nesse sentido, ratifica-se que não basta apenas transpor os elementos do impresso para o ambiente digital, mas sim pensar a hipertexto de uma forma que só adquira sentido em meio digital.

4.1.1 As camadas editoriais: os níveis de apresentação dos textos

A escolha dos níveis de apresentação dos poemas buscou atender as especificidades do *corpus* e apresentar ao leitor diferentes possibilidades de leitura dos textos a partir das camadas editoriais, que vão desde a edição fac-similar, até a transcrição mais atualizada. E no caso dos testemunhos com tradição múltipla, além dessas camadas editoriais, o leitor terá acesso ao confronto sinóptico dos textos. Visto que, trata-se de um *corpus* diversificado, com poemas de natureza monotestemunhal e politestemunhal, manuscritos, datiloscritos e impressos; preservados em variados suportes materiais como livros, cadernos, datiloscritos, papéis avulsos, panfletos e jornais; escritos de 1926 até 1988.

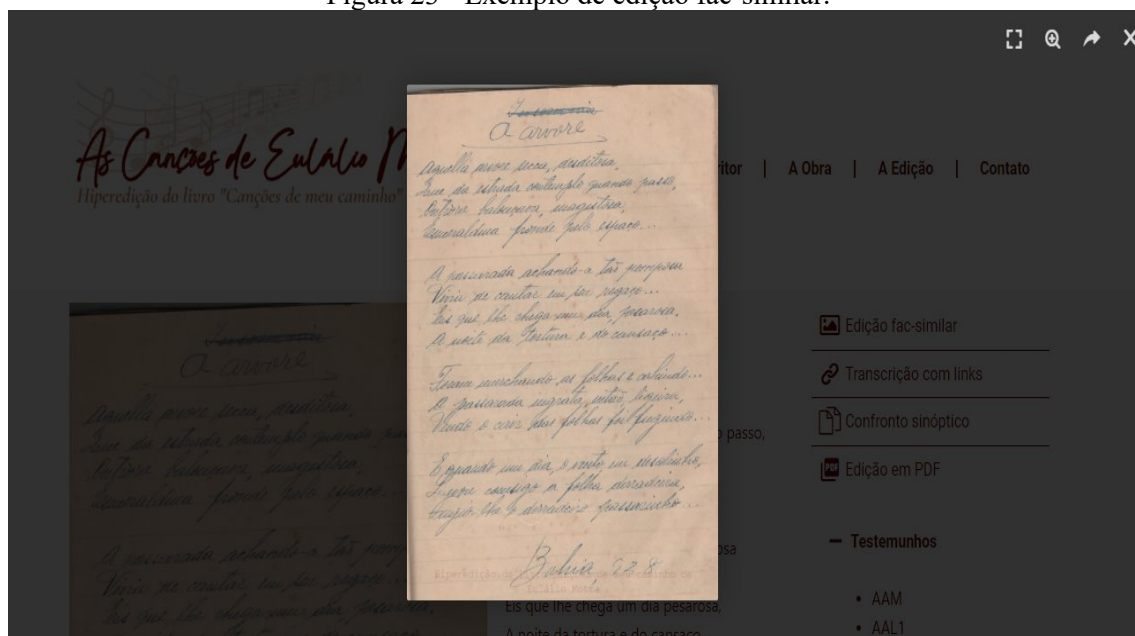
Os poemas são apresentados em edição fac-similar, transcrição linearizada, transcrição atualizada com links e em confronto sinóptico, para os casos dos poemas de tradição politestemunhal.

A edição fac-similar é uma abordagem editorial importante e necessária para apresentação dos poemas, pois permite que o pesquisador e os leitores acessem uma representação digital mais próxima do texto original, sem a necessidade de acesso ao acervo físico e sem o risco de danificar os documentos originais. A edição fac-similada é a “reprodução obtida por meios mecânicos [ou digital] [...] de um texto manuscrito, impresso ou esculpido, cujo testemunho se revela muito importante, do ponto de vista estético e filológico [...]” (Duarte [1997-], verbete, *apud* Borges; Souza, 2012, p. 33). Vale ressaltar que esse tipo de edição não tem um propósito de ser uma cópia fiel ao original, pois, ao realizar a captura da imagem para a edição fac-similar e transpor para o ambiente digital, o fac-símile altera, em alguma medida, as características materiais do documento, sendo necessário que o editor apresente informações

detalhadas sobre a descrição física do texto, como tamanho, cor, gramatura, tipo de suporte, condições de preservação, tipo de tinta e outros possíveis materiais utilizados, tudo isso para que o leitor tenha a noção das especificidades do documento físico. As imagens foram capturadas para o formato digital a partir de um *scanner* de mesa *Epson Stylus Cx5600 Series* e arquivadas no formato JPG, com resolução mínima de 400 pontos por polegadas.

Na hiperedição de *Canções de meu caminho*, é apresentado o fac-símile de todos os poemas a partir de um botão de acesso. Optou-se por publicar essa modalidade de edição acompanhada da marca d'água da hiperedição. Entretanto, caso seja de interesse do usuário ter acesso ao fac-símile sem marca d'água, consta na página Contato (Cf. Figura 48), a opção de preencher um formulário de requerimento.

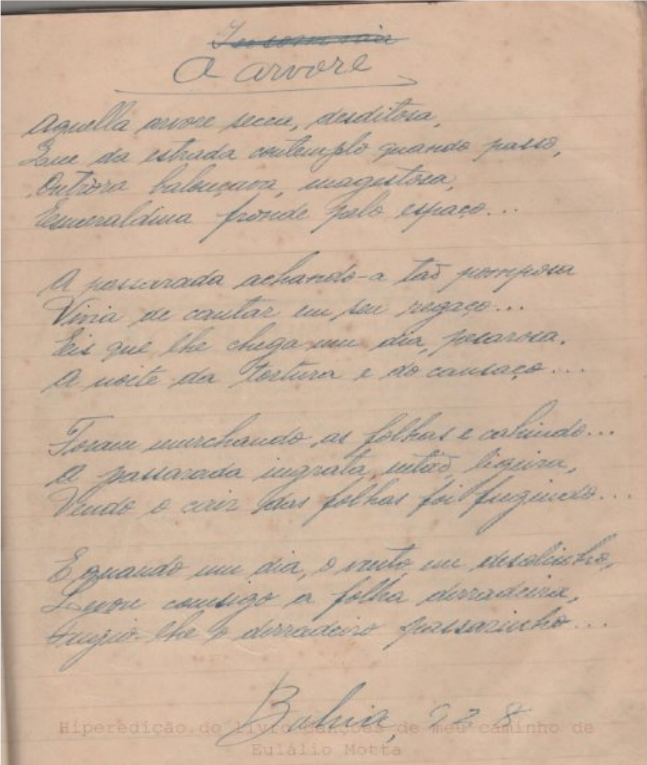
Figura 23 - Exemplo de edição fac-similar.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Na edição fac-similar, o usuário tem a possibilidade de explorar a visualização dos fac-símiles através da opção de *zoom*, para ampliar ou diminuir a imagem, a partir do botão de rolagem do *mouse* ou de um botão com + e – localizado no canto superior direito do campo de visualização da imagem.

A transcrição linearizada é apresentada ao lado do fac-símile. Trata-se de uma transcrição que acomoda as rasuras, substituições, correções e acréscimos, seguindo a sequência lógica do texto. A marcação HTML possibilita que a representação das rasuras, correções e substituições se aproximem do texto original, não sendo necessário o uso dos símbolos que comumente são utilizados nas edições impressas para indicar o movimento da escrita.

Figura 24 - Exemplo de transcrição linearizada.


Insomnia
A arvore

Aquella arvore secca, desditosa,
Que da estrada contemplo quando passo,
Outr'ora balouçava, magestosa,
Esmeraldina fronde pelo espaço...

A passarada achando-a tão pomposa
Vivia de cantar em seu regaço...
Eis que lhe chega um dia pecarosa,
A noite da tortura e do cansaço...

Foram murchando as folhas e caluindo...
A passarada ingrata, então, ligeira,
Vendo o cair das folhas foi fugindo...

E quando um dia, o vento em desalinho,
Levou consigo a folha derradeira,
Fugio-lhe o derradeiro passarinho...

Bahia, 928

Hiperedição de *Euclides da Cunha* de meu cadinho de
Euclides Motta

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

O fac-símile que acompanha a transcrição é gerado a partir de um banco de dados da conta do *Google Drive*, integrado através de plug-in específico o *Elementor*, que permite a visualização lado a lado, da imagem e texto. No caso das transcrições linearizadas dos poemas, as *tags* mais utilizadas para marcação foram:

Quadro 13 - Tags HTML mais utilizadas na transcrição linearizada.

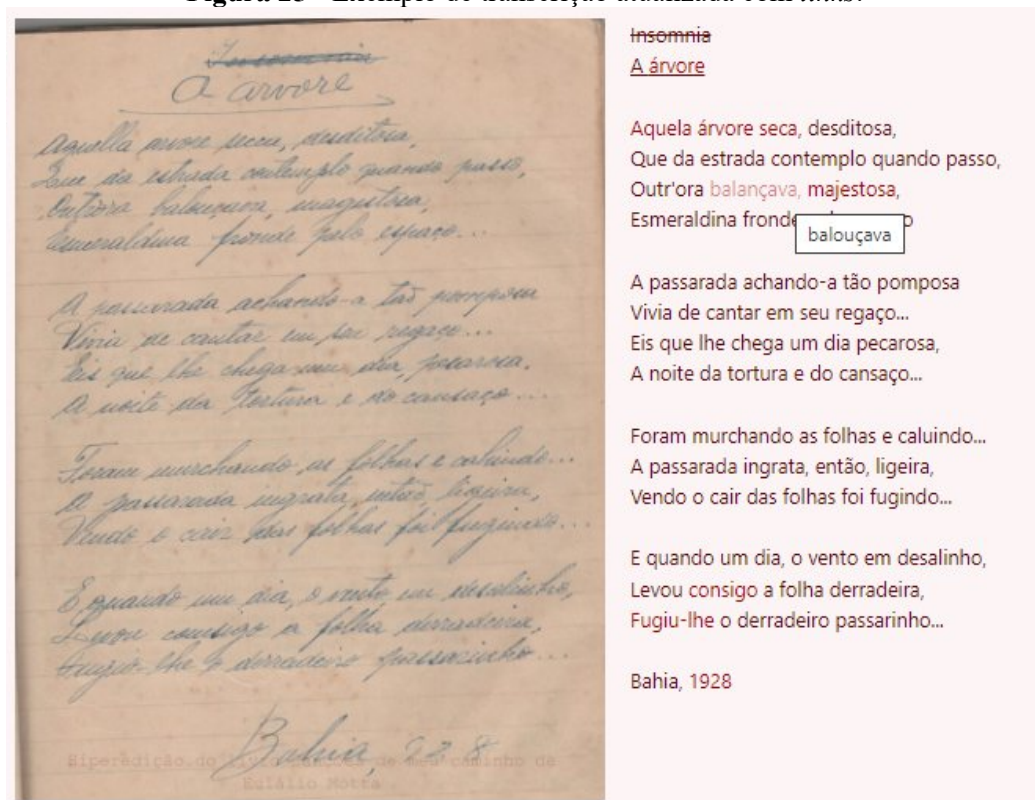
TAGS/HTML	DEFINIÇÃO
	parágrafo
 </br>	quebra de linha, adiciona mais espaço
 	para deixar o texto com cor mais forte
<s> </s>	riscado
<u> </u>	sublinhado
	acréscimo inferior
	acréscimo superior
	para definir cores de partes do texto

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na transcrição atualizada com *links*, é realizada a atualização do texto através da correção gramatical e atualização de ortografia, que é indicada através de links que acessam

tooltip flutuante a partir da aproximação do cursor sobre a parte sinalizada. Caber ressaltar que, o objetivo desse tipo de transcrição na hiperedição de *Canções de meu caminho* é oferecer ao leitor a possibilidade de acessar a versão mais atualizada da escrita dos poemas. No entanto, busca-se fazer o mínimo de interferências linguísticas, salvo os casos de atualização da norma padrão da língua portuguesa, sempre indicando a versão original por meio do *link*, destacado em uma cor que se diferencia da cor do texto. Os *links* são inseridos na transcrição através da *tag* de marcação HTML: `<a> </a>`.

Figura 25 - Exemplo de transcrição atualizada com *links*.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Esse tipo de transcrição permite que o usuário explore mais a sua autonomia como leitor, visto que, ele tem a opção de escolher qual link deseja acessar. Os próprios recursos dos links permitem o acesso à diferentes janelas de navegação. Nesse tipo de leitura, o leitor escolhe suas rotas com mais dinamicidade e interatividade.

Para os poemas politemunhais, além das transcrições apresentadas, optou-se por acrescentar a edição sinóptica. Tal edição como afirma Pérez Priego (1997, p. 44 *apud* Borges; Souza, 2012, p. 38), “consiste na reprodução simultânea [...] da transcrição diplomática de todos e de cada um dos testemunhos da tradição de uma obra”. O cotejo entre os diferentes testemunhos, em confronto sinóptico, torna a edição crítica e também histórica. O objetivo

desse tipo de edição é demonstrar pontos em que tais testemunhos se aproximam ou se divergem, trazendo notas e comentários que visam esclarecer os textos em seus múltiplos aspectos (Borges; Souza, 2012, p. 38).

Figura 26 - Exemplo do confronto sinóptico.

Confronto sinóptico - Aquela árvore		
A tradição textual do soneto é composta por seis registros de escrita e reescrita preservados no acervo em diferentes suportes materiais.		
Nota do editor		
AAM1 Manuscrito - Caderno Lágrimas (f. 37r)	ABL1 Impresso - Livro Ilusões que passaram (p. 35)	AAL2 Impresso - Livro Canções de meu caminho 1ª ed. (p. 53)
insomnia A árvore	EULALIO MOTTA 35	AQUELA ÁRVORE...
Aquella arvore secca, desditosa, Que da estrada contemplo quando passo, Outr'ora balouçava, magestosa, Esmeraldina fronde pelo espaço	"ARBOR"	Aquela árvore sêca, desditosa, Que da estrada contemplo quando passo, Outr'ora balouçava, magestosa, Esmeraldina fronde pelo espaço...
A passurada achando-a tão pomposa Vivia de cantar em seu regaço... Eis que lhe chega um dia pesarosa, A noite da tortura e do cansaço...	Ao poeta e amigo Jonathas Milhomens	Era ela a sombra amiga e dadivosa Nos dias de verão e de cansaço... E era festa a folhagem rumurosa Com pássaros e vento no regaço!
Foram murchando as folhas e caluindo... A passurada ingrata, então, ligeira, Vendo o cair das folhas foi fugindo...	Aquella arvore secca, desditosa, Que da estrada contemplo quando passo, Outr'ora balouçava, magestosa, Esmeraldina fronde pelo espaço...	Eis que chega o infortúnio... Vão caindo As fôlhas amarelas... Traícoeira, A passurada, aos poucos, vai fugindo...
A passurada, achando-a tão pomposa, Vivia de cantar em seu regaço... Eis que lhe chega um dia, pesarosa, A noite da tortura e do cansaço...	A passurada, achando-a tão pomposa, Vivia de cantar em seu regaço... Eis que lhe chega um dia, pesarosa, A noite da tortura e do cansaço...	E quando um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugiu-lhe o derradeiro passarinho...
Foram murchando as folhas e caíndo... A passurada, ingrata, então, ligeira, Vendo o cair das folhas, foi fugindo...	Foram murchando as folhas e caíndo... A passurada, ingrata, então, ligeira, Vendo o cair das folhas, foi fugindo...	E quando um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugiu-lhe o derradeiro passarinho...
E quando um dia, o vento em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugio-lhe o derradeiro passarinho...	E quando, um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugio-lhe o derradeiro passarinho...	E quando um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugiu-lhe o derradeiro passarinho...
Bahia, 928		
AAD1 Datiloscrito 1 - Canções de meu caminho 2ª ed. (f. 47r)	AAD2 Datiloscrito 2 - Canções de meu caminho 2ª ed. (f. 47r)	AAL2 Impresso - Canções de meu caminho 2ª ed. (p. 58)
834 AQUELA ÁRVORE	AQUELA ÁRVORE	AQUELA ÁRVORE...
Aquela árvore sêca, desditosa, que da estrada contemplo quando passo, out'rora balouçava, magestosa, esmeraldina fronde pelo espaço.	Aquela árvore sêca, desditosa, que da estrada contemplo quando passo, out'rora balouçava, magestosa, esmeraldina fronde pelo espaço.	Aquela árvore sêca, desditosa, que da estrada contemplo quando passo, out'rora balouçava, magestosa, esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa nos dias de verão e de cansaço. E era festa e folhagem rumurosa com pássaros e vento no regaço.	Era ela a sombra amiga e dadivosa nos dias de verão e de cansaço. E era festa e folhagem rumurosa com pássaros e vento no regaço.	Era ela a sombra amiga e dadivosa nos dias de verão e de cansaço. E era festa e folhagem rumurosa com pássaros e vento no regaço.
Eis que chega o infortúnio. Vão caindo as folhas amarelas... Traícoeira, a passurada, aos poucos, fai fugindo...	Eis que chega o infortúnio. Vão caindo as folhas amarelas... Traícoeira, a passurada, aos poucos, f vai fugindo...	Eis que chega o infortúnio. Vão caindo as folhas amarelas... Traícoeira, a passurada, aos poucos, foi fugindo...
E quando, um dia, o vento, em desalinho, levou consigo a folha derradeira, fugiu-lhe o derradeiro passarinho...	E quando, um dia, o vento, em desalinho, levou consigo a folha derradeira, fugiu-lhe o derradeiro passarinho...	E quando, um dia, o vento, em desalinho, levou consigo a folha derradeira, fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

As diferenças entre os testemunhos foram marcadas pela tag html `<span style="color:red;"> </span>` para indicar a cor vermelha. Ao acessar o botão “Nota do editor”, o usuário terá acesso às informações que trazem uma análise dos testemunhos em confronto.

Nesse caso do poema *Aquela árvore*, percebe-se que os testemunhos apresentam variantes relacionadas aos sinais de pontuação, ortografia, acentuação e também à composição de estrofes. Os testemunhos AAM1¹⁶ e AAL1¹⁷ apresentam semelhanças entre si e consequentemente se distanciam dos demais. A começar pelo título, que de início o poeta escolheu *Arbor*, depois mudou para *A árvore* e posteriormente para *Aquela árvore*, foi do geral ao específico, como se o escritor quisesse mostrar que não estava falando de uma árvore qualquer, mas sim de uma árvore específica que fez parte da vida do eu lírico. Em 1948, quando Eulálio Motta reescreveu o poema para compor a primeira e segunda edições de *Canções de meu caminho*, ele alterou a segunda e terceira estrofes, mudou os versos, mas o sentido permaneceu.

A edição em pdf possibilitará ao usuário a fazer *download* do arquivo, que trata-se de uma tabela com duas colunas, na coluna esquerda se apresenta a transcrição do texto (menos interventiva) e na coluna direita a transcrição atualizada (mais interventiva). As alterações editoriais são marcadas pela cor vermelha. O texto crítico que resulta dessa edição será apresentado em modelo público na internet e em formato de PDF para visualização, *download*, impressão e/ou compartilhamento.

¹⁶ Manuscrito do Caderno *Lágrimas* do poema *Aquela árvore*.

¹⁷ Impresso do livro *Ilusões que passaram* do poema *Aquela árvore*.

Figura 27 - Exemplo de edição em PDF.

TRANSCRIÇÃO	TRANSCRIÇÃO ATUALIZADA
AAL2 AQUELA ÁRVORE	
AQUELA ÁRVORE...	AQUELA ÁRVORE...
Aquela árvore sêca, desditosa, Que da estrada contemplo quando passo, Outrôra balouçava, magestosa, Esmeraldina fronde pelo espaço...	Aquela árvore seca , desditosa, Que da estrada contemplo quando passo, Outrora balançava, majestosa , Esmeraldina fronde pelo espaço...
Era ela a sombra amiga e dadivosa Nos dias de verão e de cansaço... E era festa a folhagem rumurosa Com pássaros e vento no regaço!	Era ela a sombra amiga e dadivosa Nos dias de verão e de cansaço... E era festa a folhagem rumurosa Com pássaros e vento no regaço!
Eis que chega o infortúnio... Vão caindo As fôlhas amarelas... Traíçoeira, A passarada, aos poucos, vai fugindo...	Eis que chega o infortúnio... Vão caindo As folhas amarelas... Traíçoeira, A passarada, aos poucos, vai fugindo...
E quando um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugiu-lhe o derradeiro passarinho...	E quando um dia, o vento, em desalinho, Levou consigo a folha derradeira, Fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Hiperedição do livro *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.1.2 As ferramentas e os programas utilizados na hiperedição de *Canções de meu caminho*

O uso de recursos eletrônicos na edição de textos tem possibilitado explorar as camadas editoriais possíveis sobre um mesmo texto. Programas e ferramentas digitais dão uma maior visibilidade aos aspectos da materialidade genética e social dos textos. Esse relacionamento frutífero entre a Crítica Textual e a Informática tem renovado a práxis filológica, trazendo à tona novos modelos de hiperedições em um espaço dialógico e multimodal. Entre as diversas ferramentas disponíveis para a hiperedição de *Canções de meu caminho* optou-se por utilizar o WordPress.org (sistema livre e aberto de gestão de conteúdo para internet, baseado em PHP com banco de dados MySQL, executado em um servidor interpretador), devido à sua flexibilidade, facilidade de uso e personalização.

O WordPress.org é uma plataforma de código aberto que permite a criação de sites, blogs e outros tipos de conteúdo digital. Ele oferece diversas funcionalidades, como a criação de páginas e posts, a integração com redes sociais, a organização de conteúdo em categorias e tags, entre outros recursos. Nesse sentido, essa plataforma tornou-se uma alternativa viável

para a produção da hipertextualidade dos poemas. Além das ferramentas oferecidas pela plataforma, utilizei também os recursos listados a seguir:

- 1- *Hostinger Business* (provedor que oferece planos de hospedagem de sites.) Escolhido pela potência e recursos, segurança, hospedagem *WordPress* gerenciada etc.;
- 2- O *Elementor Pro* (construtor de páginas para *WordPress* que é usado na forma de um plugin, permite que você crie páginas complexas no *WordPress* sem codificação, graças ao uso de modelos de página prontos ou do zero, para adicionar arrastando e soltando em seu conteúdo). Esse é um recurso pago anualmente, há uma versão gratuita, porém com recursos limitados;
- 3- *Microthemer* (editor de CSS leve e poderoso, para personalizar a aparência de qualquer tema ou conteúdo de plugins do *WordPress*);
- 4- *Master Addons* (oferece variedades de widgets e extensões para *Elementor*. Possui gama de recursos avançados, como conteúdo dinâmico, efeito flutuante, condições de exibição e vários outros elementos para auxiliar na criação de sites.);
- 5- *Canva Pro* (plataforma paga de design gráfico que permite aos usuários criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais.) Este também é um recurso pago, mediante plano de assinatura. Seus recursos foram mais empregados no processo de elaboração e adequação dos materiais que iriam compor o site. A partir dessa ferramenta foi construída a logomarca, a paleta de cores e a imagem do cabeçalho do site;
- 6- *I love img* (aplicativo utilizado na criação de marcas d'água personalizadas e em lote). Utilizei nos fac-símiles disponibilizados no site;
- 7- *Google Drive* (banco de dados que possibilita armazenar arquivos com segurança, abri-los ou editá-los em qualquer dispositivo. Os arquivos criados com o Google apps são abertos no navegador ou no app para dispositivos móveis. Foi utilizado com uma conta específica para armazenar as todas as imagens, fac-símiles e transcrições que estão integradas na edição. Os arquivos estão integrados à plataforma *Wordpress* através de um caminho criado para conexão com o drive. Essa integração de bancos de dados com sistemas de armazenamento em nuvem, contribui para que site mais se torne mais leve, e consequentemente rode de modo mais rápido. As imagens foram arquivadas em JPG, devido a facilidade de leitura desse formato pelos diferentes sistemas operacionais e também pela sua compatibilidade com a linguagem da Web;
- 8- *Wordfence* (plugin destinado a proprietários de sites *WordPress*, pois ela bloqueia ataques e utiliza ferramentas necessárias para manter o site seguro);

- 9- *LiteSpeed Cache* (o plugin inclui ferramentas de otimização e desempenho para conteúdos dinâmicos em sites *WordPress*, como imagens e páginas *web*).
- 10- *Visual Studio Code* (para a transcrição dos textos com marcação em linguagem HTML, como mencionado, foi utilizado o editor, pois ele fornece destaque de sintaxe avançado para HTML o que facilita a identificação dos elementos, atributos e valores. Além disso, o recurso *IntelliSense* sugere automaticamente *tags*, atributos e valores conforme o texto é digitado, acelerando o processo de confirmação. Ademais, o editor possui recursos de auto formatação que ajudam a manter seu código HTML limpo e legível).
- 11- *Contact Form 7* (plugin de gerenciamento de formulários de contato, além de permitir a personalização dos formulários e do conteúdo de e-mails, de modo flexível e uso de markup simples. O formulário suporta envio por tecnologia Ajax, CAPTCHA, filtragem de spam via Akismet etc.);
- 12- *Flamingo* (plugin de armazenamento de mensagens para o *Contact Form 7*).
- 13- *WP Content Copy Protection & No Right Click* (plugin que protege o conteúdo das postagens de ser copiado por qualquer usuário do site. O plugin mantém as postagens protegidas por múltiplas técnicas (JavaScript + CSS)).

A elaboração da Hiperedição do livro *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta contou com recursos e ferramentas tecnológicas que garantem a independência de sistemas operacionais. Foi pensado e configurado de modo responsivo que é aquele que consegue se adaptar às dimensões de qualquer dispositivo, móvel ou não, sem prejudicar a usabilidade e experiência do usuário. Dessa forma, disposição dos elementos e o conteúdo se adaptam de acordo com o tamanho da tela do usuário. Sobre os navegadores: Google Chrome, Mozilla Firefox, Microsoft Edger e Firefox apresentaram bons resultados e a hiperedição teve um desempenho satisfatório.

4.2 O WEBSITE: AS CANÇÕES DE EULÁLIO MOTTA

A hiperedição do livro *Canções de meu caminho* é uma página *Web*, disponibilizada na Internet através do domínio: cancoesdemeucaminho.com.br. A identidade visual do website foi projetada e construída a partir das características do *corpus*. Buscou-se esboçar um design dinâmico a fim de explorar possibilidades de apresentação dos poemas a partir das

potencialidades que o meio digital oferece. A paleta de cores utilizada no website, por exemplo, foi originada a partir da primeira edição de *Canções de meu caminho*.

Quadro 14 - Paleta de cores do website *As Canções de Eulálio Motta*.

CORES GLOBAIS	IMAGEM INSPIRAÇÃO	CORES PERSONALIZADAS
#EEBF9B 		#D5967517 
#B5947A 		#75421047 
#913F33 		#980404 
		#650505 

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A construção da logomarca foi inspirada nas notas musicais que compõem a capa da segunda edição de *Canções de meu caminho*. O encadeamento das notas musicais foi duplicado para gerar um efeito de movimento.

Figura 28 - Exemplo do processo de composição da Logomarca.



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

As fontes e tamanhos utilizados seguiram o mesmo padrão para todas as páginas. Para a construção do menu optou-se pela fonte *Roboto*, tamanho 25 px., peso 400. Variando apenas os tamanhos e pesos para títulos, subtítulos e nomes dos botões.

Na página inicial, constam os seguintes elementos:

- I. Logo com o nome do site, recuada à margem esquerda superior, que se repete em todas as páginas do site;
- II. Menu, localizado na parte superior, entre o centro e a margem direita;
- III. Barra de pesquisa, localizada no canto superior à margem direita para facilitar a busca de poemas.
- IV. Texto de apresentação sobre o projeto de edição de *Canções de meu caminho*;
- V. Carrossel dinâmico de excertos de poemas que compõem a obra *Canções de meu caminho*;
- VI. Botão de atalho para acesso à edição;
- VII. Informações de autoria, *copyright* e cláusula reserva;
- VIII. Brasões dos vínculos institucionais.

Figura 29 - Design da página inicial da hipertexto de *Canções de meu caminho*.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Abaixo do cabeçalho, consta um breve texto introdutório que contextualiza a pesquisa e faz uma apresentação prévia da edição, trazendo informação sobre as características do *corpus*, vínculo institucional e objetivo da edição. Junto ao texto, integra-se o botão de atalho que permite acesso direto à página da edição.

A seguir, na parte inferior da página constam as informações sobre os créditos do trabalho acadêmico e a cláusula reserva sobre a autorização da utilização dos documentos do acervo. Seguindo o modelo das edições digitais publicadas via Web, elaborou-se o seguinte texto que indica os créditos do trabalho acadêmico que o site *cancoesdemeucaminho.com.br* representa. A saber: Copyright © 2024 Taylane Vieira dos Santos, todos os direitos reservados. O conteúdo desse website está protegido pela lei dos direitos autorais. A utilização dos recursos e materiais da plataforma *As Canções de Eulálio Motta*, bem como dos materiais impressos e digitais, é permitida apenas em contextos educacionais e mediante a devida referência bibliográfica. Não é permitida a reprodução ou republicação de nenhum dos documentos em qualquer meio fora dos parâmetros aqui estabelecidos. A permissão para utilização dos documentos (iconográficos, filmográficos, impressos e manuscritos) foi concedida pelos proprietários dos originais para esta publicação apenas. Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, intitulada *Hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta*, inserida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), desenvolvida pela pesquisadora Taylane Vieira dos Santos, sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros.

No que tange a garantia da utilização dos documentos do acervo para a edição de *Canções de meu caminho*, todo o trâmite de passagem de guarda do acervo de Eulálio Motta para a pesquisa coordenada por Patrício Barreiros, é assegurado por meio da documentação judicial, devidamente registrada em cartório, que autoriza a utilização dos documentos do acervo de Eulálio Motta para o desenvolvimento da pesquisa científica. Mesmo assim, consta no site uma cláusula de reserva indicando o vínculo da pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e explicitando que se trata de uma pesquisa sem fins lucrativos, como pode se verificar no texto da cláusula reserva inserido no site: “Esta plataforma foi desenvolvida por Taylane Vieira dos Santos como parte integrante do projeto de doutorado, intitulado *Hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Trata-se de uma publicação com propósitos estritamente acadêmicos e sem fins lucrativos. Em atendimento às exigências da Lei 9.611/98 e do parágrafo 4º do Artigo 184 do Código Penal, o responsável por este projeto coloca-se à disposição, através do e-mail:

edicaocmc3@gmail.com, para atender qualquer dúvida referente à eventual violação de direitos autorais, comprometendo-se desde já, a retirar do projeto qualquer documento que fira direta ou indiretamente os direitos de qualquer pessoa.”.

4.2.1 Barra de menus

A barra de menus é composta de cinco menus (Sobre; O escritor; A obra; A edição; Contato) todos com a mesma estrutura básica, contendo informações que contextualizam a pesquisa, abordam o perfil do poeta, contribuem para o entendimento do processo de gênese dos textos editados e apresentam documentos que mantêm relação com os textos editados.

4.2.1.1 Menu: Sobre

A página *Sobre* visa apresentar informações acerca da pesquisa e trabalhos que já foram desenvolvidos a partir do acervo de Eulálio Motta. É composta pelos seguintes pontos: Pesquisa – contextualiza o usuário acerca das pesquisas que já foram feitas relacionadas ao *corpus* em análise e a pesquisa atual; Projeto – fala sobre a vinculação da pesquisa com o Projeto do NeiHD, com o Projeto *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e com o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana; a seguir, a página apresenta os critérios, os recursos utilizados para a elaboração da hipertexto, os contribuintes para a realização da pesquisa e por fim há uma aba com os links das hipertextos que foram feitas com base no acervo de Eulálio Motta, algumas delas já concluídas, outras em andamento. Ainda nessa página, o usuário tem acesso à dissertação e à tese da referente pesquisa.

Figura 30 - Menu: Sobre.



Início | **Sobre** | **O Escritor** | **A Obra** | **A Edição** | **Contato**

Pesquisa

O estudo e edição da obra *Canções de meu caminho* do escritor Eulálio de Miranda Motta teve início na Graduação com o projeto de *Iniciação Científica Edição da obras inéditas de Eulálio Motta*, em 2013. Como atividade de pesquisa, foi executado o plano de trabalho *Edição semidiplomática do caderno Canções de meu caminho 3ª edição*, que resultou na descrição e edição semidiplomática do referido *corpus*. Em 2017, foi realizada uma edição crítica das três edições de CMC, resultando na defesa da dissertação intitulada *Edição do livro Canções de meu caminho 3ª edição de Eulálio Motta*. O projeto de Hiperedição de *Canções de meu caminho* de Eulálio Motta teve início em 2020, cujo objetivo é apresentar a Hiperedição de todos os poemas que compõem a obra CMC, preservada em seu acervo literário.

 Acesse a dissertação |  Acesse a tese

Projeto

A pesquisa está vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS); ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS) e ao Projeto de pesquisa Edição das obras inéditas de Eulálio Motta (CONSEPE/UEFS, Resolução N° 128/2008 e N° 070/2016).

Crítérios

Para a realização das transcrições toma-se por base os critérios estabelecidos por Barreiros (2013; 2015; 2018).

Recursos tecnológicos

As ferramentas e programas utilizados para a edição do projeto *Canções de meu caminho* foram: *WordPress.org* e *Elementor Pro* para a construção do site; *Visual Studio Code* para a transcrição das edições com marcações em linguagem HTML.

Contribuintes

O projeto de Hiperedição de *Canções de meu caminho* faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL/UEFS, com o apoio da bolsa de pesquisa fornecido pela Fapesb.

Essa edição é fruto das pesquisas desenvolvidas no *Projeto de Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* e está atrelada a uma rede de parceria com os demais pesquisadores da equipe.

Outras hiperedições relacionadas ao acervo de Eulálio Motta

O Pasquineiro da roça	Bahia humorística	O Trovador	Flores e espinhos	Por uma Ação católica
Projeto desenvolvido por Patrício Barreiros como resultado da tese de doutorado "O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta" pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA em 2013.				

► Copyright © 2023

► Cláusula reserva






Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, *Hiperedição do livro Canções de meu caminho* de Eulálio Motta, desenvolvida por Taylane Vieira dos Santos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2023.

Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/index.php/sobre/>

4.2.1.2 Menu: O Escritor

A página tem como objetivo apresentar de forma sucinta algumas informações acerca da produção literária de Eulálio de Miranda Motta, as fases poéticas vivenciadas pelo poeta e os estilos que adotou durante o período de produção dos poemas. Essas informações estão acompanhadas de algumas fotos do próprio escritor que representam as diferentes fases vividas pelo poeta.

Figura 31 - Menu: O Escritor.

As Canções de Eulálio Motta
Hiperedição do livro "Canções de meu caminho" 3ª edição

[Início](#) | [Sobre](#) | [O Escritor](#) | [A Obra](#) | [A Edição](#) | [Contato](#)

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) dedicou mais de sessenta anos à escrita. Mostrou-se um poeta versátil e multifacetado, narrou suas angústias, desilusões, posicionou-se criticamente frente aos problemas sociais de Mundo Novo, através de seus registros. Foi farmacêutico, jornalista, político, cronista, poeta, cordelista e um grande amante da fotografia. Grande parte de sua obra encontra-se preservada em seu acervo. O escritor publicou três livros de poesias: *Ilusões que passaram...* em 1931, *Alma enferma* em 1933 e *Canções de meu caminho* em duas edições, a primeira em 1948 e a segunda, em 1983.

Eulálio Motta é considerado um escritor de múltiplas faces, mas ao longo de sua fase produtiva como escritor, adotou estilos que se destacam. Na sua primeira fase de produção poética, 1927 e 1929, dedicou-se com bastante afinco à escrita de sonetos. Durante essa fase, passou a ter contato com diversos escritores que influenciaram e fomentaram a sua carreira de escritor.

A partir de 1933, após concluir o curso de Farmácia em Salvador, Eulálio Motta decidiu voltar para a Fazenda Morro Alto e passou a se dedicar com mais intensidade à literatura e ao jornalismo. Nessa ocasião, o poeta incorporou elementos do modernismo em seus textos literários. A descrição e contemplação da natureza cederam lugar para a poesia integrada à vida social, ao cotidiano das pessoas, que reflete a memória e a cultura da comunidade de Mundo Novo. Os versos livres e as trovas ganharam mais espaço em suas produções, trazendo à tona a valorização do vocabulário regional. A produção literária guardou a ligação do escritor com a sua terra natal.

◀ ▶

◻ ◻ ◻

► Copyright © 2023

► Cláusula reserva

Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, *Hiperedição do livro Canções de meu caminho* de Eulálio Motta, desenvolvida por [Taylane Vieira dos Santos](#) no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2023.

Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/index.php/o-escriptor/>

4.2.1.3 Menu: A Obra

A página visa apresentar de forma sucinta as três edições de *Canções de meu caminho*. Ao lado de cada texto de apresentação da edição consta um *flip book* ampliável, animado e interativo com os fac-símiles iniciais de cada edição. Dentre os fac-símiles apresentados, destaca-se o índice de cada edição, cujo intuito foi mostrar para o usuário a maneira como o autor organizou cada edição e quais foram os poemas escolhidos para serem inseridos em cada uma delas.

Figura 32 - Menu: A Obra.

The screenshot shows the 'A Obra' menu page of the website 'As Canções de Eulálio Motta'. The page features a header with the site's logo and navigation links: Início, Sobre, O Escritor, A Obra, A Edição, and Contato. The main title 'Canções de meu caminho' is prominently displayed. Below the title, there is a detailed introduction of the work, stating it is composed of three editions, two published and one unpublished project. The text describes the author's creative process and the historical context of the work. The page is divided into three sections, each featuring a book cover image and a corresponding text block. The first section shows the first edition, a book of verses published in 1948. The second section shows the second edition, a book of poems published in 1983. The third section shows the third edition, a book of poems published in 1986. Each section includes a brief description of the edition's content and its significance. The page also includes a footer with copyright information and logos of the organizing institutions: ne!HD, PPGEL, and fapesb.

As Canções de Eulálio Motta
Hiperedição do livro "Canções de meu caminho" 3ª edição

Início | Sobre | O Escritor | **A Obra** | A Edição | Contato

Canções de meu caminho

Canções de meu caminho é uma obra composta por três edições, duas publicadas e um projeto de livro inédito esboçado em um caderno. As três edições reúnem aspectos fundamentais para compreendermos a produção criativa do escritor, seu labor escriturário, sua versatilidade estilística e apresentam uma multiplicidade de fios interconectados com outros documentos do acervo.

A produção dessa obra insere-se na segunda fase de Eulálio Motta. Período em que o autor não escrevia mais sonetos; seu foco estava direcionado para a produção de versos livres, quadras e cordéis. No entanto, para compor o projeto de livro supracitado, o autor recuperou alguns sonetos e poemas escritos na década de 1920, acrescentou novos poemas e quadras; após 20 anos, adotou uma temática de caráter autobiográfico ao versar a desilusão, a perda da mulher amada, a nostalgia, sob um intenso lirismo intimista.

A primeira edição de *Canções de meu caminho* é um livro de versos, composto por 42 poemas e editado pela tipografia do jornal *O Serrinhense*. Eulálio Motta escreveu essa obra especialmente para os "pidões", como ele próprio diz no prefácio: "[...] Muitas pessoas me têm pedido cópias, ora de uma, ora de outra produção que por acaso viram ou ouviram de algum amigo. Fazendo este caderno, meu intuito foi este: — satisfazer aos pidões" (MOTTA, 1948). Esses "pidões" fazem alusão ao público leitor de Eulálio Motta. Afirmação essa que atesta para a relação significativa que o escritor mantinha com os seus leitores.

A segunda edição revista não consta impressa a data de publicação, mas de acordo com a anotação na própria obra e segundo Barreiros (2012), supõe-se que tenha sido em 1983. O livro foi dedicado à memória de Braulio Alves Filho (Braulito), visto por Eulálio Motta como "o mais dedicado amigo de sua poesia". A segunda edição é composta por 52 poemas e possui o índice dividido por capítulos. O primeiro capítulo recebe o título *ELA*, que também é título de um conjunto de trovas composto pelo escritor, o segundo capítulo: *ELAS*, o terceiro capítulo: *Outras poesias* e o quarto capítulo: *LUZES DO CREPÚSCULO*. Esse último também é título de um projeto de livro inédito assim como a terceira edição de *Canções de meu caminho*, e encontra-se preservado em um caderno que segue a estrutura de livro. *Luzes do Crepúsculo* reúne poesias escritas entre os anos de 1956 e 1968 e diversos poemas em comum com a obra *Canções de meu caminho*. A segunda edição de *Canções de meu caminho* esgotou-se em menos de 90 dias.

Ao esgotar a segunda edição, o escritor sinalizou para a publicação da terceira edição, retificada e ampliada. Em 4 de agosto de 1986, Eulálio Motta começou a passar a limpo a terceira edição. Essa edição de é um projeto de livro de poemas que dá continuidade às edições anteriores. O caderno segue a estrutura de livro, composto por capa, folha de rosto, índice e diversos textos passados a limpo. Apresenta 37 poemas, 61 folhas, alguns textos com emendas e rasuras, 7 poemas foram reescritos no próprio caderno e sinalizados pelo escritor, revelando seu processo criativo.

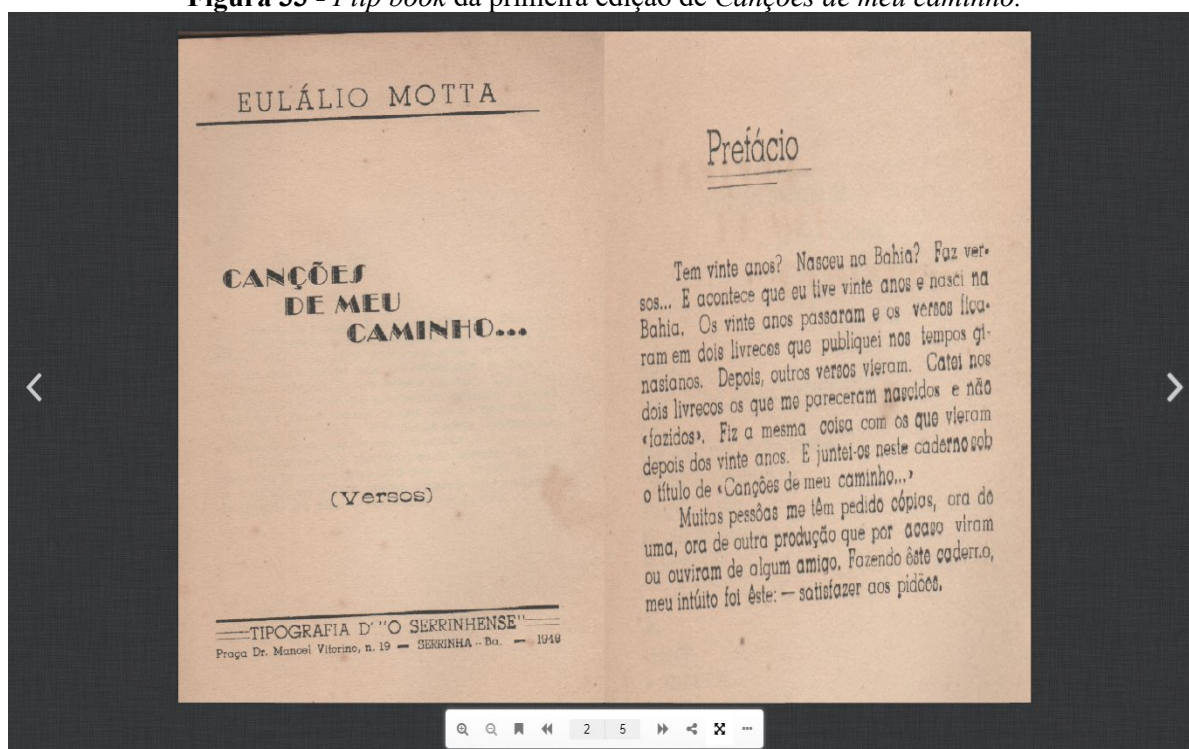
Copyright © 2024

Cláusula reserva

Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, *Hiperedição do livro Canções de meu caminho* de Eulálio Motta, desenvolvida por *Taylane Vieira dos Santos* no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.

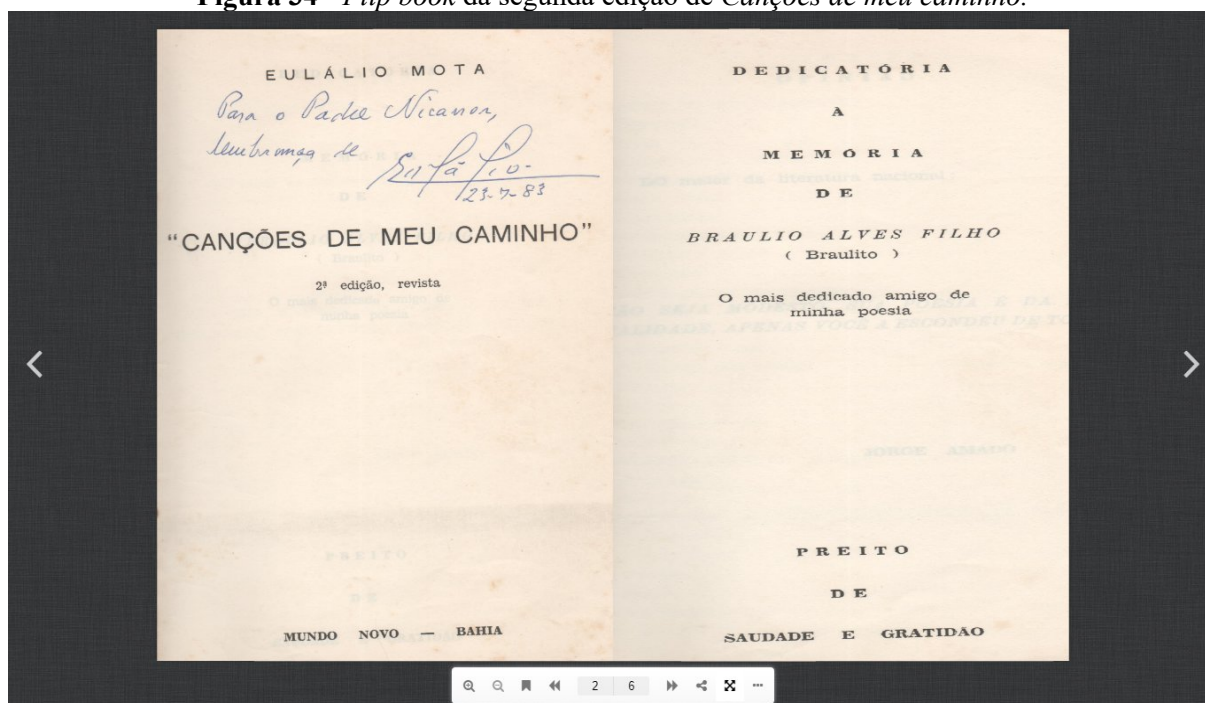
Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/index.php/a-obra/>

Figura 33 - Flip book da primeira edição de *Canções de meu caminho*.



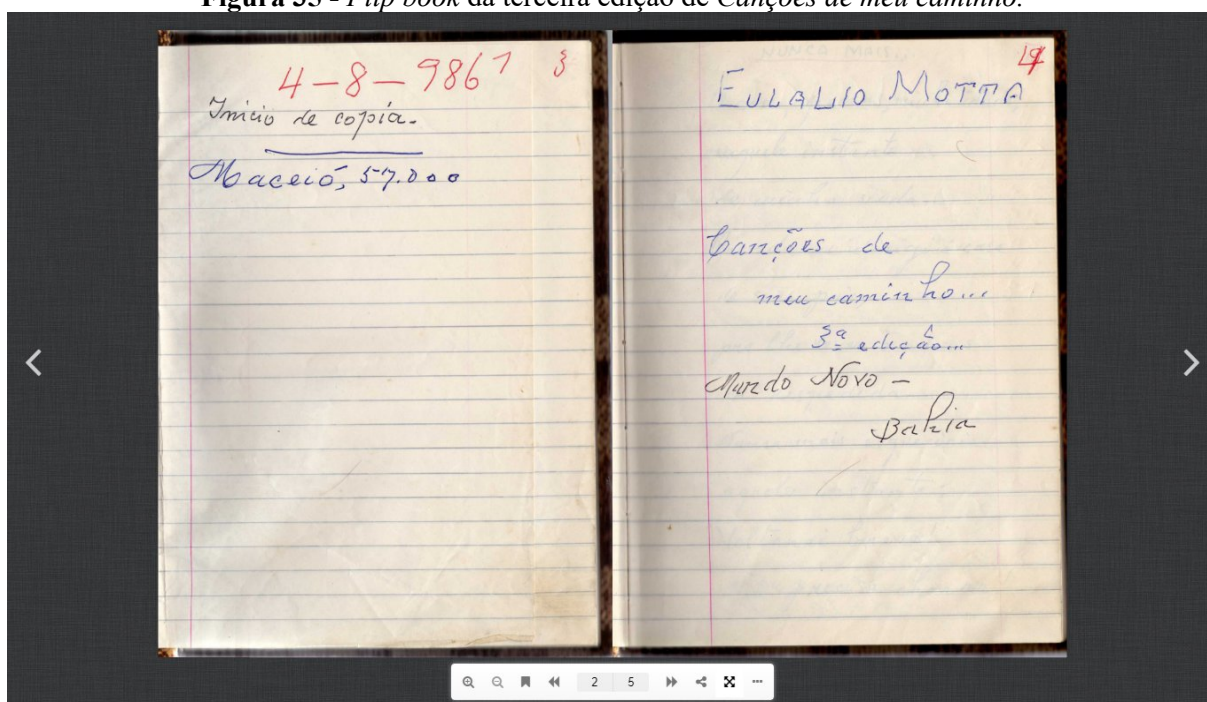
Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Figura 34 - Flip book da segunda edição de *Canções de meu caminho*.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Figura 35 - Flip book da terceira edição de *Canções de meu caminho*.

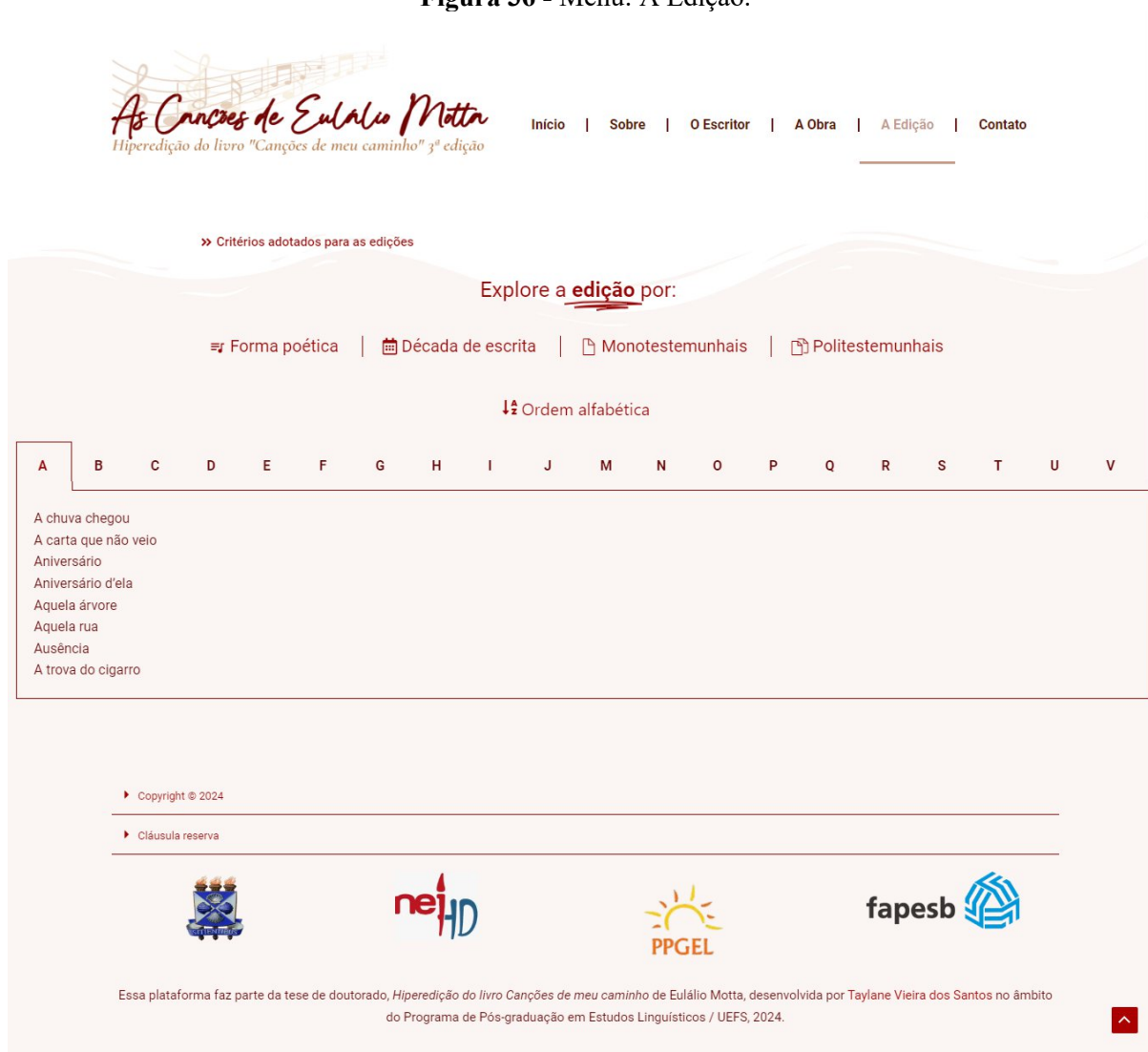


Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

4.2.1.4 Menu: A Edição

O objetivo dessa página é permitir que o usuário possa explorar as diferentes camadas editoriais a partir de diferentes formas de acesso. Essas possibilidades de acesso exploram a autonomia do usuário e potencializam a liberdade de escolha de traçar determinado percurso. Localizado no ângulo superior esquerdo consta um botão que dá acesso aos critérios adotados para a realização das edições.

Figura 36 - Menu: A Edição.



Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/index.php/a-edicao/>

A página apresenta quatro possibilidades de acesso às edições:

I) em ordem alfabética:

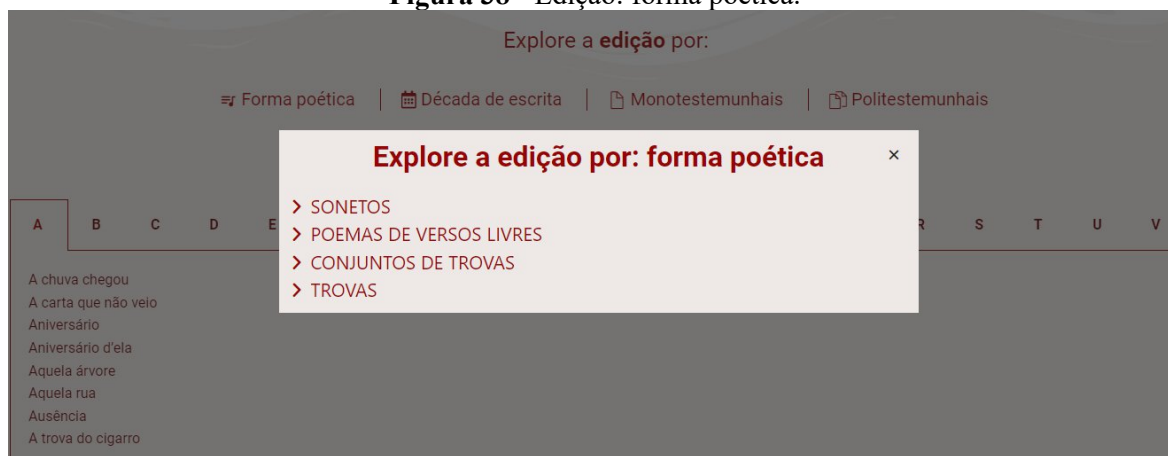
Figura 37 - Edição: ordem alfabética.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

II) pela forma poética:

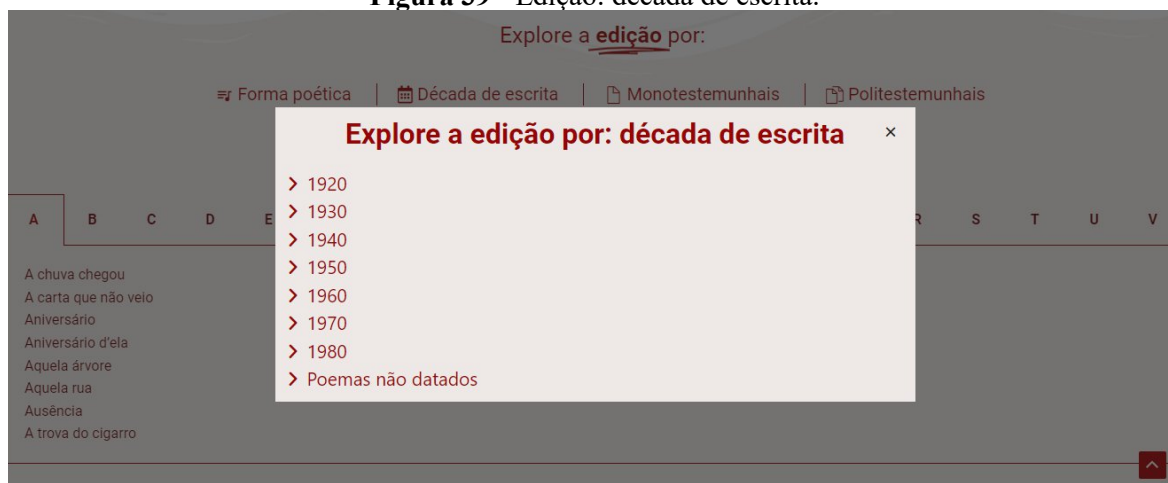
Figura 38 - Edição: forma poética.



Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

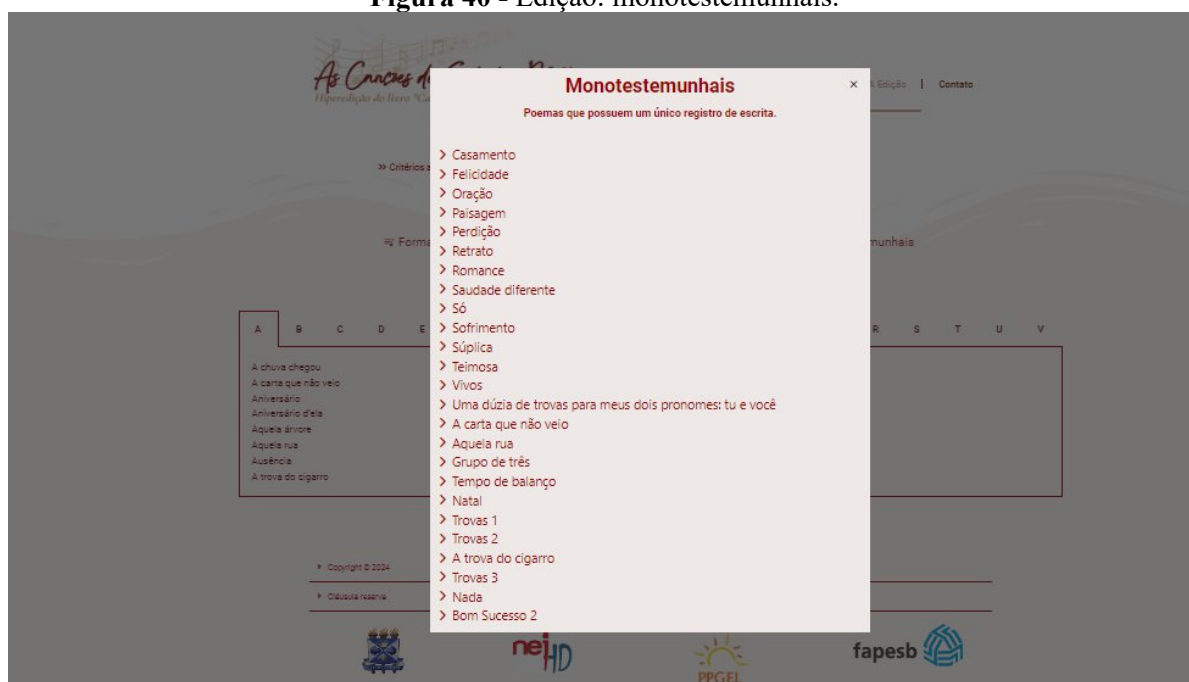
III) por década de escrita:

Figura 39 - Edição: década de escrita.

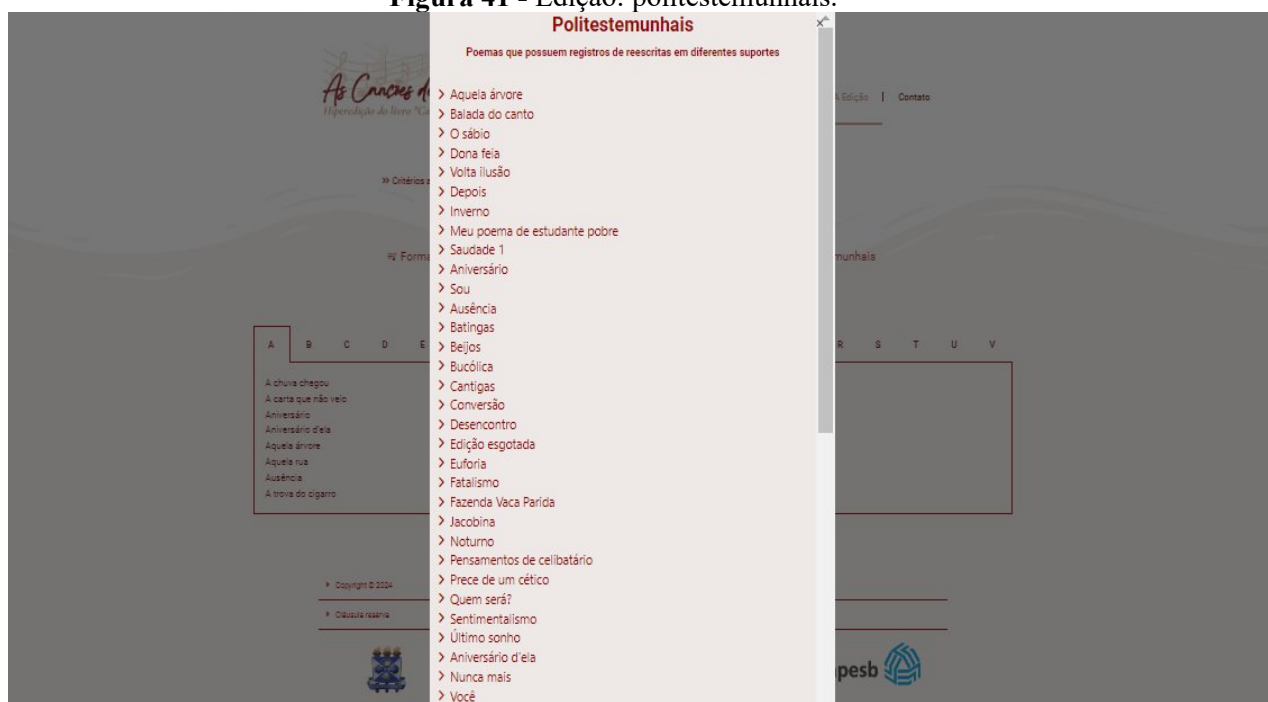


Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

IV) pela tradição testemunhal (monotestemunhal / politestemunhal):

Figura 40 - Edição: monotestemunhais.

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

Figura 41 - Edição: politestemunhais.

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

A partir dessas diferentes vias de acesso, chega-se à página de apresentação do poema selecionado:

Figura 42 - Edição: Aquela árvore.

The screenshot shows the website 'As Canções de Eulálio Motta'. The header includes a logo with musical notes and the text 'Hiperedição do livro "Canções de meu caminho" 3ª edição'. A navigation menu contains links: 'Início', 'Sobre', 'O Escritor', 'A Obra', 'A Edição', and 'Contato'. The main section is titled 'AQUELA ÁRVORE' in red. Below the title, a text box states: 'O soneto possui seis registros de escrita e reescrita preservados no acervo em diferentes suportes materiais.' A large image of a manuscript page is displayed, with the poem text: 'Aqueella arvore secca, desditosa, / Que da estrada contemplo quando passo, / Outr'ora balouçava, magestosa, / Esmeraldina fronde pelo espaço... / A passarada, achando-a tão pomposa, / Vivia de cantar em seu regaço... / Eis que lhe chega um dia, pesarosa, / A passarada suprema, como pomposa, / ...'. A red box highlights the word 'regaco' with the text 'Clique aqui...'. A red overlay text reads 'Impresso do livro Ilusões que passaram p. 35'. At the bottom, there is a copyright notice 'Copyright © 2024', a 'Cláusula reserva' link, and a disclaimer: 'Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, Hiperedição do livro Canções de meu caminho de Eulálio Motta, desenvolvida por Taylane Vieira dos Santos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.' Logos for 'nej HD', 'PPGEL', and 'fapesb' are visible at the bottom.

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br

Essa página é destinada à apresentação de poema, caso o poema selecionado seja de tradição politemunhal, apresentam-se todos os registros de escrita e reescrita do texto. Em formato de slides, todos os testemunhos são apresentados aos usuários, e estão acompanhados do botão “clique aqui”, que dá acesso à página da edição.

A partir das diversas possibilidades de itinerário, chega-se às páginas específicas das edições. Esse percurso é flexível, podendo ser modificado a partir das intenções do usuário. Ainda nas páginas específicas de edição do *corpus* constam os seguintes elementos:

- I) Link de acesso aos testemunhos, no caso dos textos politemunhais;

Figura 43 - Sanfona: Testemunhos.

AQUELA ÁRVORE ...

Aquela árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoieira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Hiperedição do livro Canções de meu caminho de
Eulálio Motta

AQUELA ÁRVORE...

Aquela árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoieira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Edição fac-similar

Transcrição com links

Confronto sinóptico

Edição em PDF

— Testemunhos

- AAM
- AAL1
- AAL2
- AAD1
- AAD2
- AAL3

+ Descrição

+ Nota do editor

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

II) Descrição dos testemunhos;

Figura 44 - Sanfona: Descrição.

AQUELA ÁRVORE ...

Aquela árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoieira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Hiperedição do livro Canções de meu caminho de
Eulálio Motta

AQUELA ÁRVORE...

Aquela árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoieira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Edição fac-similar

Transcrição com links

Confronto sinóptico

Edição em PDF

— Descrição

AAL2 – Aquela árvore

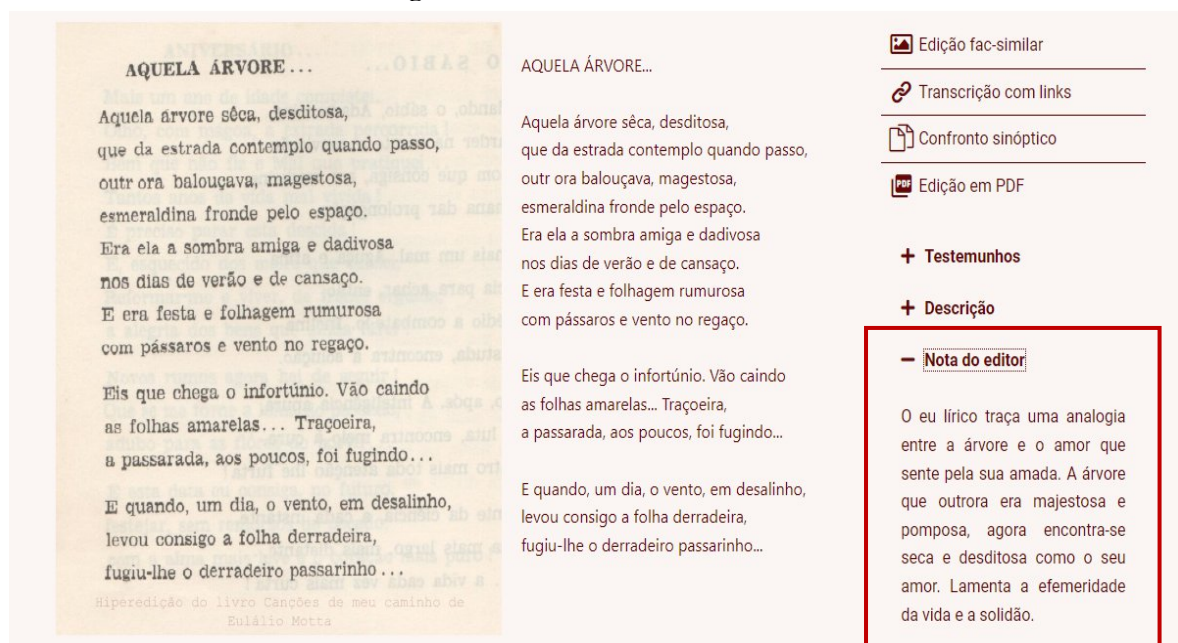
O título encontra-se em caixa alta e centralizado na parte superior da página. Não há um espaçamento para separar as duas primeiras estrofes.

+ Nota do editor

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

III) Nota do editor

Figura 45 - Sanfona: Nota do editor.



AQUELA ÁRVORE...

Aquele árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Hiperedição do livro Canções de meu caminho de
Eulálio Motta

AQUELA ÁRVORE...

Aquele árvore seca, desditosa,
que da estrada contemplo quando passo,
outr ora balouçava, magestosa,
esmeraldina fronde pelo espaço.
Era ela a sombra amiga e dadivosa
nos dias de verão e de cansaço.
E era festa e folhagem rumurosa
com pássaros e vento no regaço.

Eis que chega o infortúnio. Vão caindo
as folhas amarelas... Traçoira,
a passarada, aos poucos, foi fugindo...

E quando, um dia, o vento, em desalinho,
levou consigo a folha derradeira,
fugiu-lhe o derradeiro passarinho...

Edição fac-similar
Transcrição com links
Confronto sinóptico
Edição em PDF

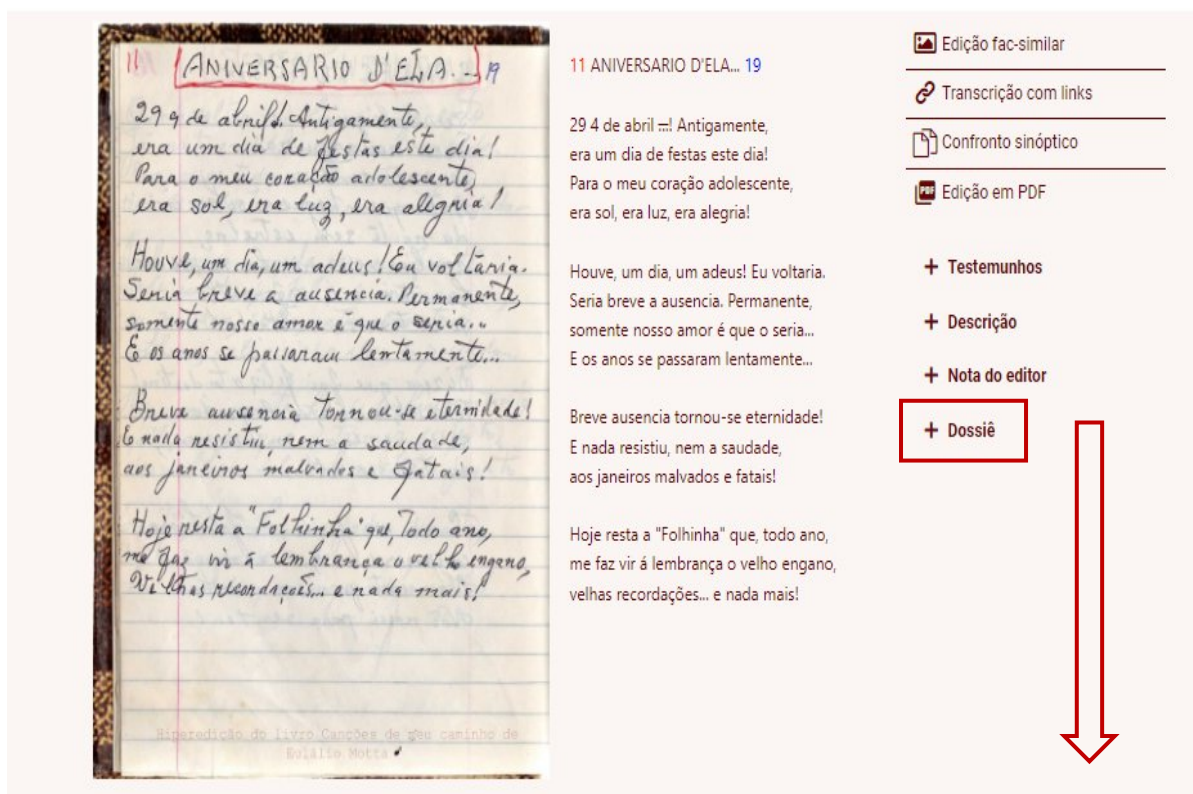
+ Testemunhos
+ Descrição
- Nota do editor

O eu lírico traça uma analogia entre a árvore e o amor que sente pela sua amada. A árvore que outrora era majestosa e pomposa, agora encontra-se seca e desditosa como o seu amor. Lamenta a efemeridade da vida e a solidão.

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

IV) Dossiê.

Figura 46 - Sanfona: Dossiê.



11 ANIVERSARIO D'ELA... 19

29 de abril. Antigamente,
era um dia de festas este dia!
Para o meu coração adolescente,
era sol, era luz, era alegria!

Houve, um dia, um adeus! Eu voltaria.
Seria breve a ausencia. Permanente,
somente nosso amor é que o seria...
E os anos se passaram lentamente...

Breve ausencia tornou-se eternidade!
E nada resistiu, nem a saudade,
aos janeiros malvados e fatais!

Hoje resta a "Folhinha" que, todo ano,
me faz vir à lembrança o velho engano,
velhas recordações... e nada mais!

Hiperedição do livro Canções de meu caminho de
Eulálio Motta

11 ANIVERSARIO D'ELA... 19

29 de abril !!! Antigamente,
era um dia de festas este dia!
Para o meu coração adolescente,
era sol, era luz, era alegria!

Houve, um dia, um adeus! Eu voltaria.
Seria breve a ausencia. Permanente,
somente nosso amor é que o seria...
E os anos se passaram lentamente...

Breve ausencia tornou-se eternidade!
E nada resistiu, nem a saudade,
aos janeiros malvados e fatais!

Hoje resta a "Folhinha" que, todo ano,
me faz vir à lembrança o velho engano,
velhas recordações... e nada mais!

Edição fac-similar
Transcrição com links
Confronto sinóptico
Edição em PDF

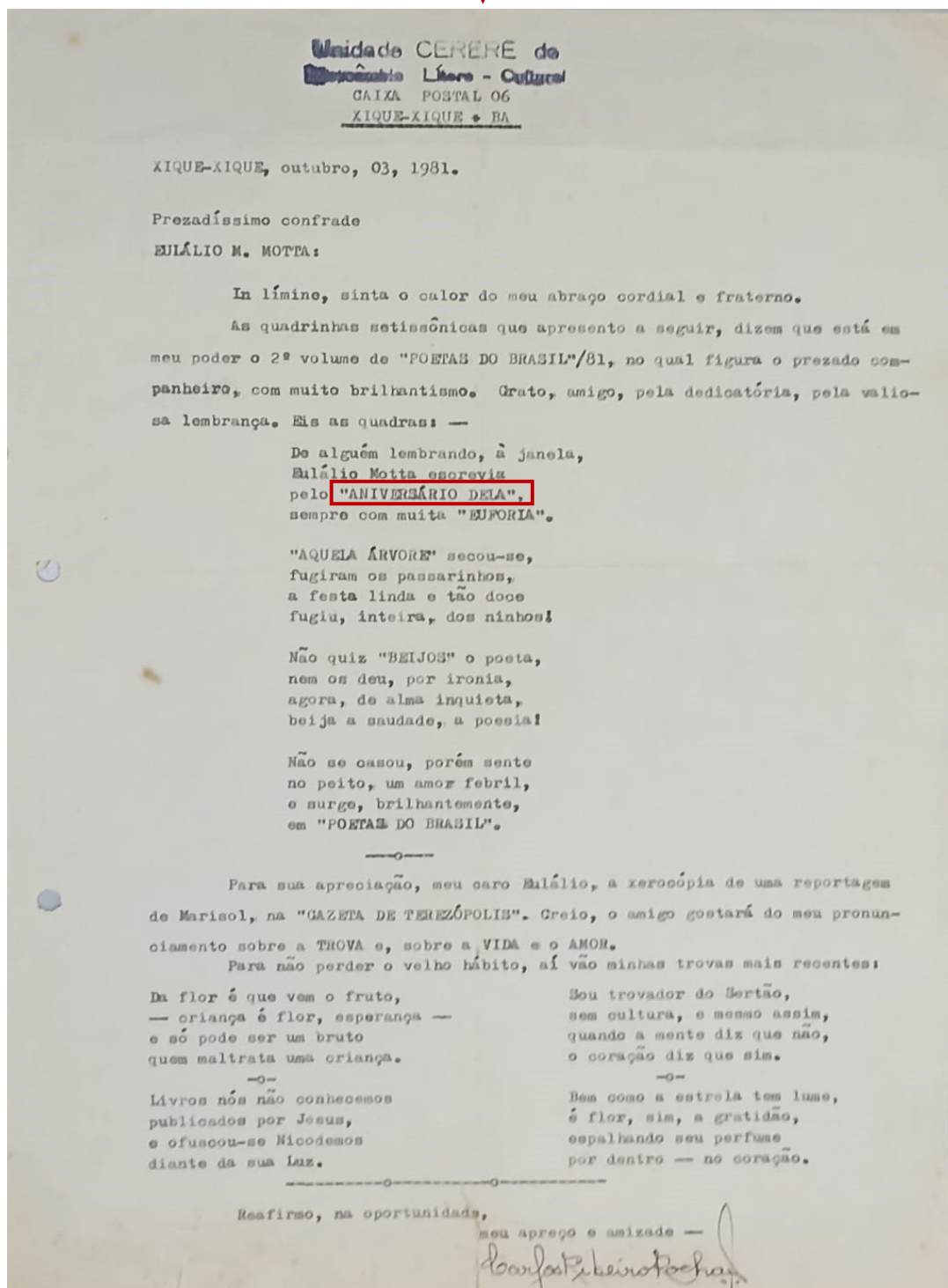
+ Testemunhos
+ Descrição
+ Nota do editor
+ Dossiê

Fonte: cancoesdemeucaminho.com.br (adaptado)

Figura 47 - Exemplo 1 de dossiê: *Aniversário D'ela*

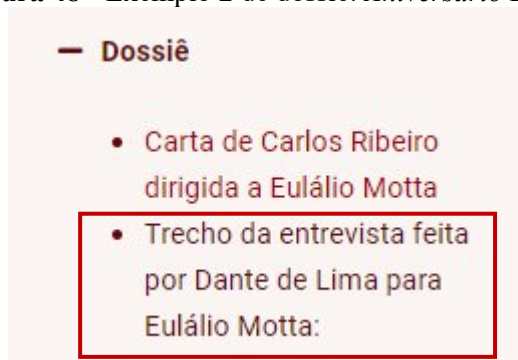
— Dossiê

- Carta de Carlos Ribeiro dirigida a Eulálio Motta



Fonte: Acervo de Eulálio Motta.

Figura 48 - Exemplo 2 de dossiê: *Aniversário D'ela*



- O senhor escreveu alguma poesia para ela?

- Escrevi muitas. Quase todas. Um dia eu estava com meses que não escrevia nada. Na roça, sem contato com Edy, nem notícias dela. Sem ela ter notícias minhas. Quando foi um dia pela manhã, eu fui tirar a folhinha. Quando a tirei, embaixo estava a data do aniversário dela. Eu tomei um choque: 29 de abril. Daí eu voltei, segurei na pena e saí de um jato. Saiu de improviso:

Ela faz anos hoje. Antigamente,
Era dia de festas este dia.
Para o meu coração adolescente
Era sol, era luz, era alegria!

Houve, um dia, um adeus. Eu voltaria,
Seria breve a ausência. Permanente,
Somente nosso amor é que o seria!...
E os anos se passaram... lentamente...
Breve ausência tornou-se eternidade!
E nada resistiu – nem a saudade!
Aos janeiros malvados e fatais!

Hoje resta a “FOLHINHA” que, todo ano,
Me faz vir à lembrança o ledão engano...
Velhas recordações... e nada mais!
(Lima, 2007, p. 228-229) (Grifo nosso).

Abaixo do trecho da entrevista consta o link <https://dantedelima-mundonovense.blogspot.com/2009/10/mundo-novo-nossa-terra-nossa-gente.html> que permite o usuário a ter acesso ao livro e baixá-lo.

V) Botões de acesso aos níveis de transcrição e edição.

4.2.1.5 Menu: Contato

A página *Contato* possibilita que os usuários tenham comentários, tirem dúvidas acerca da edição, solicitem algum documento para pesquisas, etc. É um espaço de colaboração e de atualização acerca das mudanças e alterações realizadas no site e nas edições.

O formulário permite que o leitor interaja diretamente com o editor. Neste caso, optou-se por disponibilizar um formulário de contato diretamente integrado ao endereço eletrônico do editor.

O formulário de contato, conta com cinco possíveis temas elegíveis na opção Assunto (sugestões, reclamações, observações de correção, solicitações de acesso). Ao enviar o formulário, o usuário receberá na tela uma mensagem instantânea de confirmação do envio.

Figura 49 - Menu: Contato.

As Canções de Eulálio Motta
Hiperedição do livro "Canções de meu caminho" 3ª edição

Início | Sobre | O Escritor | A Obra | A Edição | Contato

Entre em contato conosco!

Nome *

Nome

Sobrenome

Sobrenome

E-mail *

Comentário ou Mensagem

Enviar

► Copyright © 2024

► Cláusula reserva

Quadro de avisos

25/03/2023 (19:40)	+
22/06/2024 (20:30)	+

Essa plataforma faz parte da tese de doutorado, *Hiperedição do livro Canções de meu caminho* de Eulálio Motta, desenvolvida por Taylane Vieira dos Santos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos / UEFS, 2024.

Fonte: <https://cancoesdemeucaminho.com.br/index.php/contato/>

O quadro de avisos é fundamental por manter os usuários atualizados sobre todas as modificações, correções, e acréscimos realizados na edição, tendo em vista que o acervo assim como a edição digital possuem um caráter aberto, mutável e expansivo, e dessa forma a pesquisa permite o acréscimo de novos materiais e o estabelecimento de outras relações que viabiliza a realização de modificações, inclusive a partir de comentários dos usuários. As alterações são informadas em ordem cronológica decrescente, constando o texto de aviso, data e hora das modificações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como “um galo sozinho não tece uma manhã”, um pesquisador sozinho não faz uma edição, ele precisará sempre de outros pesquisadores. Começo citando esse verso de João Cabral de Melo Neto para ratificar a importância do trabalho colaborativo na práxis filológica e na lida com acervo. Editar *Canções de meu caminho* ao mesmo tempo que foi um presente, foi desafiador. Trata-se de uma obra marcada por três edições, que apresentam poemas que retratam os caminhos do próprio escritor e que demarcam o percurso literário trilhado pelo mesmo. O livro testemunha sonetos, poemas de versos livres, cantigas, escritos na década de 1920 até os últimos dias de vida de Eulálio Motta.

Para a elaboração da hiperedição do livro *Canções de meu caminho*, foi possível colocar em prática um modelo de edição que tornou acessível as peculiaridades dessa obra. Através do site <https://cancoesdemeucaminho.com.br/> apresentamos a edição fac-similar, a transcrição linearizada, a transcrição atualizada com links, a edição em pdf e o confronto sinóptico para os textos de tradição politestemunhal. As transcrições estão acompanhadas da descrição, dossiê (depende do texto) e nota do editor.

Realizar a hiperedição de *Canções de meu caminho* foi desafiador pelo fato de ser um *corpus* bastante extenso. A maior parte dos poemas são de natureza politestemunhal, com cinco, seis, sete testemunhos de cada poema. O ato de pensar um modelo editorial que desse conta de toda complexidade e volume demandou muito tempo. O processo de editoração foi ainda mais difícil, pois eu não tinha conhecimentos na área da computação nem experiências com criação de sites, montagem de *layouts*, etc., logo, tive que recorrer a cursos específicos. Apesar das dificuldades, sinto-me corajosa por assumir tal missão. O filólogo contemporâneo precisa ser protagonista do próprio processo de editoração de uma edição digital, em contrapartida, o apoio técnico é extremamente valioso para auxiliar na resolução de questões específicas que envolvam conhecimentos mais especializados.

Ao relacionar a Crítica Textual aos conhecimentos propostos pelas Humanidades Digitais, é preciso que o pesquisador gire a chave para uma direção mais ampla, mais plural, mais política, mais ética e democrática em sua práxis filológica. Diante disso, as práticas editoriais vêm trilhando rumos que vão muito além do que a pura restituição de textos; rumos que demonstram o poder que a Filologia oferece aos textos, ao analisá-los sob uma perspectiva humanística e preocupada sempre com o contexto histórico, linguístico, social, cultural que tece cada objeto. A informática, associada à prática de edição ampliou as atribuições do editor

e ressignificou o texto. Segundo Lose (2010, p. 15), “[...] trata-se agora de uma mudança de paradigmas, configura-se uma nova forma de “raciocinar” o trabalho do editor.”

Apesar de manter contato com a obra *Canções de meu caminho* desde 2013, a fonte felizmente ainda não foi esgotada. É uma obra vasta, que dá margem para a realização de outras pesquisas; a própria hiperedição por ser considerada de natureza aberta, vulnerável e dinâmica, existe a possibilidade de dar continuidade a pesquisa e, futuramente, integrar outros elementos que não foram contemplados neste momento devido a necessidade de conclusão dentro do prazo previsto pelo programa.

Essa hiperedição surge para atender ao pedido de Eulálio Motta em publicar a terceira edição de *Canções de meu caminho* e vai além. É a concretização de uma edição que seguiu a perspectiva pragmática - a teoria social da edição, valorizou os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais em meio a um olhar crítico, sob uma leitura ética, humanística e democrática. A partir daí traçou-se um comprometimento em dar a ler todos os textos que fazem parte do livro supracitado. Para apresentar a tessitura das edições e as canções de Eulálio Motta foi preciso um olhar rizomático para descrever suas ramificações textuais em múltiplos sentidos sem início nem fim. Essa experiência editorial segue uma tendência dos estudos realizados na Bahia para ratificar a visão de uma filologia *made in* Bahia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. S. **A crítica filológica nas tessituras digitais:** arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna. 320 f. il. 2014. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. [Impresso + Recurso digital].
- ALMEIDA, Elizabeth N.; BARREIROS, Patrício N. A (hiper)leitura digital e o livro didático: um olhar filológico para a leitura literária na Educação Básica. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 213-232, jul./dez. 2020 <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v22i2p213-232>.
- ALMEIDA, Elizabeth N. **Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de Língua Portuguesa:** Plataforma Digital Bahia Humorística na escola. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2022.
- ALMEIDA, I. S. **Três fios do bordado de Jurema Penna:** leituras filológicas de uma dramaturgia baiana. 246 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- ALVES FILHO, Bráulio. Um poeta desconhecido. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 abr. 1949.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários.** Tradução José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BARREIROS, Liliane L. S. **Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta:** edição e estudo lexical de causos sertanejos. 181f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) –Departamento de Ciências Humanas, campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.
- BARREIROS, P. N. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**, v. 2, p. 20-33, 2014.
- BARREIROS, Patrício N. Itinerários do modernismo baiano: Sosígenes Costa, Bráulio de Abreu, Eulálio Motta e Eurico Alves. In: SILVA, Andréa do Nascimento M. (Org.). **Escuta de conchas: literaturas baianas.** Salvador: EDUNEB, 2016a, v. 1, p. 115-146.
- BARREIROS, Patrício Nunes. A oficina do escritor e os projetos editoriais de Eulálio de Miranda Motta. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 13, 2009.
- BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico. **Todas as Letras** (Makenzie), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. 386f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARREIROS, Patrício Nunes. **Sonetos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos literários e universo digital: conexões abertas. In: ANTUNES, Benedito. **Memória, literatura e tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 04, n. 02, p. 43-62, 2009.

BORGES, Rosa. Uma metodologia para a edição de textos do século XX. Revista **Philologus**, Rio de Janeiro, V. 26, n. 76, p. 787-805, jan/abr. 2020. Disponível em: <<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/457>>. Acesso em: 08 ago de 2022.

BORGES, Rosa et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Bowers, Fredson. “Some Principles for Scholarly Editions of Nineteenth-Century American Authors”, in **Studies in Bibliography**, Volume 17, 1964, p. 224-229, <<http://etext.virginia.edu/bsuva/sb/>> (acesso 17/02/07).

BUSHELL, Sally. Intention Revisited: Towards an Anglo-American ‘genetic criticism’, in **Text - From TEXT to Textual Cultures**. Edward M. Burns & W. Speed Hills Eds. Society for Textual Scholarship, 2005, pp. 55- 91.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Trad. de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CINTRA, P. A. da S. **Edição de poemas do livro Luzes do Crepúsculo, de Eulálio Motta**. 2019. 300f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

CORÔA, Williane Silva. **Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem Made in Bahia, de Antonio Cerqueira**. 2012. 200 f. + CD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CORREIA, F. P. **Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde**: acervo e edição de Os Desinibidos. Tese – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Salvador, 2018.

CORREIA, F. P. **O desabrochar de uma flor em tempos de repressão**: edição e crítica filológica de *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde. 216 f. + DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia** - Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DESIDÉRIO, M. R. V. N. **Edição dos poemas avulsos de Eulálio Motta**. 2019. 512f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

DOUBROVSKY, S. L'autofiction dans le collimateur. **autofiction.org**, 23 maio 2013. Disponível em: <<http://www.autofiction.org/index.php?post/2013/05/23/Serge-Dobrovsky>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

EVEN-ZOHAR, Itamar 1978 [1974]. "The Relations between Primary and Secondary System in the Literary Polysystem." In **Papers in Historical Poetics**. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, pp. 14-20.

FRANCO, Tasso Paes. No meu tempo de menino meu 1º ofício foi aprendiz de tipógrafo (tf), 2020. In: **No Meu Tempo de Menino - o último apito do trem**, Serrinha (1945/1957) - 16ª crônica. Disponível em: <<https://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2020/09/16/no-meu-tempo-de-menino-meu-1-oficio-foi-aprendiz-de-tipografo-tf,128167,0.html>> Acesso em: 05 ago. 2021.

FRANCO, Tasso. Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996. In: NETA, Amélia S. A. Atividade doutrinária: a “missão histórica” do jornal o serrinhense. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal - RN, 2013.

GASKELL, Philip. **A New Introduction to Bibliography**, Winchester: St. Paul's Bibliographies, 1995 [1972].

GUMBRECHT, H. U. **Los poderes de la Filología**: dinámicas de una práctica académica del texto. Tradução A. Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007 [2003].

HOLANDA, Maria A. P. S. XIMENES, Expedito E. O Labor filológico e as Humanidades Digitais. Revista do **GELNE**, v. 24, n. 1, p. 124-135, 2022.

JACCOMARD, H. **Lecteur et lecture dans l'autobiographie française contemporaine**: Violette Leduc, Françoise d'Eaubonne, Serge Doubrovsky, Marguerite Yourcenar. Genève: Droz, 1993.

LEJEUNE, P. Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 537-544, 2013.

LOSE, A. D. **Arthur de Salles: esboços e rascunhos**. 2004. 265f. il. + anexos + 1 CD-ROM (edição digital). Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – PPPGLL do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2004.

LOSE, Alicia Duhá. Filologia: diálogos possíveis. In: **Seminário de estudos filológicos**, 5, 2010, Salvador. Anais..., Faculdade São Bento, 2012.

LOURENÇO, Isabel Maria da Graça. **The William Blake Archive: da gravura Iluminada à edição eletrônica**. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Língua e Literaturas Modernas. Coimbra. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/12069>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LUCÍA MEGÍAS, José M. Hacia nuevos paradigmas textuales (edición y difusión de los textos literarios en el siglo XXI). **Literaturas: del texto al hipertexto**. Universidad Complutense de Madrid, 2007.

MAGALHÃES, L. B. S. **Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição digital do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia**. 2013. 418 f. + 1 pen drive (edição digital). Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Papéis que narram: os documentos do Mosteiro de São Bento da Bahia contam a história da instituição**. 2018. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MARCOTTE, Sophie. **O hipertexto**. Disponível em: <<http://www.arts.uottawa.ca/astrolabe/articles/art0003.htm>>. Tradução: Nathalia Campos, Rafael Figueiredo. Acesso em: 10 dez. 2022.

MARQUES, Reinaldo. Acervo de Escritores Mineiros: Espaço de saberes nômades, p. 247-264. In: **Acervos de Escritores Mineiros – Memórias e histórias**. FALÉ/UFGM, Belo Horizonte, 2019. Organizadores: MEDEIROS, Elen de. RODRIGUES, Leandro G. ISBN: 978-85-7758-364-5 (digital).

MARQUES, Reinaldo. **Memória literária arquivada**. ALETRIA, v. 18, p. 105-119, 2008.

MARQUES, Reinaldo. **O arquivo literário como figura epistemológica**. Matraca, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, jul./dez. 2007. Disponível em: www.pgletas.uerj.br. Acesso em: 20 abr. 2017.

MATOS, T. L. A. B. **Edição do livro inédito Flôres e Espinhos, de Eulálio Motta**. 2018. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: <<https://eulaliomotta.files.wordpress.com/2018/07/tainc3a1-versc3a3o-definitiva-imprimir.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2021.

MCGANN, J. **The textual condition**. Princeton: Princeton University Press, 1991.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, 2005.

MONTE, Vanessa; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596)**. Revista da **Abralin**, v. 16, p. 239-264, 2017.

MOTA, M. M. **Filologia e Arquivística em tempos digitais: o arquivo hipertextual e as edições filológicas de *A Escolha* ou o *Desembestado* de Ariovaldo Matos**. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Alma enferma**. Salvador: Imprensa Vitória, 1933.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Canções de meu caminho**. Serrinha: Tipografia d'O Serrinhense, 1948.

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Canções do meu caminho**. 2. ed. [s.l.], [s.n.], [1983].

MOTTA, Eulálio de Miranda. **Ilusões que passaram**. Salvador: Oficina Gráfica d'A Luva, 1931.

MOTTA, Eulálio de Miranda. Rabiscos: **Jornal Mundo Novo**, Mundo Novo, 1932.

NELSON, T. H. **Máquinas literárias**. Sausalito, CA: Mindful Press, 1982.

NELSON, T.H. **Transliteratura**. 2007. Disponível em: <<http://translitterature.org/>>. Acesso em: 2 set. 2021.

NERI, Carla Cristina Santos; BARREIROS, Patrício Nunes. Plataforma para fins didáticos do livro *Canções do meu caminho* de Eulálio Motta. XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2023. **Anais**.

NUNES, Marília Andrade. **Do rascunho ao hipertexto: edição de sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado**. 2013. 229 f. + 1 DVD (edição digital). Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; KEPLER, F. N. E-Dictor: Uma ferramenta integrada para a anotação de edição e classe de palavras. **VI Encontro de Linguística de Corpus**, São Paulo, 2007.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria. Clara. Texto digital: uma perspectiva material. Revista **ANPOLL** (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), v 1, n 35, 2013. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643/712>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PAIXÃO DE SOUZA, Maria Clara; KEPLER, F.N.; FARIA, P. E-Dictor: novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos. In: SHEPHERD, Tania; SARDINHA, Tony

Berber; PINTO, Marcia Veirano (Org.). **Caminhos da Linguística de corpus**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PINTO, Patrícia Silva. **Eulálio Motta: o poeta da saudade**. 2020. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Coorientador: Patricio Nunes Barreiros.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

RICO, Francisco. **El texto del “Quijote”**: preliminares a una ecdótica del Siglo de Oro. Barcelona, Ediciones Destino, 2005, pp. 10-11, p 310.

ROCHA, Juliana Pereira. **Edição de trovas de Eulálio Motta**. 376 f.: il. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, Lucas de Jesus. A Filologia como ética de leitura. Revista da **ABRALIN**, v.16, n.2, p. 129-168, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/download/52291/32218>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SAHLE, Patrick. **O que é uma edição digital acadêmica?** Disponível em: <<https://books.openedition.org/obp/3397>>. Acesso em: 08 out. 2022. P. 19-39.

SAID, Edward. O regresso à filologia. In: _____. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007 [2004]. p. 80-109.

SANTAELLA, Lucia. **A Ecologia Pluralista da Comunicação. Conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patricio Nunes. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. **Légua & Meia**, Brasil, n. 9, v. 1, p. 101-122, 2019.

SANTIAGO, Stephanie da Cruz. Meu caro Eudaldo: **Edição dos rascunhos de cartas do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SANTOS, Fernando Santana de Oliveira. **Intelectual de(a) Ação: a militância integralista de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947)**. 2018. 219f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2018.

SANTOS, Sheila Cardoso dos. **A poesia amorosa de Eulálio Motta**. 2020. 142f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SANTOS, Taylane V. dos. **Edição e estudo do processo criativo do livro inédito Canções do meu caminho 3ª edição**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2017.

SHILLINGSBURG, P. L. Principles for Eletronic Archives, Scholarly Editions, and Tutorials. In: FINNERAN, R. J. (Org.). **The literary text in the digital age**. United States of America: University of Michigan, 1999 [1993].

SILVA, Sabrina de Santana Silva. **Edição dos rascunhos de cartas de Eulálio Motta no caderno Monitor**. 2020. 202f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) - Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1999.

SNYDER, Ilana. **Hypertext: The Electronic Labyrinth**. Victoria: Melbourne University Press, 1996.

SOARES, Edna M. V. Crítica Textual moderna e a Sociologia dos textos: a materialidade dos textos e o locus para se pensar a instância colaborativa na produção textual. **Manuscrita** – Revista de Crítica Genética, n 32, p. 61-73, 2017.

SOUZA, A. S. **Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades**. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUZA, Débora de. BORGES, Rosa. Filologia e Humanidades Digitais na edição de textos modernos. **Travessias interativas** – Entre Manuscritos e Impressos: estabelecimento, edição e Crítica de textos da época Moderna. ISSN 2236-7403, n. 20, Vol. 10, 2020.

SOUZA, Débora de. **Série de estudos cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: Arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico**. 2019. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, Débora. Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa: processo de Tanselle, G. Thomas. **O Problema Editorial da Intenção Autoral Final, em Estudos de Bibliografia**, Volume 29, pp. 168-212, 1976, <<http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb/>> (acesso 18-02-2007).

THATCAMP. **Manifesto das Humanidades Digitais**. ThatCamp. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp], 2013. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 12 out. 2021.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 070/2016. Aprova o Projeto de Pesquisa **Edição das Obras Inéditas de Eulálio de Miranda Motta (IV Etapa)**, sob a coordenação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade, financiado pela FAPESB. Feira de Santana-BA: D.O.E., 2 set. 2016.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE No 128/2008. Aprova o Projeto de Pesquisa **Edição das Obras Literárias Inéditas de Eulálio de Miranda Motta**, sob a coordenação do Prof. Patrício Nunes Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 27 ago. 2008.

URBINA, Eduardo et al. Humanidades digitales, crítica textual y la edición variorum electrónica del Quijote (EVE DQ). AISPI. **Actas XXIII** (2005), p. 223-235. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/21/I_20.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

WHITEHEAD, J. **Orality and hypertext**: an interview with Ted Nelson. 1996. Disponível em: http://www.ics.uci.edu/~ejw/csr/nelson_pg.html. Acesso em: 3 set. 2022.

ZELLER, Hans. A New Approach to the Critical Constitution of Literary Texts, in **Studies of Bibliography**, Volume 28, 1975, pp. 231-264, <http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb/> > acesso 13 ago de 2022.